

**André Renato de Oliveira**

**O PENSAMENTO A PARTIR DO MECANISMO DO INCONSCIENTE NA  
PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA**

CAMPINAS  
2015



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

**ANDRÉ RENATO DE OLIVEIRA**

**O PENSAMENTO A PARTIR DO MECANISMO DO INCONSCIENTE NA PRIMEIRA  
TÓPICA FREUDIANA**

**ORIENTADOR: Prof.Dr Oswaldo Giacóia Júnior.**

Dissertação de mestrado apresentado ao  
instituto de Filosofia e Ciências humanas,  
para a obtenção do Título de Mestre em  
Filosofia.

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO  
ALUNO ANDRÉ RENATO DE OLIVEIRA, E ORINTADA PELO PROF.DR. OSWALDO GIACÓIA  
JÚNIOR.**

CPG\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

CAMPINAS  
2015

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

OL4p Oliveira, André Renato de, 1984-  
O pensamento a partir do mecanismo do inconsciente na primeira tópica freudiana / André Renato de Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Oswaldo Giacoia Junior.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Mill, John Stuart, 1806-1873. 3. Psicanálise. 4. Epistemologia. 5. Metapsicologia. I. Giacoia Junior, Oswaldo, 1954-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The thought from the unconscious mechanism in the first topical Freud

**Palavras-chave em inglês:**

Psychoanalysis

Epistemology

Metapsychology

**Área de concentração:** Filosofia

**Titulação:** Mestre em Filosofia

**Banca examinadora:**

Oswaldo Giacoia Junior [Orientador]

Daniel Omar Peres

Richard Theisen Simanke

**Data de defesa:** 30-08-2015

**Programa de Pós-Graduação:** Filosofia



A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 30 de junho de 2015, considerou o candidato ANDRÉ RENATO DE OLIVEIRA aprovado.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Junior

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Prof. Dr. Daniel Omar Perez



## RESUMO

Este trabalho possibilita uma nova avaliação do conceito de Freud sobre o pensar inconsciente dentro da chamada primeira tópica. Num primeiro momento, esta pesquisa apoia-se numa orientação epistemológica dos textos metapsicológicos de Freud a qual busca apresentar como se constitui o chamado aparato psíquico primário, que mostra como Freud o postula em inconsciente pré-consciente e consciente. Para Freud, nesta concepção de aparato psíquico, o inconsciente é dotado de representantes psíquicos da pulsão, os quais buscam a satisfação de maneira mais direta possível. Uma representação busca outra na tentativa de satisfazer-se. Já no processo secundário (pré-consciente/consciente), o investimento das representações acontece de maneira mais estável, de modo que Freud considera que é no processo secundário que ocorre propriamente o pensar. Contudo a posição sustentada por Freud pode conduzir à ideia de que o processo primário seria um tanto ilógico, irracional, demasiadamente simplista ou mesmo imediatista. Mesmo reconhecendo se tratar de mecanismos diferentes, a explicação apresentada por Freud, a respeito do pensar inconsciente na primeira tópica, mesmo justificável cabe uma nova avaliação. Afim de aprofundar e desenvolver bases mais sólidas esta pesquisa propõe investigar a concepção de Freud sobre a formulação de seu *Objektvorstellung* (Representação-objeto), que para Freud trata-se de um conceito fundamental para entendimento do sistema Inconsciente, Freud apresenta esse conceito como uma representação complexa, formada a partir de associações ainda não vinculadas a representação-palavra (*Wortvorstellung*) representação esta pertencente ao processo psíquico secundário.

Palavras-Chave: Psicanálise, Freud, Epistemologia, Metapsicologia, Associacionismo, Primeira Tópica.



## ABSTRACT

This work enabled a new assessment of the concept of Freud about the unconscious thinking within called First Topical. In a first moment, this research is based on an epistemological orientation from Freud's metapsychological writings which seek to present how is constituted the so called primary psychical apparatus, which shows how Freud postulated it in: pre-conscious and unconscious conscious. For Freud, in this conception of the psychic apparatus, the unconscious is endowed with psychic representatives of the drive (Trieb), so that such representatives seek satisfaction of way more direct possible. A representation connects to another in an attempt to seek his satisfaction. In the secondary process (pre-conscious / conscious), investment of the representations happens more stably so that Freud believes that the thinking occurs through the secondary process. However, the position held by Freud may lead to the idea that the primary process would be somewhat illogical, irrational, overly simplistic or even immediatist. Although both mechanisms are considered different, the explanation provided by Freud about the unconscious thinking in the First Topical, even justifiable, it is still worthy of a new assessment. In order to deepen and develop stronger bases for this research, it proposes to investigate the freudian conception on his formulation of Objektvorstellung (Representation-object), which for Freud it is a key concept for understanding the unconscious system. Freud presents this concept as a representation complex and formed from associations not yet linked to representation-word (Wortvorstellung), representation which belonging to secondary psychic process.

Keywords: Psychoanalysis, Freud, Epistemology, Metapsychology, Associationism, First Topical.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I Considerações prévias sobre textos metapsicológicos: pressupostos ao Funcionamento psíquico.....	6
1.1 As Pulsões e seus destinos: O combustível da psique.....	7
1.2 A repressão: A pedra angular da psicanálise.....	16
1.3 Algumas considerações a respeito do artigo: O inconsciente.....	28
1.4 Apresentação e funcionamento dos mecanismos dos sonhos: Complemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos.....	52
CAPÍTULO II O pensar inconsciente.....	59
2.1 A estrutura do aparelho psíquico: processo primário e processo secundário...60	
2.2 A circulação pulsional dentro do processo primário e secundário.....	69
2.3 O pensar no sistema inconsciente.....	80
2.4 A respeito do mecanismo inconsciente freudiano.....	88
CAPÍTULO III Possíveis incidências sobre uma concepção de “irracionalidade” do processo de pensamento inconsciente em Freud.....	97
3.1 A associação das ideias no âmbito inconsciente.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS.....	122



## AGRADECIMENTOS

À minha família.

Ao professor orientador Dr. Oswaldo Giacóia Júnior e ao professor Dr. Daniel Omar Perez, pela ajuda imprescindível à elaboração desta dissertação, ao professor Dr. Richard Theisen Simanke, homens que sem dúvida não foram feitos da mesma argila que os demais. E ao professor Dr. Enéias Forlin, pela oportunidade.

Minha gratidão também ao apoio prestado pelo Departamento de Filosofia da Unicamp (IFCH), bem como pela bolsa de estudos CNPq, imprescindíveis à realização deste trabalho;

Agradeço em especial à secretária do Programa de Pós-graduação, Maria Rita, pelas inúmeras vezes que pude contar com sua prestimosa ajuda nos trâmites acadêmicos;

A todos que de alguma forma foram importantes à realização deste trabalho.



*Iniciei minha vida profissional como neurologista  
com o intuito de aliviar meus pacientes neuróticos  
e acabei por descobrir fatos novos e importantes  
sobre o inconsciente. Dessas descobertas  
nasceu uma nova ciência: a Psicanálise.  
Paguei caro por este pedacinho de sorte.  
Encontrei forte resistência, porém finalmente eu consegui.  
Mas a luta ainda não terminou.  
(Sigmund Freud, entrevista à BBC em 1938)*

*Há leis que governam inclusive o delírio.  
(Leon Tolstói, Sonata a Kreutzer)*



## ABREVIATURAS.

Obras de Freud. G. W. = S. Freud, Gesammelte Werke (18 Bände und ein unnumerierter Nachtragsband)

Optou-se por utilizar conjuntamente às traduções em língua portuguesa a paginação original das obras completas de Freud em sua língua original quando se tratar de uma citação direta. Para tal usou-se a edição Fischer Verlag. de 1941.

(1900 a) Die Traumdeutung, Wien. G. W., Bd. 2–3

(1901 b) Zur Psychopathologie des Alltagslebens, Berlin, 1904. G. W., Bd. 4.

(1905 c) Der Witz und seine Beziehung zum Unbewußten, Wien. G. W., Bd. 6;

(1905 e) ›Bruchstück einer Hysterie-Analyse‹, G. W., Bd. 5

(1910 a) Über Psychoanalyse, Wien. G. W., Bd. 8,

(1911 c) ›Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides)‹, G. W., Bd. 8,

(1913 a) ›Ein Traum als Beweismittel‹, G. W., Bd. 10,

(1914 e) ›Zur Einführung des Narzißmus‹, G. W., Bd. 10.

(1915 d) ›Die Verdrängung‹, G. W., Bd. 10,

(1915 c) ›Das Unbewußte‹, G. W., Bd. 10,

(1915 f) ›Mitteilung eines der psychoanalytischen Theorie widersprechenden Falles von Paranoia‹, G. W., Bd. 10,

(1915 g) Triebe und Tribschicksale. G.W, Bd.10

(1917 c) ›Über Tribumsetzungen, insbesondere der Analerotik‹, G. W., Bd. 10,

(1917 d) ›Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre‹, G. W., Bd. 10,

(1917 e) ›Trauer und Melancholie‹, G. W., Bd. 10,

(1917a) Aus der Geschichte einer infantilen Neurose, GW. Bd 12

(1918 b) ›Aus der Geschichte einer infantilen Neurose‹, G. W

(1919 h) ›Das Unheimliche‹, G. W., Bd. 12,



## INTRODUÇÃO

A relevância dos processos de pensamento em Freud são inegáveis. A compreensão dos mecanismos do pensar é fundamental para o entendimento do processo evolutivo da obra psicanalítica freudiana.

O objetivo deste trabalho é expor a ideia do pensar a partir do mecanismo do inconsciente em Freud, defendendo a possibilidade de postular neste sistema um mecanismo elaborado de pensamento.

Para atingir tal objetivo, partiu-se da investigação dos textos metapsicológicos, já que estes propõe um modelo sintético do funcionamento psíquico normal e patológico, conhecido como primeira tópica freudiana fundada na distinção entre inconsciente, pré-consciente e consciente. Além da primeira teoria das pulsões fundada no princípio de prazer-desprazer, entendemos que nos textos metapsicológicos, Freud oferece conceitos fundamentais para pensarmos nossa tarefa; como a pulsão, o funcionamento da repressão à constituição do inconsciente e um esclarecimento sobre os mecanismos do sonho, por exemplo. Acreditamos que Freud avança em suas pesquisas e nota a necessidade de um aparelho que de conta da organização psíquica proposta por ele. Levando em consideração os textos chamados pré-psicanalíticos vê-se já em desenvolvimento uma preocupação de Freud com relação a uma espécie de epistemologia, contudo a ideia de aparelho remete diretamente a sua metapsicologia.

Freud começa a redigir essa série de ensaios ( *metapsicológicos*) em 15 de março de 1915. E em três semanas havia completado os primeiros dois ensaios: *As Pulsões e seus destinos(1915)* e *A Repressão(1915)*. O ensaio seguinte intitulado *O Inconsciente(1915)* que, segundo relata seu biógrafo Jones, Ernest. (1970 p.518), era o favorito de Freud, demorou outra quinzena para ser redigido. Os dois últimos artigos: *Suplementos metapsicológicos a teoria dos sonhos ( 1917[1915])* e *Luto e Melancolia(1917[1915])* foram finalizados onze dias depois.

Nos textos metapsicológicos, em especial no artigo *O Inconsciente(1915)*, é possível observar uma mudança bastante significativa na concepção dos processos psíquicos em Freud.

No artigo *O Inconsciente*(1915), Freud divide-se entre duas hipóteses: a chamada de dupla inscrição, ou seja, a ideia de que a representação ao passar para outro sistema recebe uma inscrição paralelamente à inscrição original, e a hipótese, denominada funcional, onde a mesma representação sofre, por parte de cada sistema, um investimento diferente, ou seja, muda de estado conforme o sistema que a abriga.

Freud estava atento que se tratava de mecanismos diferentes em funcionamento no aparato psíquico. Contudo, Freud somente consegue diluir o problema da hipótese tópica x hipótese funcional, quando propõe uma terceira posição, uma ideia já trabalhada por ele no texto *Sobre Afasias*(1891). A ideia é a de representação- objeto e representação-palavra e suas respectivas relações com os sistemas Inconsciente, pré-consciente e consciente. É sob esta terceira hipótese que esta pesquisa avançará.

De acordo com Freud (1915), temos notícia da representação de coisa por sua ligação com a representação de palavra, mas o conteúdo que se transmite à palavra não é o do referencial da representação de coisa, de um referencial externo (objeto), mas sim aquele que resulta do jogo dessa representação com outras representações de coisa, uma vez que estas são regidas pelo trabalho primário, sendo dessa relação que surge seu sentido, seu significado, e é isso que é colhido pela representação de palavra.

Pode-se pensar então como as representações-coisa se associam no inconsciente, não haveria uma espécie de pensar ou até mesmo uma necessidade reflexiva para dar conta destas associações. É possível que o processo psíquico primário, como Freud o postula seja realmente suficiente para dar conta de tais associações?

A resposta a esta questão pode ser obtida através de uma nova pergunta. Não haveria um pensar mais acurado neste sistema permeando estas associações?. Para reforçar o argumento, a pensar tal questão, serão levadas em consideração ideias de diferentes comentadores considerados clássicos, bem como outros estudiosos da obra de Freud, que de alguma forma abordaram tais ideias. Dentre os quais destaco: Garcia, Roza. (2011), Mezan, R.(2011), Simanke, R.T. (2006) Perez, D.O. (2012) Monzani L, R.(1989), Gabbi, Jr.(1994), Caropreso, F.(2003), Honda, H.(2002) e Thá, F.(2004).

Para tratar da ideia da constituição das Objektvorstellung (representação-objeto) foram confrontadas as ideias de Garcia-Roza (2011) Caropreso, F.(2008) e Thá, F. (2004) consideradas neste trabalho como ideias diretrizes conceituais a respeito da constituição da representação-objeto em Freud.

De acordo com Thá, F.(2004), a representação-objeto, é composta por um conjunto de imagens visuais, acústicas, táteis etc., que irão dar lugar a representação-objeto. Já para Garcia-Roza (2011), as associações de objeto não constituem por si mesmas uma representação-objeto, elas formam apenas a matéria prima para esta representação, segundo Garcia-Roza (2011) as associações de coisa agrupam-se para formar uma representação-objeto a partir de sua ligação com a representação-palavra (Wortvorstellung), somente mediante tal ligação, podemos falar numa representação-objeto.

A princípio, a interpretação de Thá,F. (2004) é a mais plausível, pois afirma que há uma associação das representações, que antecede a ligação com a representação-palavra.

Contudo Thá, F.(2004 p.119) aponta a existência de uma diferença entre as relações associativas presentes nas representações de objeto. Primeiramente as advindas das relações captadas pelo processo perceptivo, que formam os complexos de sensações associados numa representação e a ativação ou inibição das representações. Este processo de ativação ou inibição das representações, segundo Thá( 2004), é o que Freud chama de “processos de pensamentos”.

Caropreso, F. (2008) ressalta que no famoso capítulo VII da obra Interpretação dos Sonhos (1900), Freud sustenta que não basta uma representação estar associada à palavra para que ela possa se tornar consciente, é necessário também que a representação possua intensidade.

Tais afirmações indicam que o pensamento, para Freud não é fundamentalmente verbal, que as representações podem se organizar e ser ou não mapeadas pela linguagem.

Thá, F. (2004) atenta para os mecanismos do sonho que atuam no processo primário: a condensação, o deslocamento e a transformação em imagens, estes mecanismos segundo Thá, opõe sua lógica operatória a do processo secundário. O que justificaria uma interpretação de formação de objetos que antecede a linguagem. Tanto Thá como Caropreso afirmam que há

necessidade de intensidades. Contudo Thá chama atenção a outra forma de processo associativo o processo perceptivo, que formam os complexos de sensações associadas a uma representação. Freud postula a representação-objeto como um complexo de associações integrado por diversas impressões sensoriais, acústicas, cinestésicas entre outras, e nada mais que isso.

Essas especulações sobre as associações conduzem a última etapa dessa pesquisa. Apesar de Freud ter avançado em suas teorias, ao apontar a passagem do processo psíquico primário ao processo psíquico secundário, ele retoma referências sobre a representação-objeto e representação-palavra feitas em seu texto *Sobre a concepção das Afasias de 1891* e o faz por uma necessidade conceitual.

Quando Freud escreve sua monografia sobre as *Afasias(1891)*, havia uma forte influência das ideias associacionistas, em especial da tradição filosófica britânica, especialmente da obra de John Stuart Mill, que pode ser observado nitidamente em Freud. Possivelmente tal influência tenha se dado por intermédio das aulas de Brentano. Fato é que a psicologia associacionista parecia fazer parte do meio cultural de Freud.

Em seu texto *Afasias(1891)*, Freud remete o leitor a Stuart Mill, em especial sob sua noção de representação-objeto. Basta abriremos o livro de Mill *Logik I*, Cap. III ou mesmo já nas primeiras páginas de *System* para encontramos explicitamente elaborada a noção de representação-objeto. É importante salientar que Freud não muda sua concepção sobre este conceito.

Percorrendo o caminho de similaridades entre ambos e como este caminho se desenvolve em Freud, nota se que não é prudente (ou mesmo possível) desvincular as ideias associacionistas do mecanismo freudiano do pensar, já que o próprio Freud busca referencias nas ideias de Mill para constituir seu conceito de representação-objeto, as ideias de Mill fornecem subsídios para aprofundarmos nas concepções associacionistas em Freud e reafirmarmos a ideia da complexidade das associações inconscientes.

Em Mill (1869), temos a seguinte sequência sobre as leis de associação: primeiramente as ideias dos fenômenos semelhantes tendem a se apresentar conjuntamente ao espírito; em segundo lugar, quando os fenômenos têm sido ou experimentados ou concebidos em

contiguidade íntima com o outro, as ideias deles têm a tendência a se apresentarem conjuntamente.

Analisando as ideias de Mill, é possível observar que a simultaneidade se assemelha ao que ocorre no processo primário freudiano, a sucessão imediata ao processo secundário. Assim, as impressões que foram sucessivas nas vivências fundamentais são repetidas, no processo primário, de forma simultânea e só quando são recordadas em sucessão, no processo secundário, podem ser adaptativas e produzir prazer.

Esta pesquisa desenvolveu-se fundamentada nestas informações, levando a uma nova perspectiva da formação do pensamento inconsciente baseado na concepção freudiana de processo psíquico primário.

## CAPÍTULO I

### **Considerações prévias sobre textos metapsicológicos: pressupostos ao funcionamento psíquico**

Tendo em vista que o intuito desta pesquisa é apresentar o pensamento a partir do mecanismo do inconsciente em Freud, em especial na dita primeira tópica freudiana, que concebe o aparelho psíquico composto por três sistemas: Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente – optou-se por iniciar a investigação percorrendo o caminho de Freud, especialmente nos textos Metapsicológicos de 1915 a 1917. O uso do termo *mecanismo do inconsciente* merece atenção, mecanismos do inconsciente refere-se aos modos de funcionamento do aparelho psíquico, que sabe-se atuam de formas diferentes, ou seja, ao referir aos mecanismos do inconsciente a pesquisa faz referência aos processos que ocorrem neste sistema.

Já no que diz respeito a preferência pelos textos metapsicológicos, deve-se ao fato de ser nestes textos que Freud nos propõe seu modelo do funcionamento psíquico. Levando em consideração tal pressuposto, a intenção deste primeiro capítulo é mostrar a estrutura deste aparelho psíquico desenvolvido por Freud. O objetivo de mostrar como ele se constitui e como se dá seu funcionamento está em apresentar especialmente a hipótese econômica e topográfica, para podermos discutir, em momento posterior, as duas hipóteses do pensar que podemos inferir de Freud – a de um mesmo pensar em “lugares” distintos (inconsciente consciente) ou a de um pensar distinto cuja expressão se dá devido a função do gerenciamento de energias.

Discutiu se também o papel da pulsão na constituição desses aparelhos, já que podemos considerá-la como uma espécie de combustível da psique, apresentando suas fontes e seus destinos. O passo seguinte é a discussão do texto de Freud sobre a repressão, porque ele se refere a um dos principais conceitos da metapsicologia freudiana. Como é a repressão que

impede este “impulso” de ascender à consciência, expulsando desta o que lhe causa desprazer, o passo seguinte é a análise do texto *O inconsciente* (1915). Trata-se de artigo de grande importância ao trabalho, pois nele Freud afirma que uma representação pulsional que foi impedida de ascender à consciência continua a produzir efeitos mesmo permanecendo no inconsciente.

As concepções apresentadas neste artigo são importantes, porque constroem o caminho pelo qual discutiu-se o mecanismo do pensar. Por fim discutiu-se o texto *Sobre os sonhos*, que auxilia a entender os processos oníricos do sonho e seus mecanismos de trabalho.

Seguiu-se a ordem cronológica dos textos metapsicológicos, pois esta ordem se faz necessária a uma melhor compreensão da completude do esquema freudiano, a proposta da pesquisa neste primeiro momento foi a de apresentar o terreno freudiano sob o qual se apoiara a apresentação do mecanismo do pensar em Freud, além de possibilitar, à pesquisa fundamentos suficientes para dialogar num segundo capítulo com estudiosos do tema. E, assim apresentar subsídios suficientes para desenvolver nossas considerações e expor as problematizações a respeito do mecanismo do pensar na primeira tópica freudiana<sup>1</sup>.

### **1.1 As pulsões e seus destinos: o combustível da psique**

Freud (2010, p. 52) já no início do texto *As Pulsões e seus destinos* mostra a importância de tal conceito: “Um conceito ainda obscuro, mas que não podemos dispensar na psicologia é o de pulsão (*Trieb*)”. Embora o termo *Trieb* já possa ser visto antes nos textos freudianos, como no Projeto de 1895 (apud GABBI JR., 2003) e nos *Estudos sobre histeria* de 1893-1895 (FREUD, 1950), entre outros, nesses textos ainda não há o conceito propriamente dito de pulsão, apenas algumas aparições do termo e pouco claras.

---

<sup>1</sup> Freud empregou a palavra “aparelho” para definir uma organização psíquica dividida em sistemas, ou instâncias psíquicas, com funções específicas, que estão interligadas entre si, ocupando certo lugar na mente. Assim, o modelo tópico designa um “modelo de lugares”; Freud formulou primeiramente a primeira tópica, conhecida como Teoria Topográfica, e posteriormente apresentou a segunda tópica, conhecida como Teoria Estrutural ou Dinâmica. Como já dissemos, na primeira tópica de Freud, o aparelho psíquico é composto por três sistemas: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente.

Mas devemos nos atentar ao problema, Freud dirá que o conceito de pulsão ou força de natureza psíquica é um fundamento de sua ciência, ainda que não seja um conceito muito claro; na verdade, é uma convenção, que ele chega mesmo a caracterizar como um tipo de mitologia (Freud, 1933a, p. 95; 1933b, p. 211). Freud reconhece o problema.

No texto *As Pulsões e seus destinos* Freud define a pulsão como um impulso dinâmico e que possui quatro elementos: a pressão, o alvo, o objeto e a fonte. A pulsão age como uma força constante, comparável a uma “necessidade”, que não pode ser suprimida a não ser pela “satisfação”, que corresponde à finalidade da pulsão.

Freud vê modelos do que entende por pulsão na necessidade de se alimentar e na busca de satisfação sexual, os quais habitam todos os indivíduos. Desde o *Projeto* de 1895, Freud distingue os estímulos provenientes do mundo exterior daqueles que se originam no próprio corpo, cada um deles fazendo diferentes exigências ao aparato psíquico. No *Projeto(1895)* Freud explica que o sistema de neurônios  $\psi$  é alimentado a partir de duas fontes: uma exógena, através do sistema  $\phi$  de neurônios, e outra endógena, que atinge diretamente o sistema  $\psi$  núcleo.

Para o autor, um estímulo que vem de fora para o tecido vivo (a substância nervosa) é descarregado para fora do organismo por meio da ação. Esta ação se torna apropriada na medida em que subtrai a substância estimulada à influência do estímulo, afasta-a do raio de ação dele.

Freud a princípio recorre ao discurso fisiológico do sistema nervoso para explicar a descarga de excitação; este seria o esquema do *arco reflexo*, que corresponde a uma descarga imediata e total da quantidade de excitação e à “função” secundária (*ação específica*). Segundo Nasio (2009, p. 17), em seu *O prazer de ler Freud*:

O conceito de arco reflexo já era utilizado pela neurofisiologia do século XIX para explicar a circulação do influxo nervoso. O esquema do arco reflexo é muito simples: ele comporta duas extremidades, a da esquerda extremidade sensível, em que o sujeito percebe a excitação, isto é, a injeção de uma quantidade X de energia (por exemplo, quando este recebe uma martelada médica no joelho). A da direita, extremidade motora em que o sujeito libera a energia recebida numa resposta imediata do corpo. Entre as duas extremidades instala-se, assim, uma tensão que aparece com a excitação e desaparece com a

descarga motora. O princípio que rege esse trajeto em forma de arco é, portanto, muito claro: receber a energia e transformá-la em ação, e consequentemente reduzir a tensão do circuito.

Como foi apresentado, temos que atentar ao fato de que o psiquismo recebe estímulos provenientes de duas fontes: a exógena e a endógena<sup>2</sup>. A diferença fundamental entre eles reside no fato de os primeiros operarem com uma força momentânea, podendo ser removidos através de uma ação adequada, enquanto os segundos, por atacarem a partir do interior do próprio corpo, atuam como força constante contra a qual a fuga é ineficaz.

Além disso, tudo de essencial no estímulo está na suposição de que ele age como um impacto único; então pode ser liquidado também como uma única ação apropriada, cujo exemplo típico está na fuga motora diante do estímulo. Naturalmente esses impactos podem se repetir e se acumular, mas isso nada muda na concepção do processo e nas condições para abolição dos estímulos. A Pulsão por sua vez, não atua jamais como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Desde que não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga pode servir contra ela (FREUD, 2010h, p. 54/ G.W 1941 g, p.212)

Destaca-se tal oposição: a excitação pulsional e a excitação fisiológica pelas quais se contrapõem a força de impacto único momentâneo e a força constante, assim Freud propõe a constituição originária, no organismo, entre dois registros e territórios. Estariam em oposição, dessa forma, o interior e o exterior do organismo, constituindo uma fronteira entre dois espaços do vivente. Com efeito, pela mediação dessa distinção excitatória, o organismo poderia diferenciar originariamente os registros de dentro e os de fora.

Coloquemo-nos no lugar de um ser quase totalmente desamparado, ainda desorientado no mundo, que acolhe estímulos no seu tecido nervoso. Esse ser vivo logo será capaz de fazer a primeira diferenciação e adquirir a primeira orientação. Por um lado ele sentirá estímulos esses que atribui a um mundo externo, mas também, por outro lado, estímulos contra os quais é inútil tal ação, que apesar disso mantém o seu caráter de constante preeminência,

---

<sup>2</sup> Sabemos que a pulsão tem na obra freudiana o objetivo de dar conta de uma sustentação teórico-clínica para o funcionamento do aparelho psíquico, bem como tentar (re)pensar a relação dos possíveis aspectos fisiológicos entre o psiquismo e o comportamento do sujeito. A pulsão foi uma tentativa de ordenar algumas ideias e pressupostos que fornecem à psicanálise um possível estatuto de ciência.

esses estímulos são o sinal característico de um mundo interior, a evidência de necessidades pulsionais. A substância percipiente desse ser terá adquirido, na eficácia de sua atividade muscular, um ponto de apoio para distinguir um “fora” de um “dentro”. (FREUD, 2010h, p. 54/ G.W 1941 g p.213)

Pode-se inferir de tais ideias que a excitação se imporia como uma necessidade da qual o organismo não poder apenas se esquivar, ele precisa expulsá-la, como ocorre com as excitações fisiológicas, oriundas do interior e do exterior do organismo, porém a fuga de uma excitação fisiológica pela ação reflexa e muscular já não é suficiente para a excitação pulsional. Apontamos que a pulsão possui uma meta (*Ziel*) que é sempre a satisfação, que somente pode ser alcançada pela supressão do estado de estimulação na fonte da pulsão.

A tese de Freud é que não apenas a meta da pulsão é a satisfação, mas que essa satisfação já foi obtida um dia, em nossa “pré-história” individual. A busca de satisfação procura reeditar uma satisfação primária, e a busca desta satisfação se repete continuamente através dos objetos que se oferecem como substitutos da coisa (*Ding*), esta perdida pelo simples fato de que nunca foi tida.

O objeto da Pulsão é aquele com o qual ou pelo qual a Pulsão pode alcançar sua meta. É o que mais varia na Pulsão, não estando originalmente ligado a ela, mas lhe sendo subordinado apenas devido à sua propriedade de tornar possível a satisfação. Não é necessariamente um objeto estranho, mas uma parte do próprio corpo. (FREUD, 2010h, p. 58/ G.W 1941g p.215)

Esse objeto inespecífico não é, contudo, qualquer objeto, mas aquele que se liga à pulsão pela sua suposta capacidade de satisfação dela. Essa aptidão à satisfação possivelmente está vinculada à história do indivíduo, ao seu desejo e a suas fantasias.

Se a meta da pulsão é a satisfação, que somente pode ser alcançada pela supressão do estado de estimulação na fonte da pulsão; cabe agora compreender mais especificamente o conceito freudiano de fonte (*Quelle*).

Por fonte da Pulsão compreende-se o processo somático num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique pelo estímulo. Não se sabe se tal processo é normalmente de natureza química ou se pode corresponder também à liberação de outras forças, mecânicas, por exemplo. O

estudo das fontes da Pulsão já não pertence à psicologia. (FREUD, 2010h, p. 59/ G.W 1941g p.215)

O que se pode observar é que para Freud a fonte é corporal, não psíquica, e a excitação é representada na vida mental pela pulsão. Temos que ter em mente a distinção entre a pulsão (fonte somática) e as formas através das quais ela pode ser representada na vida anímica. Pretendemos abordar esta questão num segundo momento, contudo parece-nos que a teoria pulsional freudiana parte da separação entre corpo e mente.

Entende-se que Freud legitima os discursos tanto da biologia quanto da metapsicologia, dentro de seus respectivos campos conceituais. A pergunta que poderia surgir neste ponto é se a diferença de origem pulsional no corpo, por exemplo, entre pulsão oral, anal, escópica etc., possuem intensidades diferentes. Freud responde que as pulsões são todas qualitativamente iguais, devendo seu efeito apenas às magnitudes de excitação a que conduzem, e talvez também a determinadas funções dessa quantidade<sup>3</sup>. Essa visão de Freud parece ser semelhante à do *Projeto*, no qual ele diz que o aparato psíquico recebe, do exterior, apenas quantidades, e não qualidades.

Freud claramente se refere às pulsões sexuais, por mais que não seja totalmente explícito, porém parece atentar para as pulsões não sexuais, que ele chama de “pulsões primordiais” e que diferencia em: pulsões do eu, ou de autoconservação, e pulsões sexuais. As primeiras diriam respeito à conservação da vida do indivíduo, já as sexuais, como o próprio nome diz, serviriam à sexualidade. A diferença básica entre esses dois tipos de pulsão é que elas se encontram sob predomínio de diferentes princípios de funcionamento. Como as pulsões do eu só podem se satisfazer com um objeto real, o princípio que rege seu funcionamento é o de realidade; já as pulsões sexuais, podendo satisfazer-se com objetos fantasmáticos, encontram-se sob o predomínio do princípio de prazer.

---

<sup>3</sup> Quantidade é uma das duas hipóteses fundamentais do Projeto. Refere-se à quantidade de que os neurônios estão investidos e da qual tendem a se ver livres. Freud postula dois tipos de Q (quantidade de que os neurônios estão investidos): a Q e a Qn. A diferença entre elas, segundo Garcia-Roza (2011, p. 47), parece ser que: Q refere-se a quantidades de excitação ligadas à estimulação sensorial externa, enquanto a Qn é de ordem interna, intercelular. Os neurônios podem estar mais ou menos “carregados” de energia (Q). Freud usa o termo *besetzung* (ocupação) para designar a ocupação do neurônio pela Q. Quanto à qualidade, ela é referente a como tal acúmulo é sentido; por exemplo, o desprazer é sentido como acúmulo de Q e o prazer virá com sua descarga total; este fator de qualidade é introduzido pela consciência.

Mas Freud concede pouca importância a esta distinção, porque ele diz:

Mas essa proposta não tem a significação de um pressuposto necessário, como, por exemplo, a hipótese acerca da tendência biológica do aparelho psíquico; não passa de uma construção auxiliar, que deve ser mantida apenas enquanto se revela útil, e cuja substituição por outra não mudará muito os resultados de nosso trabalho de descrição e ordenação. (FREUD, 2010h p. 60/ G.W 1941g p. 216-217).

Para Sulloway (1981) mesmo Freud concebendo o homem como entidade biológica, ele não insistiu nas raízes biológicas da psicanálise, e que a maior parte das concepções fundamentais de Freud seriam de ordem biológica, tanto na sua inspiração, como em suas implicações. Para Garcia Roza (2011 p.82) Freud ao dizer que a Pulsão é um conceito que se situa na fronteira entre o anímico e corporal, não pretende postular uma nova substância intermediária, mas apontar o fato de que se trata de um conceito que articula o anímico e o somático. Neste ponto faz-se necessária uma explanação do conceito de “*apoio*”, que Freud menciona. Esse termo, em alemão, *Anlehnung*, é usado por ele para designar as relações que as pulsões sexuais mantêm originalmente com as funções vitais, as quais lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto. O termo *apoio* designa precisamente a relação primitiva da sexualidade com uma função ligada à conservação da vida, ou seja, o objeto do instinto é o alimento, enquanto o objeto da pulsão é o seio materno. Vale ressaltar que o termo *Instinkt* (Instinto) em Freud tem uma conotação diferente da *Trieb* (pulsão) para Freud instinto diz respeito aos esquemas filogenéticos hereditários, ele usa o termo no sentido clássico como “instinto dos animais”. Já a *Trieb*(Pulsão) se diferencia do instinto biológico na medida em que agrega qualidades psicológicas a este último. Somente a pulsão possui plasticidade, é capaz de se adaptar a uma infinidade de objetos. A pulsão é aquilo que movimenta um sujeito em direção a um objeto.

Para uma caracterização geral das pulsões sexuais podemos dizer o seguinte: elas são numerosas, originam-se de múltiplas fontes orgânicas, atuam de início independentemente uns dos outros, e apenas bem depois são reunidos numa síntese mais ou menos completa. A meta que cada um deles procura atingir é o prazer do órgão; somente após efetuada a síntese eles entram a serviço da função reprodutiva, tornando-se geralmente reconhecidos como pulsões

sexuais. Ao aparecer, apoiam-se inicialmente nas pulsões de conservação, das quais se desligam apenas aos poucos. (FREUD, 2010h, p. 63/ G.W 1941g p.218)

O que Freud diz é que, a princípio, o que o recém-nascido busca é repetir a experiência de satisfação que teve pela primeira vez ao sugar o seio materno, porém nessa primeira experiência a sensação prazerosa resultante do contato dos lábios com o bico do seio estava ligada à ingestão de alimento, até este momento é difícil distinguirmos o que era prazer de sugar e o que era satisfação da necessidade de nutrição. Essa distinção pode ser feita de maneira satisfatória, quando o prazer de sugar adquire independência da função de nutrir, o que caracterizaria o sugar autoerótico, ou seja, até o surgimento do autoerotismo, as pulsões se apoiavam nas funções biológicas e iam se desfazendo deste apoio de maneira gradativa e se tornando autônomas.

Esta distinção feita por Freud é extremamente complicada, pois como definir o que é prazer e o que é necessidade? É possível reduzirmos o papel das funções biológicas apenas à um apoio? É a Pulsão um derivado das funções biológicas?

A princípio entende-se que o biológico serve à Freud. Delouya, D. (1992) atenta que Freud, não empresta, salvo uma ou outra vez, um corpo de saber concreto à biologia mas busca em seus paradigmas pressupostos para constituir o fundamento, as bordas as fronteiras que circunscrevem seu campo. Seria mais adequado dizer que Freud pisa no campo da teoria da biologia ou das suas premissas filosóficas, principalmente no problema psicofísico. A princípio pode-se observar uma dívida do pensamento de Freud para com a biologia, uma fecundação deste pensamento por modelos tirados da biologia. Contudo para nós a questão não o quanto Freud, deve ou não a biologia, mas sim como esta força do sexual é transposta para o registro das representações. Assim, a ideia de Birman, J.( 1988) nos parece mais prudente, para este a pulsão é o mediador que faz com que a “ordem do corpo e a ordem da representação” estejam em permanente interação.

Para Birman, J. (1994 p.15) Freud na primeira parte de: *Para introduzir ao narcisismo*, nos coloca duas questões teóricas, de grande importância: 1- Qual seria a relação entre o narcisismo e o auto-erotismo, considerando-se que esse seria o "estado da libido" na origem da história do sujeito. 2- Admitindo-se a existência de um investimento primário da libido no ego

(libido do ego), por que ainda seria necessário admitir a existência de pulsões do ego que, não fossem libidinais? A primeira indagação Freud responde que é necessário admitir que não existe desde o começo, no indivíduo, uma unidade comparável ao ego, o ego deve sofrer um desenvolvimento. Mas as Pulsões auto-eróticas existem desde a origem; alguma coisa, uma nova ação psíquica, deve vir pois se acrescentar ao auto erotismo para dar forma ao narcisismo (*Freud A interpretação dos sonhos 1900 Apud. Birman, J. 1994 p.15*). Assim Birman, J. (1994) dirá que o discurso freudiano repudia qualquer concepção biológica sobre o eu e admite que essa instância psíquica deve corresponder a uma aquisição posterior na historia do individuo, a uma construção complexa que se constituirá lógica e historicamente após o auto-erotismo.

Mostramos anteriormente que o alvo da pulsão é a satisfação, porém este caminho em direção ao alvo não se dá de maneira direta e imediata, pois passa pelo objeto (que segundo Freud é aquilo no qual e pelo qual a pulsão procurara atingir seu alvo). O caminho percorrido não é livre de impedimentos. “Considerando os motivos que se opõem a que as pulsões sigam diretamente seu curso, podemos apresentar os seus destinos também como modalidades de defesa contra as pulsões” (FREUD, 2010h, p. 64-65).

No referido artigo Freud nos apresenta quatro destinos<sup>4</sup> para as pulsões sexuais<sup>5</sup>: a reversão no contrário, o voltar-se contra a própria pessoa, a repressão e a sublimação<sup>6</sup>.

Embora Freud nos diga que a transformação no contrário e o retorno à própria pessoa são processos distintos, eles não podem ser descritos separadamente. O primeiro destino diz respeito à finalidade da pulsão, que pode se transformar em seu contrário, e o segundo destino diz respeito ao objeto, que pode ser uma pessoa independente ou a própria pessoa. A finalidade

---

<sup>4</sup> É importante deixar claro que Freud entende por *destinos* os diversos modos de defesa que são erigidos contra as pulsões, a fim de impedir sua ação.

<sup>5</sup> É importante salientar que Freud está tratando dos destinos dos representantes ideativos da pulsão, e não dos destinos do Afeto, que são diferentes. Como sabemos, as pulsões não se dão nem no nível consciente nem no inconsciente, apenas por meio de representantes psíquicos da pulsão.

<sup>6</sup> Não temos conhecimento de nenhum artigo sobre a sublimação que tenha sido escrito por Freud. Trata-se de um tema complexo nesse autor. Em *O mal-estar na civilização* (2010f, p. 98), Freud afirma: “certamente algum dia poderemos caracterizá-la [a sublimação] metapsicologicamente”. Mais tarde, Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (2010d, p. 89) irá dizer: “Distinguimos com o nome de sublimação certa classe de modificação do alvo e mudança da via do objeto na qual intervém nossa valoração social”. Ele dá a seguinte definição: “A sublimação é um processo que diz respeito à libido de objeto e consiste em que a pulsão se volta para outra meta, distante da satisfação sexual, o acento recai então no desvio em relação ao sexual” (2010d, p. 89). Essa nos parece uma definição referencial para o conceito.

da pulsão é sempre a satisfação, a redução da tensão. Freud (2010) fala que as pulsões podem ser inibidas em sua finalidade, mas mesmo nesses mecanismos há uma satisfação substitutiva, parcial. Quanto ao objeto, ele é o que há de mais variável na pulsão; é através dele que a pulsão atinge seu objetivo. Garcia-Roza (2011) fala que objeto (*Objekt*) para Freud não é aquilo que se oferece à consciência, mas algo que só tem sentido enquanto relacionado à pulsão e ao inconsciente.

Assim, se considerarmos o retorno do sadismo em masoquismo, poderemos observar que o masoquismo implica uma passagem da atividade à passividade e uma inversão de papéis entre quem inflige o sofrimento e quem sofre. De forma análoga ao sádico, o exibicionista goza com o olhar do outro. Freud supõe uma alternância do predomínio de cada um dos pares de opostos durante a vida do indivíduo, e esta coexistência e alternância de opostos ele denomina *ambivalência*.

É através da ambivalência que ele aborda a questão do amor e do ódio, pois percebe que tais afetos desempenham um papel determinante nos conflitos psíquicos de seus pacientes.

A transformação de uma pulsão em seu contrário (material) é observada apenas em um caso, na conversão de amor em ódio. Sendo muito frequente encontrar os dois dirigidos simultaneamente para o mesmo objeto. O caso do amor e do ódio adquire interesse particular pela circunstância do enquadramento em nossa descrição das pulsões. Não se pode duvidar da íntima relação entre esses dois afetos contrários e a vida sexual, mas é preciso naturalmente se recusar a conceber o amor como uma pulsão parcial particular da sexualidade, de maneira igual aos outros. O amar não admite apenas uma, mas três oposições. (FREUD, 2010h, p. 72/ G.W 1941g p.231)

Ao examinar os destinos do amor e do ódio, pode-se destacar, segundo Freud, três polaridades que dominam a vida psíquica. A primeira delas seria a polaridade ego/não ego ou polaridade sujeito/objeto, conforme as excitações que atingem o ego tenham uma origem interna ou externa, esta correspondendo ao nível do real. A segunda polaridade seria prazer/desprazer, conforme a qualidade da sensação, e é relativa ao nível econômico. E por último a polaridade ativo/passivo, que é subjacente à posição masculino/feminino, referente ao nível biológico.

Quando o objeto é fonte de prazer, dizemos então que o amamos, mas quando ele é fonte de desprazer, o odiamos.

Na medida em que é autoerótico, o eu não precisa do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às experiências dos instintos de conservação do eu, portanto não pode deixar de sentir estímulos instintuais internos como desprazerosos por algum tempo. Sob o domínio do princípio de prazer se efetua nele mais uma evolução. Ele acolhe em seu eu os objetos oferecidos, na medida em que são fontes de prazer, introjeta-os e por outro lado expulsa de si o que se torna, em seu próprio interior, motivo de desprazer. (FREUD, 2010h, p. 75/ G.W 1941g p.228)

Freud diz que, após o objeto se tornar fonte de sensações prazerosas, produz-se uma tendência motora que busca aproximá-lo do eu, incorporá-lo ao eu. Freud fala nesse instante da atração que o objeto dispensador de prazer exerce e do amor que se diz existir pelo objeto. Inversamente quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência de esforço para aumentar a distância entre ele e o eu. Mas Freud chama atenção para o fato de que amor e ódio não se aplicam às relações das pulsões com seus objetos, sendo reservadas para a relação do eu total com os objetos.

Resta, agora, o terceiro destino da pulsão à repressão, A partir das hipóteses levantadas desde as observações clínicas desenvolvidas nos primórdios da psicanálise, Freud dirá que a repressão incide exatamente sobre essa composição, entre Drang e Objekt, inerente ao representante psíquico da pulsão, cindindo-a, decompondo-a, resultando daí destinos distintos para o componente representante ideativo e para o componente delegado energético ou afetivo. Desde o *Projeto (1895)*, Freud define a pressão ( Drang) como o elemento motor da pulsão que impele o organismo para ação específica responsável pela eliminação da tensão. Apresentaremos separadamente o papel da repressão.

## **1.2 A repressão: a pedra angular da psicanálise**

A repressão (ou recalçamento; [*verdrangung*]) é um dos principais conceitos da metapsicologia freudiana.

Muitos autores escreveram sobre as possíveis fontes das ideias de Freud sobre defesa, e prestaram especial atenção a noções comparáveis na obra do filósofo Johann Friedrich Herbart. Uma comparação das ideias de Freud e Herbart foi empreendida pela primeira vez por Luise von Karpinska num artigo intitulado “*Über die psychologischen Grundlagen des Freudismus*” ( *Sobre os fundamentos psicológicos do freudismo de 1914*) do qual decorreram outras pesquisas posteriores como as de Maria Dorer (1932) entre outros.

Herbart, defendia que as ideias de que uma pessoa esta consciente num dado momento lutam por suprimir ideias antagônicas ou com as quais não tem relação alguma, enquanto essas ultimas se empenham em ultrapassar o “limiar da consciência” e substituir as primeiras. Esta noção de ideias sendo reprimidas constantemente foi sem dúvida, muito preponderante em todo século XIX. O predomínio do modelo de inibição pode ser visto nas teorias fisiológicas da hipnose, por exemplo.

Segundo Andersson (2000), houve uma tendência geral nos escritos de Freud em 1893-94 que evoluiu de descrições e explicações fisiológicas para uma abordagem de cunho clínico-psicológica. Esse movimento de passagem pode ser ilustrado pela introdução do conceito de “defesa” por parte do “ego”. De acordo com as afirmações freudianas essa novidade foi obtida diretamente de sua experiência clínica de tratamento em pacientes não hipnotizados.

Freud em seu artigo intitulado “*As neuropsicoses de defesa*” publicado em 1894, revela importantes mudanças em sua abordagem da patologia da histeria. Freud reconhece neste artigo a existência de casos de histeria em que o fator patogênico primário, levado a uma divisão da consciência a à ausência de ab-reação normal a um evento traumático, é o “estado hipnoide espontâneo” de Breuer. Porém como nos atenta Kenneth, L. (1980 p.95) Freud esta mais interessado nos casos de histeria em que a divisão da consciência não é espontânea, mas resulta de “um ato de vontade por parte do paciente”. Ele designou esta segunda situação como “histeria de defesa”. ( *Freud As neuropsicoses de defesa 1894. Apud. Kenneth Levin 1980 p. 95*).

Em artigos anteriores ( *Automatismo Psicológico de 1889, O estado mental dos histéricos 1892/1894* por exemplo) Freud sustenta que as ideias suprimidas relacionavam-se geralmente

com dúvidas e apreensões, ou impulsos repugnantes, que pareciam não revestir-se de grande significado intrínseco, posteriormente Freud passa a enfatizar a importância das ideias suprimidas *per se*, e insiste em que elas são extraordinariamente aflitivas e incomodas para o paciente: “ Uma ocorrência de incompatibilidade tem lugar em sua vida ideacional” – quer dizer ... O seu ego defrontou-se com uma experiência, uma ideia ou um sentimento que despertou um afeto de tal modo aflitivo que o sujeito decide esquecer tudo isso por não ter confiança em sua capacidade para resolver a contradição entre a ideia incompatível e o seu ego por meio da atividade de pensamento.( *Freud As neuropsicoses de defesa . Apud. Kenneth, Levin. 1980 p. 101*). Freud passa a acreditar então na ideia de que a supressão destas ideias na histeria envolve um processo psicológico distinto da inibição normal. Freud “*Nas neuropsicoses de defesa*”, pergunta-se que força psíquica é essa presente nos pacientes que impede que as ideias patogênicas se apresentem a consciência?

Já no início do texto: “*A repressão (1915)*”, Freud é categórico ao dizer que um destino possível para um impulso pulsional é encontrar resistências que buscam torná-lo inoperante.

Entre essas resistências, a repressão merece destaque, já que se trata de um compromisso entre a fuga – que é impossível em face de uma pulsão vinda de dentro, já que o eu não pode fugir de si mesmo – e a condenação. Freud fala da repressão como um meio termo entre fuga e condenação.

Fulgencio, L. (2008 p. 238) Dirá que a Repressão em Freud, é um procedimento de defesa psíquica do organismo para se livrar de estímulos ou excitações que causem desprazer. Não tendo a possibilidade de fugir (por ação motora), nem de eliminar (por satisfação ou descarga) certas excitações que causam desprazer, nosso psiquismo tentaria eliminá-las retirando-as da qualidade de serem conscientes.

Freud pergunta em seu artigo (1915): por que deveria um impulso instintual sucumbir a este destino? Ao que parece, embora a satisfação da pulsão produza o prazer em uma parte do psiquismo, esse prazer parece inconciliável com as exigências de outra parte do psiquismo. É então que intervém o julgamento pela condenação, que desencadearia a repressão.

Segundo Andersson (2000), portanto, a concepção de defesa responde por uma linha

de pensamento etiológico formulada por Freud e que faz parte do corpo teórico da psicanálise referente aos esforços do ego para afastar as representações incompatíveis, que são sempre de natureza sexual e, por isso mesmo, particularmente suscetíveis ao recalque, com a consequente formação de sintomas e o ganho (primário e secundário) inserido na doença que o paciente desenvolve. Segundo a interpretação de Andersson, Freud já acreditava a muito que as condições sexuais teriam um valor etiológico em relação às neuroses.

Pode-se ver, por exemplo, o caso de Elisabeth von R. onde Freud relata no decorrer do tratamento atribuir um significado mais profundo à resistência oferecida pela paciente na reprodução de suas recordações. Elisabeth é descrita por Freud como uma jovem senhora que manifesta sintomas histéricos de dores crônicas nas pernas e dificuldades em andar, e, em seu relato do caso, Freud comenta especificamente reconhecer a supressão de pensamentos e sentimentos eróticos, da paciente em relação a um cunhado e um amigo da família. Mas é a partir do trabalho de 1884 (*Sobre as neuropsicoses*) que as ideias sexuais adquiriram uma especificação maior para tratar as condições etiológicas da histeria.

Concordamos com Andersson quando este nos diz:

Até 1896, o conceito de defesa pode ser encarado como a mais importante contribuição de Freud no campo da psicopatologia. Tendo em vista o significado posterior que os conceitos de defesa e mecanismo de defesa adquiriram na psicanálise e na psicologia clínica geral. (ANDERSSON, 2000, p.203).

Sabemos que a teoria freudiana avançou, que as hipóteses dos processos fisiológicos transformaram em um modelo teórico, a “teoria da constância”, tornou-se base para a argumentação energética em “*As neuropsicoses de defesa*”, as ideias quantitativas, enfim ocorreram várias mudanças nas ideias de Freud, porém ao que parece sua ideia primordial, de: “expulsão da consciência” permaneceu.

No texto de 1915 (FREUD, 2010b), Freud defende que a essência do recalque consiste em rejeitar algo da consciência.

Além disso, a experiência psicanalítica com as neuroses de transferência nos leva a concluir que a repressão não é um mecanismo de defesa existente desde o início, que não pode surgir antes que se produza uma nítida separação entre atividade psíquica consciente e inconsciente, e que a sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência. (FREUD, 2010b, p. 85/ G.W 1941d p. 249)

Com essa separação (consciente/inconsciente), Freud lança a hipótese de que outros mecanismos de defesa contra as pulsões estejam ativos, tais como: a transformação em seu contrário ou retorno à própria pessoa. Ele dirá que, devido a tal distinção, parece haver uma extensa correlação entre repressão e inconsciente, correlação cujo estudo só será possível após se saber sobre a estrutura das instâncias psíquicas e da diferenciação entre consciente e inconsciente. Antes disso podem-se apenas reunir, de modo puramente descritivo, algumas características da repressão, as quais foram notadas clinicamente, arriscando repetir sem alterações coisas afirmadas em outros lugares.

Assim a repressão não é fundante das instâncias (consciente e inconsciente). tornado então necessário especular a existência de uma operação anterior, que realizaria, então, essa fundação, denominada “repressão originária”.

Esta é considerada por Freud como a primeira fase da repressão, que consiste no fato de ser negado, ao representante psíquico da pulsão, acesso ao consciente, produzindo assim uma fixação, ou seja, uma ligação da pulsão com o representante da representação. Freud explica que esta ligação ocorre devido a processos inconscientes, que serão posteriormente abordados. Pode-se exemplificar a primeira fase da repressão tomando como exemplo o caso do pequeno Hans, cuja angústia de ser mordido pelo cavalo oculta a angústia inconsciente de ser castrado pelo pai, sendo a ideia de pai a representação reprimida.

A noção de fixação está presente em vários trabalhos anteriores de Freud. Ela pode ser vista numa carta dele a Fließ (carta 52), de 6 de dezembro de 1896, na qual Freud escreve uma espécie de esboço de uma teoria da fixação. Nessa carta, ele parece preocupado em fornecer um esquema de aparato psíquico, entendido como aparato de memória, no qual o referencial central é a noção de traço. Freud esboça o seguinte “itinerário”: os estímulos provenientes de fonte exógena e de fonte endógena atingem o aparato psíquico sob a forma de impressão,

sendo que o que permanece como efeito dela é o traço, marca mnêmica da impressão. Todo traço é, portanto, traço de uma impressão e é o que vai se constituir como matéria-prima da memória do aparato, sob a forma de uma inscrição.

O segundo estágio da repressão é a repressão propriamente dita. Freud diz que ela afeta os derivados psíquicos da representante reprimida ou das cadeias de pensamentos, os quais, originando-se de outra parte, entraram em vínculo associativo com ela, ou seja, a repressão refere-se não apenas à representação propriamente dita, mas também aos derivados do inconsciente, isto é, as produções em conexões, mais ou menos afastadas do que é reprimido.

Simanke (2013) argumenta que na terceira parte do *“Caso Schreber”* há uma descrição muito próxima daquela exposta em *A Repressão* (1915) Ali, Freud distingue três etapas do processo. Na primeira, ocorreria uma *“fixação”*: a inibição no desenvolvimento de uma pulsão e a conseqüente permanência da mesma num estado mais arcaico. Nesse caso, diz Freud, *“a corrente libidinal respectiva se comporta a respeito das formações psíquicas posteriores como uma que pertença ao sistema do inconsciente, como uma reprimida”* (FREUD, 1911/1998, Apud Simanke. p.62). Essa primeira etapa seria pré-condição para a ocorrência da *“repressão propriamente dita”*, que corresponderia à segunda etapa do processo: ela partiria dos sistemas suscetíveis de consciência e se voltaria contra os derivados psíquicos daquelas pulsões anteriormente fixadas.

É importante também atentar ao fato de que a repressão da pulsão não desaparece, continua a se organizar no inconsciente, a produzir derivados e a se proliferar na obscuridade. Para entendermos melhor, voltemos ao exemplo de Hans: a angústia do cavalo, a incapacidade de sair na rua etc. são todos derivados do reprimido.

Freud diz haver, em igual medida, a atração que o primordialmente reprimido exerce sobre tudo aquilo com que pode estabelecer contato, e acrescenta que provavelmente a tendência para a repressão não alcançaria seu propósito, se essas forças não atuassem juntas, se não houvesse algo reprimido anteriormente, disposto a acolher o que é reprimido pelo consciente.

Porém a repressão não mantém afastados do consciente todos os derivados do reprimido primordial, uma vez que, quando eles se distanciam o suficiente do representante

pulsional reprimido, o acesso ao consciente se torna livre para eles. Freud diz que é como se a resistência que o consciente lhes opõe fosse uma função do seu distanciamento do originalmente reprimido.

Pode-se tomar como exemplo, para elucidar o recalque originário, um caso de Freud que, apesar de não estar nos escritos metapsicológicos, foi redigido em 1915 e que aqui seria de grande auxílio. Trata-se do texto de Freud intitulado: “Homem dos lobos”.

Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama (meu leito tem o pé da cama voltada para a janela em frente à janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando tive o sonho, e de noite). De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira em frente à janela. Havia seis ou sete deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se demais com raposas, ou cães pastores, pois tinham caudas grandes, como as raposas, e orelhas empinadas, como cães quando prestam atenção em algo. Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei e acordei. Minha babá correu até minha cama, para ver o que me havia acontecido. Levou muito tempo até que me convencesse de que fora apenas um sonho, tivera uma imagem tão clara e vívida da janela abrir-se e dos lobos sentados na árvore. Por fim acalmei-me, como se houvesse escapado de algum perigo e voltei a dormir. A única ação no sonho foi a abertura da janela, pois os lobos estavam sentados muito quietos e sem fazer nenhum movimento sobre os ramos da árvore, à direita e à esquerda do tronco, e olhavam para mim. Acho que foi meu primeiro sonho de ansiedade. Tinha apenas três, quatro, ou no máximo cinco anos de idade na ocasião. Desde então, até contar onze ou doze anos, sempre tive medo de ver algo terrível em meus sonhos. (GARCIA-ROZA, 2011, p. 182)<sup>7</sup>

Freud começa o tratamento do homem dos lobos em 1910. Este paciente teve uma infância truculenta, atravessada por uma histeria de angústia, uma fobia animal. Esta teve início por volta de seus quatro anos de idade e posteriormente se transformou numa neurose obsessiva de cunho religioso, que perdurou de seus dez aos dezoito anos. O paciente procurou Freud apenas aos vinte e três anos, quando já se sentia incapacitado e desencorajado para seguir sua vida.

Especificamente no que concerne à infância do paciente, Freud a descreve da seguinte forma: com a idade de três anos, o paciente foi introduzido a práticas sexuais que consistiam

---

<sup>7</sup> Este resumo do caso foi retirado da *Introdução a metapsicologia freudiana*, Cap. III, de Luiz Alfredo Garcia-Roza. Vimos como necessária para melhor compreender o recalque.

em deixar que sua irmã manipulasse seu pênis. Essa atitude passiva era unida ao fato de que a irmã sempre era elogiada pelos pais por ser mais inteligente e desembaraçada. Essa relação acabou propiciando o desenvolvimento de fantasias nas quais ele se colocava tentando ver a irmã nua e, por isso, castigado pelos pais.

Porém sua tentativa de sedução teve como alvo não a irmã, mas sim sua babá, porque na presença desta ele se punha a brincar com seu pênis. A babá repudiou essa sedução, numa reação que o fez sentir-se ameaçado de castração. Sua sexualidade, que nesse momento começava a generalizar-se, regrediu a uma fase sádico-anal. Após a ameaça da babá, ele voltou sua sexualidade para o pai, a quem passou a provocar constantemente visando ser castigado para retirar deste castigo sua satisfação sexual masoquista.

Segundo nos apresenta o relato de Freud, esse momento foi seguido por outro, no qual o paciente demonstrava sinais de neurose. O limite entre uma fase e outra foi demarcado pelo sonho acima relatado, que se constituiu no material por meio do qual Freud pôde entender o que se passava na mente do paciente.

Freud percebeu que o sonho narrado pelo jovem paciente parecia apontar para outra cena encoberta, e inteiramente desconhecida pelo sonhador, anterior à cena dos lobos do sonho, cena que teria ocorrido antes dos três ou quatro anos. Atentando para as associações feitas pelo paciente, chegou à conclusão de que o que emergira naquela noite do inconsciente do paciente foi a cena de uma cópula entre os pais numa posição peculiar: o pai em pé por detrás da mãe, e esta dobrada para frente, como um animal. O que o paciente fazia era associar a imagem da posição do pai à do lobo do conto de fadas.

A chamada cena primária deu-se aproximadamente na idade de um ano e meio, e o sonho com os lobos, na idade de três ou quatro anos, e foi a partir do sonho que teve início a angústia de ser devorado pelo lobo. Essa angústia, para Freud, nada mais era do que a transposição do desejo de ser copulado pelo pai e de obter satisfação sexual do mesmo jeito que a mãe. Seu pai era o lobo que copulava e sua mãe era o lobo castrado (passiva).

Para Freud o que o paciente se recusava a ver era sua masculinidade castrada para ser sexualmente satisfeito pelo pai. Podemos ver que o que ocorreu na cena primária foi a inscrição

inconsciente dessa cena, porém ela não apresentava ainda um valor traumático, já que nesse ponto a criança não dispunha de subsídios para compreender o significado dela.

O que ocorreu, nesse caso, é que, por ocasião da cena primária, não aconteceu, portanto, o recalque propriamente dito, mas o que Freud denomina como recalque primordial ou repressão originária, uma espécie de demarcação do psíquico que posteriormente dará lugar à sua divisão em dois sistemas, inconsciente e pré-consciente/consciente.

Freud explica que, no exercício da técnica psicanalítica, exortamos continuamente o paciente a produzir tais derivados do reprimido, os quais, devido à sua distância ou deformação, podem passar pela censura consciente.

Nisso observamos que o paciente pode continuar tecendo tal cadeia de associações, até que no seu curso depara com uma formação de pensamento na qual a relação com o reprimido age com tamanha intensidade, que ele tem de repetir sua tentativa de repressão. (FREUD, 2010b, p. 88/ G.W 1941d p.253).

É lícito imaginar que o reprimido exerce uma contínua pressão na direção do consciente, pressão que tem de ser compensada por uma ininterrupta compressão. Portanto manter uma repressão pressupõe um permanente dispêndio de energia, e a sua eliminação significa, economicamente, uma poupança.

Na tentativa de responder a esta questão (econômica do recalque originário), Freud lança mão do conceito de *contrainvestimento*, o único mecanismo do recalque originário. Posteriormente Freud irá defini-lo como um mecanismo pelo qual o sistema pré-consciente se protege contra as representações inconscientes<sup>8</sup>.

No recalque originário é recusado ao representante psíquico da pulsão o acesso à consciência. Mas, para que esse acesso seja negado, é necessário que exista uma instância responsável por essa função; o que ocorre é que essa instância surge somente após a clivagem do psiquismo, isto é, após o recalque. Faz-se então necessário que exista o recalque para que o recalque possa ocorrer. Freud encontra aí um paradoxo, e tem que postular a existência de um recalque originário, anterior ao recalque propriamente dito, que passa a se chamar *secundário*.

---

<sup>8</sup>Importante ressaltar que sempre o recalque originário é anterior à constituição do sistema inconsciente.

O recalque secundário, como já dissemos, recai sobre os derivados psíquicos da representação atingida pelo recalque primordial ou mesmo sobre os caminhos que possam conduzir a ela. O destino dos derivados é o mesmo que o da representação original: eles são excluídos da consciência. Freud nos diz que o recalque primário ou original está presente desde a primeira infância, depois entra em cena o recalque propriamente dito. O recalque não impede o representante-representação de continuar agindo (nem o elimina); esse recalado continua atuando, formando conexões.

Quando o recalque secundário recai sobre os derivados da representação-objeto do recalque primordial, nem todos os derivados caem sob sua censura, há pois os que conseguem se distanciar o suficiente – e Freud diz não ter como medir tal distância–podem escapar ao recalque secundário.

Para Freud esses derivados são de essencial importância à prática psicanalítica, por isso, como vimos, o paciente é exortado a fazer derivados do reprimido. No artigo *A Repressão*, Freud (2010b) mostra que o recalçamento recai sobre um representante pulsional, ou seja, sobre uma representação ou um grupo de representações investidas a partir da pulsão. Entretanto, segundo ele, esse representante pulsional não poderia ser considerado, na observação clínica, como algo unitário, mas sim que deveria ser decomposto em dois elementos, que seriam: a representação (propriamente dita) e algo distinto dela e que representa a pulsão, ou seja, o *quantum de afeto*.

Em nossa discussão tratamos até o momento, da repressão de um representante pulsional, entendendo por isso uma ideia ou grupo de ideias investido de um determinado montante de energia psíquica (libido, interesse) a partir da pulsão. A observação clínica nos leva a decompor o que até então apreendemos como uma unidade, pois nos mostra que é preciso considerar, além da ideia, uma outra coisa que representa a pulsão e o fato de que ela experimenta um destino de repressão que pode ser inteiramente diverso do da ideia. (FREUD, 2010b, p. 91/ G.W 1941d p.255)

Para Simanke (2013) apenas em 1915 Freud, expõe claramente a ideia de que A representação reprimida seria, portanto, ou a representação de coisa que perdeu o seu vínculo

com a palavra (no caso da repressão propriamente dita) ou aquela que nunca estabeleceu esse vínculo (no caso da repressão primordial). Simake (2013) argumenta que Freud passa a diferenciar entre uma “repressão primordial” — que consistiria na recusa do representante de pulsão por parte do pré-consciente (ou do processo secundário), o que teria como consequência a fixação desta no lcs — e a “repressão propriamente dita”

— que seria a retirada da ocupação pré-consciente de uma representação, à qual o representante de pulsão se tivesse associado. Como Freud já havia dito no Capítulo 7, duas forças cooperariam para a repressão propriamente dita: a repulsão por parte do pré-consciente e a atração exercida pelos desejos inconscientes.

Mas há ainda um outro elemento do representante psíquico, o (*Affekt*) “montante de afeto”, que corresponde à pulsão, na medida em que este montante de afeto se desligou da ideia e acha expressão proporcional à sua quantidade.

Considerando o que foi dito até aqui, pode-se dizer que o recalçamento incide exclusivamente sobre a representação. Mas e quanto ao afeto? Este é recalçável ou recalçado? Vamos formular melhor a questão, a “quota de afeto” se distingue do afeto propriamente dito, uma vez que a primeira diz respeito à quantidade de energia psíquica, enquanto o segundo é a percepção de uma descarga desta energia, que atinge o somático. Assim sendo podemos falar de uma “quota de afeto” inconsciente? num primeiro momento Freud não considera a existência de afetos inconscientes, uma vez que toda percepção deve passar necessariamente pela consciência. Para Freud o afeto não é recalçado, porém isso não quer dizer que se mantenha indiferente à ação do recalque. Se o que é atingido pelo recalque for o representante-representação, como um todo, o afeto também sofrerá, já que ele é parte desse representante.

Quando a representação é atingida pelo recalque, ela tem seu acesso à consciência vetado, enquanto que o afeto tem destinos diferentes. Freud diz que o destino geral da ideia que representa a pulsão dificilmente será outro senão desaparecer do consciente, se antes era consciente, ou ser mantido fora da consciência, se estava a ponto de tornar-se consciente. Já o destino do fator quantitativo da representante da pulsão pode ser triplo, como nos ensina um exame rápido das experiências reunidas na psicanálise.

A pulsão é inteiramente suprimida, de modo que dela nada se encontra: ou aparece como um afeto, qualitativamente nuançado de alguma forma, ou é transformada em angústia. Poderíamos entender nesse ponto a angústia como expressão da intensidade pulsional, sem que nenhuma representação estivesse ligada a ela e que, não podendo se expressar sob a forma de um representante ideativo, expressa-se corporalmente como pura intensidade, sem que qualquer significação lhe possa ser atribuída. Sendo assim, o que é recalcado do representante pulsional não é o afeto, mais sim as representações ligadas a ele.

Freud diz ser o destino do montante afetivo do representante muito mais importante do que a ideia, e que isso é decisivo para o julgamento do processo de repressão.

Compreende-se que Freud expressa claramente as dificuldades relacionadas ao estudo dos afetos. Assim, o estudo dos afetos parece ter sido, de certa forma, colocado em segundo plano pela psicanálise. Segundo Green (1982 p.8), isso se deve à "ausência de uma teoria psicanalítica do afeto satisfatória"

O pensamento de Winograd, M. (2011) parece confirmar a ausência de uma teoria do afeto em Freud, a autora nos dirá que apesar da importância do afeto para a teoria psicanalítica, Freud nunca fez uma definição, nem dedicou mais do que poucos parágrafos de alguns textos para esclarecer como pensava sua natureza e origem. O fato de Freud nunca ter sistematizado o que entendia por afeto, como fez, por exemplo, com o conceito de representação, deixou aberto o caminho para uma discussão técnica sobre seu estatuto teórico. Laplanche e Pontalis (1986) e Green (1997), por exemplo, veem dificuldades no estabelecimento do conceito de afeto em Freud, preferindo categorizá-lo como noção.

Já Reys, B. (1998) acredita que, dentre todos os termos empregados por Freud — afetos, emoções ou sentimentos —, o afeto é o único que poderia ser considerado um conceito, seja pela quantidade de vezes em que é empregado, pelo número de termos correlatos ou derivados, ou em virtude do contexto em que aparece.

Salvo as discrepâncias em relação ao afeto, entendeu-se como importante a nossa investigação deixar claro que em 1915, Freud fala dos modos pelos quais a pulsão é representada psiquicamente, ele identifica o *quantum de afeto* e a representação, mas em momento algum reduz o afeto a este *quantum*. O afeto propriamente dito é um complexo que

só se realiza quando há percepção, sensação e ligação do quantum a uma representação consciente. No recalque, produzir-se-ia um divórcio entre o quantum de afeto e a representação, ambos sofrendo destinos diversos.

Voltemos ao caso do “*Homem dos lobos*” e retomemos os fatos: quando criança, o jovem, após ter sido ameaçado de castração pela babá, dirige sua sexualidade para o pai, a quem passa a provocar constantemente com o objetivo de ser castigado e assim retirar daí uma satisfação masoquista. Esse desejo sexual pelo pai é recalcado e reaparece como fobia de um animal. A representação original é, ao longo de uma série de conexões, substituída pela figura de um lobo, enquanto que o afeto é transformado em angústia.

Freud ressalta o quanto esse recalque foi ineficaz, no sentido de substituir a representação penosa por outra, e totalmente ineficaz quanto a evitar o desprazer resultante do despendimento do *quantum* de afeto a ela ligado.

Como substituto, em seu lugar correspondente, encontra-se um animal, que se presta relativamente bem para o objeto de angústia. A formação substitutiva da parte ideativa (do representante pulsional) realizou-se pela via do deslocamento ao longo de uma cadeia de relações determinada de certa maneira. A parte quantitativa não desapareceu, mas sim converteu-se em angústia. O resultado é a angústia diante do lobo, em vez de reivindicação do amor do pai. (FREUD, 2010b, p. 95/ G.W 1941d p.258)

Sabe-se que o recalcado não elimina as representações sobre as quais incide, porque as representações recalçadas não apenas não são eliminadas, como lutam incessantemente pelo acesso à consciência, ou seja, o recalcado tenta reaparecer na consciência. Este seria o que Freud chama retorno do recalcado. Esse retorno se faz pelos caminhos desviados e por intermédio de derivados que, pela distância do derivado original e pelas deformações, escapam à censura. O que retorna, o faz sob compromisso, de tal modo que o desejo recalcado encontre uma expressão consciente, mas ao mesmo tempo não produza desprazer.

O retorno do recalcado é um processo que tem seu suporte na hipótese da indestrutibilidade dos conteúdos inconscientes. Os representantes recalcados não somente mantêm sua indestrutibilidade como também lutam permanentemente pelo acesso à consciência, construindo assim uma espécie de jogo de forças psíquico.

Como nos atenta Monzani,L.(1982p.272) toda pulsão necessita de um “representante-representação”, de algo que a represente no aparelho psíquico e dê uma forma determinada ao “montante de afeto”, pois ela é de ordem biológica e só se faz reconhecer quando representada no psíquico.

Inicia se agora as considerações sobre esses conteúdos indestrutíveis do inconsciente.

### **1.3 Algumas considerações a respeito do artigo *O inconsciente***

O artigo *O inconsciente* (FREUD, 2010e) foi escrito entre os dias 4 e 23 de abril de 1915 e nele Freud apresenta a existência do inconsciente, afirmando que a psicanálise evidenciou processos psíquicos que são “inconscientes em si”. O autor mostra que os processos de repressão não buscam apenas suprimir uma representação da pulsão, mas também impedir que ela se torne consciente, de modo que esta continue a produzir efeitos que atingem a consciência enquanto ela mesma permanece inconsciente<sup>9</sup>.

Freud justifica a existência do inconsciente dizendo que os dados da consciência possuem muitas lacunas, tanto em pessoas sadias quanto em doentes, e que se verificam com

---

<sup>9</sup> Antes mesmo de concluído o artigo *O inconsciente*, aparece em uma revista (*Zeitschrift*, de 1912) a tradução de um artigo seu escrito originalmente em inglês: “A Note on the Unconscious in Psycho-Analysis” [Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse], em português “Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise”. Nesse artigo Freud diz: “desejo expor em poucas palavras e tão simplesmente quanto possível o que o termo ‘inconsciente’ veio a significar na Psicanálise e somente nesta. Uma concepção - ou qualquer outro elemento psíquico - que se ache agora presente em minha consciência pode tornar-se ausente no momento seguinte, e novamente presente, após um intervalo, imutada, e, como dizemos, de memória, não como resultado de uma nova percepção por nossos sentidos. É este fato que estamos acostumados a explicar pela suposição de que, durante o intervalo, a concepção esteve presente em nossa mente, embora latente na consciência. Sob que forma ela pode ter existido enquanto presente na mente e latente na consciência não temos meios de adivinhar. O termo inconsciente, que foi empregado antes no sentido puramente descritivo, vem agora a implicar algo mais. Designa não apenas as ideias latentes em geral, mas especialmente ideias com certo caráter dinâmico, ideias que se mantêm à parte da consciência, apesar de sua intensidade e atividade. Pela diferenciação de ideias pré-conscientes e inconscientes, somos levados a abandonar o campo da classificação e a formar uma opinião sobre as relações funcionais e dinâmicas na ação psíquica. Encontramos uma atividade pré-consciente que passa para a consciência sem dificuldade e uma atividade inconsciente que assim permanece e parece se achar isolada da consciência”. O que se pode observar nesse texto que antecede o artigo *O inconsciente* é que Freud já pensava que os processos de pensamentos inconscientes se produzem à margem da consciência e dela independem.

frequência atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos, de que a consciência não dá testemunho.

Quando Freud começa a desenvolver a hipótese sobre um psíquico inconsciente em meados do século XIX, a psicologia era uma ciência da consciência, as hipóteses de uma identidade entre o mental e o consciente são bastante visíveis nas obras de autores como: Wundt, Brentano e Willian James, por exemplo.

Já no século XX como nos aponta Caropreso, F. (2008) encontramos uma clara predominância do domínio dos processos inconscientes para a explicação do pensamento e da ação e o seu foco principal no processo de delimitação de seu objeto e de seu campo de investigação orientou-se para as representações mentais conscientes e inconscientes.

A maior contribuição de Freud para a psicologia moderna teria sido, assim, a separação por ele estabelecida entre representação e consciência: embora não tenha sido quem propriamente 'descobriu' o inconsciente – o termo já aparecia, de uma maneira ou de outra, na filosofia, na ciência e na medicina anteriores a ele, coloco em destaque Eduard von Hartmann.

Caropreso, F. ( 2008) argumenta que a importância contemporânea do conceito de inconsciente na investigação psicológica e a função histórica que Freud desempenhou na formulação e na fundamentação desse conceito – parece justificar-se o esforço de resgatar os termos especificamente freudianos nos quais esse argumento pela existência e eficácia causal do inconsciente foi originariamente apresentado. Pode-se, assim, não apenas resgatar uma página decisiva do desenvolvimento histórico da psicologia científica (nem sempre apreendida em todo o seu alcance, tanto dentro quanto fora dos círculos psicanalíticos), como também dispor de um padrão para avaliar a relevância atual da reflexão metapsicológica freudiana e a dimensão da contribuição que ela ainda pode oferecer para a discussão epistemológica em torno das possibilidades da constituição da psicologia como ciência, sobretudo da perspectiva naturalista sustentada tanto por Freud quanto, mais recentemente, pela psicologia e pelas ciências da cognição em geral.

Concordamos com o argumento de Caropreso, F. em especial quando esta diz que é preciso reconhecer que o conceito de inconsciente que se encontra formulado em 1900 (*Interpretação dos Sonhos*) possui uma história prévia de desenvolvimento, cuja

consideração mostra-se imprescindível para sua compreensão. Perez, D.O (2012 p.59) também atenta a este fato, ele diz que assim como na história do pensamento, na própria obra de Freud o Inconsciente também não foi estabelecido da noite para o dia e nem por pura observação empírica. Não pretendemos aqui traçar todo o percurso de desenvolvimento do conceito de “psíquico inconsciente”, retomando todo o percurso de Freud desde a carta a Fliess de 6 de dezembro de 1896 até o artigo abordado (*O Inconsciente 1915*) mas sim apontar com fidelidade alguns aspectos deste percurso.

Mas, porque Freud traçou tal caminho até chegar ao inconsciente? Qual a relação deste com a pulsão e com a repressão? Corremos o risco de sermos repetitivos, contudo essa repetição se faz necessária para elucidar os motivos que levaram Freud a seguir essa ordem.

Sabe-se que o aparelho psíquico constituído pelo Consciente/Pré-consciente-Inconsciente funciona fundamentalmente pelo processo de repressão. Vimos que nesse processo há a pulsão, constituída pela ideia e afeto; quando se dá a repressão, esta ocorre sobre a representação, que é retirada de cena, e o afeto se vê obrigado a estabelecer uma nova relação com outra representação. Assim, o afeto continua existindo, mas ligado a uma outra representação.

O afeto, ao separar-se da ideia, segue caminho diferente, o que desencadeia um jogo de afetos dissociados de representações recalçadas. Pode-se ver que o principal papel da repressão é impedir o desencadeamento do afeto, contudo não devemos esquecer que o afeto segue seu percurso, mesmo que por outras vias. Ele se associa a outro representante que, devido à sua distância, permite-lhe ascender à consciência.

De acordo com Freud, a princípio, a repressão ocorre entre o inconsciente e o pré-consciente. A ideia ligada à imagem de um objeto de desejo proibido, que excitaria o indivíduo sexualmente, é reprimida e a excitação se reconduz, porém essa ideia recalçada não fica “vazia”, ela ainda possui carga afetiva.

Tomando como apoio o argumento de Caropreso, F. (2008) pode-se dizer que a primeira formulação do conceito de inconsciente se encontra no *“Projeto de uma psicologia”* (1895), mas para bem compreender qual foi a estratégia argumentativa utilizada por Freud para introduzi-la, é necessário levar em consideração algumas ideias elaboradas alguns anos antes, em especial

em: *“Sobre a concepção das afasias (1891)”*. Nesse texto, Freud desenvolve uma reflexão que lhe vai permitir redefinir o conceito de representação, como resultado da crítica ali empreendida às teorias localizacionistas do funcionamento normal e patológico da linguagem. Ele propõe que a representação consistiria no concomitante psíquico de um processo cortical associativo, que corresponderia à última etapa de uma série de reorganizações sucessivas que a informação sensorial sofreria em seu caminho da medula ao córtex. Para Caropreso, F. (2003) é somente no *“Projeto”* que a ideia de identificação entre o mental e o consciente começa a ser questionada. Segundo Caropreso, F.(2003) é nesse texto, que Freud redefine a consciência como algo restrito e posterior em relação aos processos representacionais que, em seu conjunto, constituem a mente.

Voltando ao artigo *O Inconsciente(1915)* Freud aponta uma distinção bastante precisa dos três grandes sentidos que a psicanálise atribui ao termo 'inconsciente': o descritivo, o dinâmico e o sistemático.

Segundo Caropreso,F (2003) O termo inconsciente é usado em sentido descritivo para designar um fato psíquico que, embora ausente da consciência – isto é, não percebido conscientemente –, continue presente na vida psíquica. Esse é o sentido mais geral que é atribuído à palavra inconsciente, e ele se justifica porque se parte da suposição de que, na ausência da consciência, as representações podem continuar existindo enquanto fatos psíquicos, Mas, além da possibilidade das representações continuarem existindo latentes na consciência, as manifestações neuróticas, assim como o fenômeno da sugestão pós-hipnótica, revelaram que elas mantêm ainda sua capacidade de ação na vida psíquica, sendo capazes, inclusive, de produzirem efeitos na consciência, havendo, assim, um psíquico inconsciente e "efetivo". Com isso, Freud passa de uma concepção descritiva do inconsciente para uma "dinâmica". Em sentido dinâmico, o termo inconsciente designa pensamentos e representações que, apesar de sua intensidade e de sua ação eficiente, permanecem afastados da consciência e insuscetíveis de se tornarem conscientes.

Mas há ainda o terceiro – e, segundo Freud (1912), o mais importante – sentido atribuído ao termo inconsciente pela psicanálise: o sistemático. A análise dos sonhos, diz Freud (1915), mostra que esse psíquico inconsciente e insuscetível de se tornar consciente é

governado por leis diferentes e, portanto, possui propriedades diferentes daquelas do psíquico suscetível de se tornar consciente; trata-se de uma categoria psíquica à parte. Essa constatação, diz ele, foi o que o levou a introduzir na teoria a hipótese de um sistema inconsciente, a qual visa estabelecer as características peculiares aos processos psíquicos insuscetíveis de se tornarem conscientes. Assim os processos psíquicos podem ser vistos sob três aspectos.

Estes seriam: o dinâmico, tópico e o econômico, para Laplanche e Pontalis ( 1970 p.167) pode-se definir a metapsicologia pela síntese destes três pontos de vista. Este último consiste em tomar em consideração os investimentos na sua mobilidade, as variações da sua intensidade, as oposições que entre elas se estabelecem ( noção de contra-investimento e etc). Segundo Laplanche e Pontalis ( 1970) ao longo de toda obra de Freud estão presentes considerações econômicas, para Freud, não seria possível a descrição completa de um processo psíquico sem a apreciação da economia dos investimentos.

Mas surge neste ponto uma dúvida, Freud parece não explicar o motivo pelo qual a ideia que manteve sua carga afetiva não chegar ao pré-consciente. Esse é um processo complexo e temos que nos perguntar a princípio em que sistema ocorre a retirada e a partida do investimento: no sistema pré-consciente, consciente ou inconsciente? Freud põe em jogo, então, outro fator já visto anteriormente, o contra-investimento, que é uma defesa por meio da qual o sistema pré-consciente se protege contra o impulso da representação inconsciente.

Viu-se como o medo fóbico do cavalo constitui para o pequeno Hans um contra-investimento consciente, que toma o lugar de sua angústia em face do pai, representação cujo contra-investimento permanece reprimido. No caso da repressão propriamente dita, o objetivo do contra-investimento é manter a representação reprimida, enquanto no caso da repressão originária seu objetivo é constituir a repressão e fazer com que ela perdure.

Assim, resumidamente: a ideia que representa uma pulsão no processo de repressão pode aparecer em estado inconsciente, uma vez que é reprimida, e, mesmo reprimida, esta ideia pode causar efeitos (seus derivados), que são denominados sintomas. Então poderíamos assim chamar de inconsciente tudo aquilo que é reprimido? Freud parece dizer que não, ao afirmar que tudo que é reprimido tem de permanecer inconsciente. Mas constata se logo de

início que o reprimido não cobre tudo que é inconsciente (FREUD, 2010e, p. 100/ G.W 1941 c p.266. ).

Freud insiste, no artigo *O Inconsciente*(1915), em deixar clara sua concepção sobre o inconsciente e o que ele representa para a Psicanálise. Como foi mencionado anteriormente, ele justifica a presença do inconsciente como necessária e legítima, já que verificamos com frequência atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos, de que a consciência não dá testemunho (FREUD, 2010e, p. 101/G.W. 1941 p. 266-267).

Além do mais, exigir que tudo o que sucede na psique seja conhecido também pela consciência seria uma pretensão insustentável, para Freud. Ele alerta para o fato de que a cada instante a consciência abrange apenas um conteúdo mínimo, de modo que a maior parte do que denominamos conhecimento consciente deve, de qualquer maneira, achar-se em estado de latência por longos períodos de tempo.

Isso ajuda a entender um mero erro ou um equívoco no discurso, “esta suposta incoerência” para o discurso consciente. Este estágio da mente, apresentado por Freud, possibilita justificar os ditos “atos falhos” freudianos.

O fato de uma representação ser inconsciente não é suficiente para determinar sua presença em um sistema psíquico, apenas indica sua não presença na consciência. Uma representação, mesmo estando fora do âmbito da consciência, pode tornar-se consciente por vontade da pessoa – como os fatos ocorridos em dias anteriores e que podem vir à consciência, sem nenhum esforço por parte do indivíduo –, além de não diferirem em sua natureza dos processos conscientes.

Por um lado, o inconsciente abrange atos que são apenas latentes, temporariamente inconscientes, mas que de resto não se diferenciam em nada dos conscientes, e, por outro lado, processos como os reprimidos, que, caso se tornassem conscientes, contrastariam da maneira mais crua com os restantes conscientes. (FREUD, 2010e, p. 108/ G.W 1941c p.268)

Apresenta-se agora as particularidades da concepção tópica de Freud, segundo consta no *Vocabulário da Psicanálise* de J. Laplanche e J.B Pontalis( 1970 pp.656-657) o termo tópica

significa teoria dos lugares, supõe uma diferenciação do aparelho psíquico num certo numero de sistemas dotados de características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem uns relativamente aos outros, o que permite considera-los metaforicamente como lugares psíquicos. Esta hipótese de Freud tem origem em todo um contexto científico ( neurologia, psicofisiologia, psicopatologia ). Segundo Laplanche e Pontalis (1970) a tese principal de uma distinção entre sistemas, e fundamentalmente da separação entre Inconsciente e pré-consciente/consciente, não pode ser separada da concepção dinâmica igualmente essencial à psicanálise, segundo a qual os sistemas se acham em conflito entre si.

Na primeira tópica, inconsciente e recalque são elaborados por Freud como conceitos correlatos e interdependentes. O inconsciente, na sua concepção dinâmica, alude exclusivamente ao material recalcado. O inconsciente da primeira tópica define-se inteiramente pelo conjunto de representações submetidas ao processo de recalque.

Freud utiliza uma simbologia para facilitar suas explicações a respeito das instâncias psíquicas às quais ele se refere: Cs, como símbolo da consciência, e o lcs, para o inconsciente. “Talvez possamos buscar socorro na sugestão de, ao menos na escrita, substituir ‘consciência’ pela abreviatura Cs e ‘inconsciente’ por lcs, ao usar as duas palavras em sentido sistemático” (FREUD, 2010e, p. 109).

Assim Freud passa a utilizar o termo sistemático para designar os processos que são inconscientes, cuja natureza difere dos processos conscientes e que não são suscetíveis de se tornarem voluntariamente conscientes, pois constituem o recalcado e pertencem ao sistema inconsciente.

Pretende-se deixar claro que há uma diferença fundamental, como se pode ver, entre a representação que é inconsciente no sentido descritivo, ou seja, a não consciência de um fato, e aquela que é inconsciente porque pertence ao sistema inconsciente. No primeiro caso, ela em nada difere das representações conscientes, e não há qualquer impedimento para que se torne consciente; já no segundo caso a representação é submetida a uma outra ordem, e existe uma resistência, feita pelos sistemas Pcs/Cs nos quais se dá a resistência em que a representação ocorre. Esta resistência é exercida entre os sistemas lcs e Pcs/Cs.

Freud explica essa divisão em sistemas, a que o ato psíquico está sujeito:

De maneira positiva, enunciemos agora, como resultado da psicanálise, que um ato psíquico passa geralmente por duas fases em relação ao seu estado, entre as quais se coloca uma espécie de exame (censura). Na primeira fase ele é inconsciente e pertence ao sistema Ics; se no exame ele é rejeitado pela censura, não consegue passar para a segunda fase, então ele é “reprimido” e tem que permanecer inconsciente. Saindo-se bem no exame, porém, ele entra na segunda fase e participa do segundo sistema, a que denominamos sistema Cs. Mas essa participação não chega a determinar inequivocamente a sua relação com a consciência. (FREUD, 2010e, p. 110/ G.W 1941c p.271)

O que Freud nos diz é que o reprimido ainda não é consciente, porém é capaz de consciência, é capaz de consciência em função de certas condições. Levando em consideração essa capacidade de consciência, ele chama o sistema Cs também de pré-consciente. Para Freud, o sistema Pcs partilha as propriedades do sistema Cs e a censura rigorosa cumpre seu papel na passagem do Ics para o Pcs.

Ao admitir esses dois (ou três) sistemas psíquicos, a psicanálise se distância ainda mais da psicologia descritiva da consciência. Mas encontra-se aí um problema com a articulação destes dois pontos de vista o problema da origem da distinção tópica. J. Laplanche e J.B. Pontalis (1970 p.660) apresentam duas possíveis respostas à questão, segundo os autores uma resposta consistiria em supor uma emergência e uma diferenciação progressiva das instâncias a partir de um sistema inconsciente que por sua vez mergulha as suas raízes no biológico, outra seria explicar a constituição de um inconsciente pelo processo do recalçamento, solução que leva Freud a postular, num primeiro momento, um recalçamento originário.

Freud aponta uma questão ao “lidar” com a topologia dos atos anímicos, ao dizer que, se um ato psíquico passa em geral por duas fases – uma primeira, na qual ele é inconsciente e pertence ao sistema Ics, e uma segunda, caso supere a censura, na qual ele se torna suscetível de consciência, passando a pertencer ao sistema Pcs – a pergunta e o registro inconsciente original desta ideia continuam a existir? O que acontece à representação quando é transportada do sistema Ics para o sistema Pcs? Freud parece achar a questão abstrusa, porém necessária, se quisermos formar da topologia, da dimensão psíquica profunda, uma ideia mais definida

(FREUD, 2010e, p. 11/ G.W 1941c p.270-271). Freud alerta que a topologia psíquica nada tem a ver com anatomia, porque se refere a regiões do aparelho psíquico, e não a lugares anatômicos.

Contudo a passagem de um sistema para outro não mantém inalterados os processos ou as representações envolvidas. Vemos essa questão já no início do artigo *O inconsciente*(1915), quando Freud pergunta: o que aconteceria à representação que pertence ao sistema Ics quando se torna Cs? Ocorre uma nova inscrição paralelamente à inscrição original que continua existindo, ou se trata da mesma representação que sofreu uma mudança de estado? Esta questão percorre todo o artigo *O Inconsciente* (1915)

Freud ressalta:

A primeira das duas possibilidades consideradas, a de que a fase Cs da ideia significa um novo registro da mesma, encontrável em outro lugar, é indubitavelmente a mais grosseira delas, mas também a mais cômoda. A segunda hipótese, de uma mudança de estado apenas funcional, é de antemão a mais provável, mas é menos plástica, mais difícil de manipular. (FREUD, 2010e, p. 112/ G.W 1941c p.274)

A princípio Freud parece não se decidir por nenhuma das duas, mas apresenta um interessante contraponto, que corresponde à seguinte situação: da mesma forma que uma representação pertencente ao sistema Ics se torna consciente, há também uma situação inversa, quando uma representação pertencente ao sistema Pcs/Cs passa a fazer parte do sistema Ics. Eis o recalçamento.

[...] a possibilidade de uma ideia existir simultaneamente em dois lugares do aparelho psíquico, e mesmo de quem não sendo inibida pela censura, avance regularmente de um lugar para o outro, eventualmente sem perder o seu primeiro assente ou registro. Isso talvez pareça estranho, mas pode se apoiar em impressões da prática psicanalítica. (FREUD, 2010e, p. 113/ G.W 1941c p. 274).

Freud esclarece que, se comunicarmos ao paciente uma ideia que ele suprimiu num dado momento e que descobrimos, num primeiro instante isso nada muda em seu estado psíquico. Principalmente, não suprime a repressão nem desfaz suas consequências, como talvez

se esperasse do fato de a ideia antes inconsciente haver se tornado consciente. Freud vai mais além:

Pelo contrário, de início obteremos tão só uma nova rejeição da ideia reprimida. Mas agora o paciente tem de fato a mesma ideia em dupla forma, em lugares diferentes de seu aparelho psíquico: o primeiro tem a lembrança consciente do traço auditivo da ideia, através da comunicação; e também traz consigo, como sabemos com certeza, a memória inconsciente do vivido, em sua forma anterior. Na realidade, a repressão não é suprimida enquanto a ideia consciente, após a superação das resistências, não entrou em ligação com o traço de memória inconsciente. Apenas tornando consciente essa última se alcança êxito. Assim pareceria demonstrado, para a consideração superficial, que as ideias conscientes e inconscientes são registros diferentes, topograficamente separados, do mesmo conteúdo. Mas uma reflexão posterior mostra que é apenas aparente a identidade entre a comunicação e a lembrança reprimida do paciente. Ter ouvido e vivido são coisas bem diversas mesmo quando possuem o mesmo conteúdo. (FREUD, 2010e, p. 113-114/ G.W 1941c 274-275).

A princípio Freud afirma nossa suspeita com relação à sua escolha sobre a hipótese da dupla inscrição ou funcional. Ele dirá no final do capítulo II do artigo *O inconsciente*, que até o momento não é possível decidir, mas espera encontrar subsídios que façam a “balança” pender para um dos lados. E que talvez a distinção entre a ideia consciente e inconsciente deva ser determinada de modo inteiramente diverso.

Gueller, A, S. (2005 p.89) aponta o problema encontrado por Freud sobre as representações, este seria a dificuldade de pensar a mesmice e a diferenciação coexistindo numa relação que não seja a da exclusão. Porém veremos como Freud nos responde a questão no decorrer do texto *O Inconsciente(1915)*.

Mas há, contudo uma outra problemática que se levanta no decorrer do texto exposta por Freud baseado em suas análises clínicas a da existência de emoções inconscientes.

Restringiu-se a discussão anterior às ideias e agora torna-se possível lançar uma nova questão, cuja resposta contribuirá para esclarecer nosso ponto de vista teórico. Dissemos muito a respeito da existência de ideias conscientes e inconscientes, o que nos leva a uma outra questão: haverá também impulsos, sentimentos e percepções inconscientes?

Se levarmos a reflexão do artigo *O inconsciente*(1915) e às últimas consequências, poderemos dizer a princípio que não há sentimentos inconscientes. As ideias são traços de lembrança, e os afetos e sentimentos, processos de descarga cujas manifestações finais são sensações.

Vimos anteriormente (e Freud sempre reforça tal posição) que a oposição entre consciente e inconsciente não se aplica às pulsões. Uma pulsão não pode jamais se tornar objeto da consciência, mas sim, apenas a ideia que a representa. Ou seja, mesmo no inconsciente, ela não pode ser representada, a não ser pela ideia.

Em páginas anteriores do texto de Freud sobre a pulsão (2010h), viu-se que esta pode se manifestar como ideia e/ou estado afetivo. Se ela fosse apenas um estado afetivo, não saberíamos nada dela. Freud diz ser da natureza de um sentimento que ele seja sentido, isto é, que se torne conhecido da consciência. Para ele, a possibilidade de inconsciência se excluiria totalmente no caso de sentimentos, sensações e afetos (2010h, p. 115).

Paradoxalmente Freud irá dizer que na prática psicanalítica estamos acostumados a falar de amor ódio, raiva (etc.) inconscientes, e vemos como inevitável até mesmo a insólita junção “consciência de culpa inconsciente” ou a paradoxal “angústia inconsciente”.

Ele é obrigado, devido à repressão de sua verdadeira representação, a unir-se com outra ideia, e passa a ser tido pela consciência, como manifestação dessa última. Se restabelecermos o vínculo correto, chamamos o impulso afetivo original de “inconsciente”, embora seu afeto jamais tenha sido inconsciente, apenas sua ideia sucumbiu à repressão. O uso das expressões “afeto inconsciente” e “emoção inconsciente” remete aos destinos do fator quantitativo do impulso instintual, em consequência da repressão (ver o ensaio repressão). Sabemos que esses destinos podem ser três. Sabemos, além disso, que a supressão do desenvolvimento do afeto é o verdadeiro objetivo da repressão, e que o trabalho desta permanece inconcluso se esse objetivo não é alcançado. Em todos os casos em que a repressão consegue inibir o desenvolvimento do afeto, chamamos de inconscientes os afetos que reinstauramos ao corrigir o trabalho da repressão. Assim não se pode negar a coerência desse modo de falar; mas não existe, em relação à ideia inconsciente, a importante diferença de que esta, após a repressão, continua existindo como formação real no sistema lcs, enquanto o afeto inconsciente corresponde, no mesmo lugar, apenas uma possibilidade incipiente, que não pode se desenvolver. A rigor, e embora esse modo de falar continue sendo irrepreensível, não existem afetos inconscientes tal como existem ideias inconscientes. Mas pode haver, no sistema lcs, formações afetivas que, como

outras, tornam-se conscientes. (FREUD, 2010e, p. 116-117/ G.W 1941c p.276-277).

Em resumo Freud dirá que não há afetos inconscientes como há representações inconscientes, porém ele não exclui a possibilidade de estruturas afetivas no sistema Ics. Vimos que Freud parece resolver a questão distinguindo representações inconscientes e afetos inconscientes: enquanto as primeiras são investimentos de traços mnêmicos, os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga cuja exteriorização, como vimos, é percebida como sensações. Porém Freud (2010e, p. 117/ G.W 1941c p.275-276) alerta para o fato de que “no estado atual de nosso conhecimento dos afetos e sentimentos não somos capazes de exprimir essa diferença de modo mais claro”.

Deparamos assim com uma aparente contradição, pode-se ou não falar de um representante afeto da pulsão, para Green, A. (2008 p.163) parece ser possível e discutível falar de um representante afeto da pulsão, para Green, A.(2008) o argumento que podemos levantar contra uma tal solução é, no pensamento de Freud, a oposição entre representações como traços mnemônicos e os afetos como processos de descarga.

Segundo Green, A. ( 2008) os traços, como não são descarregados, são conservados no aparelho psíquico e fazem parte da memória. Do lado oposto, a descarga afetiva não pode se ligar, já que é eliminada a cada vez que é investida. Sendo assim argumenta Green, A. (2008) como contestar que haja uma memória afetiva? Como negar que as descargas deixem traços de experiência que levam à descarga e “memorizem” a própria descarga? Green, A. (2008) conclui então que é justificável conceber que se trata menos de uma oposição absoluta do que duas modalidades diferentes: uma que inscreve traços com uma quantidade de energia psíquica muito reduzida e cujo essencial é destinado a ligar as representações, e uma outra, maior consumidora de energia psíquica, que é eliminada em parte pela descarga, mas que deixa ela também, e à sua maneira, traços que podem emergir (como por exemplo, angústia).

Uma vez recalcada, uma representação continua existindo, como formação real, no sistema Ics, enquanto que o afeto inconsciente permanece como potência não desenvolvida.

Para Freud essa constatação de que a repressão pode impedir que o impulso pulsional se transforme em exteriorização de afeto é de extremo interesse, pois mostra que o sistema Cs

normalmente governa tanto a afetividade como o acesso à motilidade e realça o valor da repressão, indicando, entre as consequências desta, não só que elas manteriam algo longe da consciência, mas que também impediriam o desenvolvimento do afeto e o desencadeamento da atividade muscular. Ele entende o psíquico como normal quando há o controle exercido pelo sistema Cs sobre a motilidade e a afetividade, porém, mesmo no interior da vida dita normal, é possível perceber uma constante luta entre os sistemas Cs e Ics, pela primazia sobre a afetividade.

A respeito do problema do afeto inconsciente partilhamos da opinião de Green, A. (2008 p. 167) quando este diz que Freud, não resolve em nada o problema do afeto inconsciente, foi apresentado anteriormente a dificuldade que encontramos ao apresentar o conceito de *afeto* em Freud.

Retomando o problema da dupla inscrição, para Freud a repressão se dá sob ideias na fronteira entre os sistemas Ics e Pcs/Cs e que essa repressão deve corresponder a uma retirada de investimento, porém, como vimos, ele se pergunta: onde ocorre a retirada e a qual sistema pertence o investimento retirado?

Segundo Freud (1915), a ideia reprimida permanece capaz de ação no Ics, o que quer dizer que possivelmente ela tenha conservado seu investimento. Isso nos leva a crer que o que foi retirado deve ter sido outra coisa.

Se tomamos o caso da repressão propriamente dita (a “Pós-repressão”), tal como se dá na ideia pré-consciente ou mesmo já consciente, a repressão pode consistir apenas em que é retirada à ideia o investimento (pré) consciente que pertence ao sistema Pcs. A ideia permanece não investida, então, ou recebe investimento do Ics, ou conserva o investimento Ics que já possuía antes. Logo, há retirada do investimento pré-consciente, manutenção do inconsciente ou substituição do investimento pré-consciente por um inconsciente. Notamos aliás que por descuido baseamos essas considerações na hipótese de que a passagem do sistema Ics para o seguinte não ocorre por um novo registro, mas por uma mudança de estado, uma modificação do investimento. (FREUD, 2010e, p. 119/ G.W 1941c p. 279)

É nítido que, nesse ponto, a hipótese funcional desbanca a topológica, sem nenhum esforço. E o que fica evidente é o fato de que o âmago do Ics consiste em representações pulsionais que querem descarregar seu investimento de impulsos desejosos. Freud desdobra

duas possibilidades para a tomada de consciência: ou existem dois registros representacionais em lugares diferentes, bastando que o registro no inconsciente viesse à tona pelo rompimento da barreira da censura ou pela rememoração – esta seria a hipótese topológica; ou o registro ocorreria apenas no inconsciente, necessitando uma transformação dele para que emergisse na consciência – sendo esta a hipótese funcional.

No lcs esses impulsos desejosos são coordenados entre si sem se contradizerem uns aos outros. Mesmo quando dois impulsos de desejo são ativados ao mesmo tempo, eles não se destroem, ou subtraem algo um do outro; eles concorrem para a formação de um objetivo intermediário, um compromisso. No inconsciente temos apenas conteúdos mais ou menos fortemente investidos, nele não há negação, nem dúvidas, nem graus de certeza; a negação é apenas um substituto da repressão no nível mais alto.

Comparado ao Pcs, o lcs se caracteriza por uma grande mobilidade das intensidades de investimento, pois, pelo processo de deslocamento, uma ideia pode ceder à outra todo o seu montante de investimento e, pela condensação, pode acolher todo o investimento de várias outras.

Após a discussão sobre a possibilidade de existirem afetos inconscientes, Freud propõe que se reserve o termo inconsciente para a representação (*Vorstellung*), entendendo que a censura atue fundamentalmente na separação do afeto com a representação que lhe era originariamente "atada". Assim, o Inconsciente, enquanto sistema, vai ser povoado principalmente por conteúdos reprimidos, representações desligadas de seus afetos, que ou permanecem livres, ou convertem-se em angústia, ou prestam-se às somatizações.

Freud enxerga nesses dois processos indícios do assim chamado processo psíquico primário, que corresponde a uma energia livre ou móvel. Já no Pcs vigora o chamado processo secundário, cuja característica é um investimento mais estável das representações, acompanhado de um bom investimento do eu e por uma inibição dos processos primários. E chega a dizer que, quando se permite que um tal processo primário ocorra em elementos do sistema Pcs, ele se mostra "cômico" e provoca risos. Esses processos (lcs) são atemporais, não são alterados pela passagem do tempo, eles não têm nenhuma relação com a temporalidade, já que a temporalidade se acha ligada ao Cs.

Os processos lcs também não levam em consideração a realidade. São sujeitos ao princípio de prazer. Enquanto os processos lcs procuram satisfação pelo caminho mais curto e direto, os Pcs, regulados pelo princípio de realidade, são obrigados a desvios e adiamentos na busca de satisfação.

Em resumo, tem se como características do sistema lcs: ausência de contradição, processo primário (mobilidade dos investimentos), atemporalidade e substituição da realidade externa pela psíquica. Além disso, os processos lcs se tornam cognoscíveis para nós apenas na condição do sonho e das neuroses, ou seja, quando processos do mais elevado sistema Pcs são transpostos para um estágio anterior, mediante um rebaixamento (regressão)

Em si eles são incognoscíveis, e também incapazes de existência, porque ao sistema lcs se sobrepõe bastante cedo o sistema Pcs, que se apoderou do acesso à consciência e à motilidade. A descarga do sistema lcs passa para a inervação somática, levando ao desenvolvimento do feto, mas, como vimos, mesmo essa via de escoamento é contestada pelo Pcs. (FREUD, 2010e, p. 128-129/ G.W 1941c p. 286)

Mas essas características do sistema lcs só se tornariam claras para nós após serem contrapostas aos atributos do sistema Pcs. Os processos do sistema Pcs mostram – para isso não importando se são já conscientes ou capazes de consciência – uma inibição da tendência das ideias investidas à descarga. Quando um processo passa de uma ideia a outra, a primeira retém parte de seu investimento e só uma pequena parcela sofre deslocamento (FREUD, 2010e, p. 129).

Tal como no processo primário, deslocamentos e condensações são excluídos ou muito limitados. Segundo Freud (1915), foi isso que levou Joseph Breuer a supor dois diferentes estados de energia de investimento na psique, um tônico, vinculado, e outro livremente móvel, sujeito à descarga.

Para Freud cabe ao sistema Pcs o estabelecimento de uma capacidade de comunicação entre os conteúdos e as ideias, de maneira que possam influenciar uns aos outros. Também a memória consciente parece depender inteiramente do sistema Pcs, a qual deve ser claramente diferenciada dos traços mnemônicos em que se fixam as experiências do lcs. Mas seria ingênuo de nossa parte pensar que o lcs permanece em repouso enquanto o sistema Pcs trabalha e que

o lcs é um órgão em desenvolvimento, ainda em estado de formação, ou supor ainda que a comunicação entre esses dois sistemas se reduz ao ato de repressão, por meio do qual o Pcs lança ao lcs tudo que lhe perturba. O sistema lcs é sim capaz de desenvolvimento, além de manter inúmeras relações com o Pcs; é importante salientar que o lcs continua nos assim chamados “derivados”.

Entre os derivados dos impulsos instintuais<sup>10</sup> do tipo que descrevemos, há alguns que reúnem em si características opostas. Por um lado, são altamente organizados, isentos de contradição, utilizaram todas as aquisições do sistema Cs e mal se distinguiriam, em nosso julgamento, das formações desse sistema. Por outro lado, são inconscientes e incapazes de tornarem-se conscientes. Ou seja pertencem qualitativamente ao sistema Pcs, mas factualmente ao lcs. (FREUD, 2010e, p. 132/ G.W. 1941c p. 289)

Freud dirá que alguns derivados, por um lado são altamente organizados, livres de autocontradição, tendo usado todas as aquisições do sistema Cs., dificilmente distinguindo-se, a nosso ver, das formações daquele sistema; por outro lado, são inconscientes e incapazes de se tornarem conscientes. Assim, qualitativamente pertencem ao sistema Pcs., mas factualmente, ao lcs. É sua origem que decide seu destino (FREUD, 2010e, p. 195-196). Dessa forma, podemos compará-los a indivíduos de raça mestiça que, num apanhado geral, assemelham-se a brancos, mas que traem sua ascendência de cor por uma ou outra característica marcante, sendo, por causa disso, excluídos da sociedade, deixando de gozar os mesmos privilégios que os brancos; ou seja, os derivados, quando são identificados como tais, são expulsos da consciência, são reprimidos.

Para a consciência, nos diz Freud, a inteira soma dos processos psíquicos aparece como reino do pré-consciente, mas uma grande parte deste pré-consciente se origina do inconsciente possui, como vimos, o caráter dos derivados deste e submete-se a uma censura antes de poder tornar-se consciente. Já uma outra parte do Pcs é capaz de consciência, sem censura.

Entretanto Freud aponta uma possível contradição:

---

<sup>10</sup> Conforme tradução de Paulo Cesar de Souza.

Aqui temos uma contradição com a hipótese anterior. Na abordagem da repressão, vimo-nos obrigados a situar entre os sistemas Ics e Pcs a censura decisiva no tornar-se consciente. Agora nos parece plausível uma censura entre Pcs e Cs. Mas convém não enxergar nessa complicação uma dificuldade e supor, isto sim, que a cada passagem de um sistema para o seguinte e mais elevado, ou seja, a cada progresso para um estágio mais elevado de organização psíquica, corresponde uma nova censura. (FREUD, 2010e, p. 133/ G.W 1941c p. 290)

Assim, ao levar em consideração tal hipótese Freud parece eliminar, a ideia de uma contínua renovação de registros. Segundo Freud, a consciência, a inteira soma dos processos psíquicos, aparece como o reino do pré-consciente e uma parte enorme desse pré-consciente se origina do inconsciente, tem o caráter dos derivados deste e submete-se a uma censura antes de poder se tornar consciente. Outra parte do Pcs, no entanto, é capaz de consciência, sem censura. Eis a contradição. Freud, diante desta, supõe que a cada passagem de um sistema para o seguinte e mais elevado, ou seja, a cada progresso para um estágio superior (mais elevado) de organização psíquica, corresponde uma nova censura. Dessa forma, aparentemente ele elimina a hipótese de uma contínua renovação dos registros.

Os derivados do Ics tornam-se conscientes como formações substitutivas e sintomas, via de regra, após consideráveis distorções em relação ao inconsciente, mas frequentemente conservando muitas características que solicitam a repressão. Freud atenta para o fato de que muitas formações pré-conscientes permanecem inconscientes, as quais, no entanto, de acordo com sua natureza, pensaríamos que bem poderiam se tornar conscientes. É provável que nelas prevaleça a mais forte atração do Ics. Então Freud complementa: somos levados a buscar a diferença mais significativa não ali entre o pré-consciente e o inconsciente. Na fronteira do Pcs, o Ics é repellido pela censura, porém derivados dele podem contornar essa censura, organizar-se superiormente e crescer no Pcs até atingir certa intensidade de investimento; mas eles, depois de ter ultrapassado a censura, ao se imporem à consciência, são reconhecidos como derivados do Ics e outra vez reprimidos numa nova fronteira de censura entre o Pcs e Cs.

Com essas considerações Freud mostra que podemos supor que a censura adiantou-se um tanto no curso do desenvolvimento individual. E assim chegamos à prova incontestável da existência da segunda censura, aquela entre os sistemas Pcs e Cs.

Partindo de tal pressuposto, Freud instiga o paciente a produzir numerosos derivados do lcs, obrigando-o assim a superar as objeções da censura ao fato de essas formações pré-conscientes se tornarem conscientes. É pela vitória sobre essa censura que ele diz abrir caminho para a abolição da repressão, que é obra da censura anterior. A existência da censura entre o Pcs e Cs lembra que o tornar-se consciente não é um simples ato de percepção, mas provavelmente um sobreinvestimento, um avanço a mais na organização psíquica.

Nas raízes da atividade instintual os sistemas se comunicam amplamente entre si. Uma parte dos processos estimulados passa pelo lcs como por um estágio preparatório e alcança o mais alto desenvolvimento psíquico no Cs, enquanto outra parte é retida no lcs. Mas o lcs é também atingido pelas experiências vindas da percepção externa. Todos os caminhos que levam da percepção para o lcs permanecem normalmente livres; apenas os caminhos que do lcs levam adiante são submetidos à barreira da repressão. (FREUD, 2010e, p. 136/ G.W 1941c p. 292)

Um fato incontestável, segundo Freud, e que ele reconhece não ter sido mais profundamente analisado, é que inconscientes de indivíduos podem se comunicar entre si sem passar pelo Cs. O conteúdo do Pcs (ou Cs) procede em parte da vida instintual (pela mediação do lcs) e em parte da percepção de acontecimentos externos. Porém a questão de como estes influenciam o sistema lcs permanece em aberto.

Levando em conta a incerteza sobre até que ponto os processos desse sistema influem diretamente sob o lcs, a pesquisa de casos patológicos revela, com frequência, uma quase inacreditável autonomia e impermeabilidade a influências por parte do lcs. Freud é claro quando diz:

O que caracteriza a doença é uma total discordância das tendências, uma absoluta desintegração dos dois sistemas. Mas o tratamento psicanalítico é fundado na influência sobre o lcs a partir do Cs, mostrando, de toda maneira, que isso, embora trabalhoso, não é algo impossível. Como já dissemos, os derivados do lcs que mediam entre os dois sistemas nos preparam o caminho para essa realização. Devemos admitir, porém, que a modificação espontânea do lcs por parte do Cs é um processo lento e difícil. (FREUD, 2010e, p. 137/ G.W 1941c p.293)

Freud diz ser possível haver cooperação entre um impulso pré-consciente e um inconsciente, até mesmo fortemente reprimido, esta cooperação podendo ocorrer quando existir uma situação em que o impulso inconsciente seja capaz de agir no mesmo sentido de uma das tendências dominantes (FREUD, 2010e, p. 137/ G.W. 1941c p.292). Nesse caso é suspensa a repressão, permitindo assim a atividade reprimida, como reforço daquela pretendida pelo Eu. O inconsciente torna-se conforme ao Eu nessa constelação única, sem que, de resto, algo se modifique em sua repressão.

Freud nos dá um exemplo sobre o conteúdo do lcs:

O conteúdo do lcs pode ser comparado a uma população aborígine da psique. Se no ser humano existem formações psíquicas herdadas, algo análogo ao instinto (*instinkt*) dos animais, então isso constitui o âmago do lcs. Junta-se a isso mais tarde o que durante o desenvolvimento infantil é eliminado por ser inutilizável e que não precisa ser diferente, em sua natureza, daquilo que foi herdado. (FREUD, 2010e, p. 138/ G.W 1941c p. 294)

Para Freud, uma divisão clara e definitiva no conteúdo dos dois sistemas só ocorrerá, no momento da puberdade. No capítulo VII do artigo *O inconsciente*, Freud diz ter exposto anteriormente tudo o que podemos afirmar a respeito do lcs, à medida que recorreremos tão só ao conhecimento da vida onírica e das neuroses de transferência. É também neste capítulo intitulado “*Avaliação do inconsciente*” que Prado de Oliveira, L. (2005) diz ser, inteiramente consagrado ao estudo e discussão da esquizofrenia, com base em casos clínicos e teorias trazidas por Victor Tausk que Freud torna seus.

Freud (1915, p. 207) aborda a esquizofrenia de modo a facilitar a compreensão do inconsciente, o que, em suas palavras, se justifica “[...] na medida em que parece indispensável a uma compreensão geral do lcs”. Assim, palavra e coisa também se tornarão fundamentais à constituição do inconsciente, ficando claro que, na esquizofrenia, há uma regressão a um modo de funcionamento inconsciente de representar.

Paravidini, J. (2013) aponta que nas esquizofrenias há um fenômeno psíquico em que a representação de coisa do objeto será recusada enquanto a representação de palavra será super investida. A palavra passa a ter a primazia e vai ocupar o lugar de coisa, dificultando a articulação entre concreto e abstrato. Ou seja, as palavras são tomadas como se fossem coisas

na propriedade em que são ditas; a concretude da fala explicita um enunciado sem a articulação dos representantes psíquicos com o funcionamento inconsciente (representantes de coisas). É essa a visão que, naquele momento dos estudos freudianos, fundamentava a questão da representação nas esquizofrenias.

Freud afirma que, desde um trabalho de Abraham, de 1908, no qual este reconhecia dever gratidão ao estímulo de Freud, Freud passou a buscar caracterizar a *dementia praecox* de Kraepelin<sup>11</sup>, por seu comportamento ante a oposição Eu-objeto. Porém nas neuroses de transferência (histeria de angústia, histeria de conversão, Neurose obsessiva) nada havia que desse particular relevo a essa oposição.

Sabíamos, é verdade, que a frustração relativa ao objeto traz a irrupção da neurose, e que a neurose implica a renúncia ao objeto real, e também que a libido subtraída ao objeto real retrocede a um objeto fantasiado e dele reprimido (introversão). Mas nelas o investimento objetal é mantido com grande energia, e um exame mais cuidadoso do processo de repressão nos levou a admitir que o investimento objetal dentro do sistema Ics continua a existir, apesar, ou melhor, por causa da repressão. Afinal, a capacidade para a transferência, que nessas afecções nós utilizamos para fins terapêuticos, pressupõe um investimento objetal inalterado. (FREUD, 2010e, p. 139/ G.W 1941c p. 295)

Freud observa que os esquizofrênicos apresentam uma linguagem “maneirista” e uma alteração particular da linguagem, cujo conteúdo geralmente tem a ver com os órgãos corporais, que ele chama de “linguagem de órgão”. Os investimentos objetais são abandonados e um estado primitivo de narcisismo sem objeto é restabelecido.

Nos esquizofrênicos, segundo Freud, as palavras são submetidas a um mecanismo de condensação análogo ao processo primário que produz a imagem do sonho, de modo que o processo pode ir tão longe que uma única palavra, apta para isso em razão de múltiplas relações, assume a função de toda uma cadeia de pensamentos. Finalmente, nesses pacientes, as palavras têm mais importância que as coisas que elas designam, ou seja, observa-se nos esquizofrênicos uma predominância em relação à palavra, de modo que a semelhança entre as expressões verbais precede a relação com a coisa.

---

<sup>11</sup> Esquizofrenia, segundo Bleuler (1908).

Freud usa como exemplo para elucidar tais ideias uma paciente de Victor Tausk. Eis o relato:

Uma garota foi levada para a clínica após uma briga com seu namorado; queixa-se de que “os olhos não estão direitos, estão virados”. Isso ela mesma explica, ao fazer, em linguagem coerente, várias recriminações ao namorado. “Ela não o compreende, ele parece diferente a cada vez, é um hipócrita, um virador de olhos, ele virou os olhos dela, agora ela tem os olhos virados, não são mais seus olhos, agora ela vê o mundo com outros olhos”. As declarações da doente sobre sua frase ininteligível têm o valor de uma análise, pois contêm o equivalente da frase em linguagem compreendida por todos. Ao mesmo tempo, esclarecem a respeito da significação e da gênese da formação de palavras na esquizofrenia. Em concordância com Tausk, quero ressaltar que nesse exemplo a relação com o órgão (olho) se arvora em representação de todo o conteúdo. A fala esquizofrênica tem aí um traço hipocondríaco, torna-se linguagem do órgão. (FREUD, 2010e, p. 141/ G.W 1941c p. 296)

Eis outra declaração da mesma paciente:

“Ela esta em pé na igreja, de repente sente um puxão, tem de pôr-se em outra posição, como se pusesse alguém, como se fosse posta”. Segue-se a análise, com novas recriminações ao namorado, “que é ordinário, que também a ela, que era de uma casa fina, ele tornou ordinária. Ele a tornou igual a si, ao fazê-la acreditar que lhe era superior, agora ela se tornou como ele, porque acreditou que se tornaria melhor se ficasse igual a ele. Ele se colocou falsamente, agora ela é como ele (identificação!), e a colocou num lugar errado.” (FREUD, 2010e, p. 142/ G.W 1941c p. 297)

Tausk (2000) observa que o movimento de “pôr-se em outra posição” é um modo de representar o termo *Verstellen* (pôr em lugar errado) e a identificação com o namorado. Acredito ser importante, neste ponto, falarmos um pouco mais sobre as ideias de Tausk, pois se não, corremos o risco de negligenciar a importância dele para Freud. Não podemos esquecer que o conceito de identificação projetiva, que nasce das ideias de Tausk sobre suas experiências clínicas, influenciou Freud, que acreditou ter encontrado nessas teses argumentos para solucionar o problema que formulou sobre a “dupla inscrição”.

Segundo Tausk (2000, p. 178), a clínica psiquiátrica, uma vez que não leva mais em consideração as dimensões simbólicas do sintoma, não seria capaz de elaborar uma visão geral

do mecanismo psíquico. Como exemplo do estágio evolutivo do delírio de influência, podemos nos referir à clínica de Tausk – no caso de “paranoia somática” citado acima, de Emma A. (relato sobre o namorado) – caso que Freud (2010e) retoma no capítulo VII, “Avaliação do inconsciente”, em seu artigo *O inconsciente*. Ele estuda o caso dessa esquizofrênica que, após uma ruptura amorosa, experimenta curiosas sensações: ela pensa que uma força lhe entorta os olhos e que algo a muda. Trata-se do caso mais clássico da teoria freudiana, que permite examinar e colocar em evidência a linguagem metafórica da histeria diante de outra linguagem – que Freud chama “a linguagem dos órgãos”.

Ele destaca a predominância, em toda a cadeia de pensamento, daquele elemento que tem por conteúdo uma inervação corporal (ou antes, a sensação dela). Para Freud, uma histérica teria virado os olhos convulsivamente no primeiro caso, e no segundo teria realmente executado o puxão, em vez de sentir o impulso ou ter a sensação de fazê-lo; e nos dois casos não teria nenhum pensamento consciente, para depois também ser capaz de manifestá-lo (2010e, p. 142/ G.W 1941c p. 297).

Freud relata outro caso para mostrar as diferenças, mesmo que sutis, entre a formação substitutiva esquizofrênica e a histérica e neurótica-obsessiva. Ele narra o caso de um paciente que acompanhava no período de seu escrito e começa narrando o fato da seguinte forma:

O mau estado da pele do rosto causou abandono dos interesses da vida. Ele afirma ter cravos e fundos buracos no rosto, que qualquer pessoa enxerga. A análise mostra que ele encena seu complexo de castração em sua pele. Num primeiro instante mexeu sem pena nos seus cravos; tinha grande satisfação em espremer-los, pois nisso saltava fora alguma coisa, explicou. Depois começou a achar que em todo lugar onde havia eliminado um cravo surgia uma cavidade, e recriminou-se bastante por haver estragado para sempre a pele com sua “constante manipulação”. (FREUD, 2010e, p. 143/ G.W 1941c p. 298)

É evidente, segundo Freud, que espremer os cravos é um substituto da masturbação. A cavidade que, por sua culpa, surgia é, então, o genital feminino, ou seja, o cumprimento da ameaça de castração (ou fantasia que a representa), provocada pela masturbação.

Freud mostra que essa formação substitutiva, apesar de seu caráter hipocondríaco, possui muita semelhança com uma conversão histérica; no entanto, é inevitável a sensação de

que aí deve suceder outra coisa, de que uma formação substitutiva como essa não poderia ser atribuída a uma histeria, mesmo antes de poder dizer em que se estriba a diferença (FREUD, 2010e, p. 144/ G.W.1941c p.299).

Um histérico, conforme Freud explica, dificilmente tomará uma cavidade pequena como um poro da pele por símbolo da vagina, que ele geralmente compara com todos os objetos possíveis que se encerram em espaço vazio. Freud diz achar também que a multiplicidade de pequenos buracos o impedira de vê-los como substitutos para o genital feminino.

Para essa explicação, ele se apoia num outro paciente de Tausk, relatado por este à sociedade psicanalítica de Viena. Assim Freud relata:

Ele se comportava como um neurótico obsessivo, levava horas fazendo a toailete etc., mas chamava a atenção o fato de que podia informar sem resistências o significado de suas inibições. Ao calçar as meias, por exemplo, incomodava-o a ideia de que ia afastar os pontos da malha, isto é, revelar os buracos, e cada buraco, pra ele, simbolizava a abertura sexual feminina. Também isso é algo que não podemos esperar de um neurótico obsessivo, um desses observado por Rudolf Reitler, que sofria da mesma demora em calçar meias, após superar as resistências, achou a explicação de que o pé era um símbolo do pênis, a colocação da meia, um ato masturbatório, e ele tinha de constantemente pôr e tirar a meia, em parte para completar o quadro da masturbação, em parte para desfazê-lo. (FREUD, 2010e, p. 144-145/ G.W 1941c p. 299)

Freud percebe que nos esquizofrênicos parece haver uma nítida predominância da referência à palavra sobre a referência à coisa. Entre espremer um cravo e ejacular sêmen há uma semelhança mínima da coisa, e esta é ainda menor entre os inúmeros e pouco profundos poros da pele e a vagina, mas no primeiro caso algo esguicha a cada vez, e, no segundo, vale literalmente a frase: “Um buraco é um buraco”. Freud percebe que o que determinou o substituto foi a uniformidade da expressão linguística, não a semelhança entre as coisas designadas.

Há então uma distinção no nível da representação consciente entre representação de palavra e representação de coisa e Freud afirma que agora sabemos como uma representação consciente se distingue de uma inconsciente. Ele esclarece que as duas não são como se pensava até então, diferentes registros do mesmo conteúdo em diferentes locais psíquicos, e

tampouco diferentes condições funcionais de investimento num mesmo local; a representação pré-consciente/consciente abrange a representação de coisa mais a da palavra correspondente, já a inconsciente abrange apenas a representação de coisa.

Green,A. (2008 p.158) enfatiza a importância da noção de representação-palavra e representação-coisa em Freud, pois para Green,A.( 2008) ao distinguir o sistema pré-consciente/consciente, no qual as representações-palavra são associadas as representações-coisa do sistema inconsciente, formado apenas pelas representações-coisa ou de objeto, para Green, A. ( 2008) esta distinção é essencial pois nos ajuda a entender que o representante psíquico da pulsão é uma manifestação de delegação de demandas do corpo ao psiquismo.

Para Laplanche (1999) ambos os registros, de representação-coisa e representação-palavra, são distintos, havendo a necessidade de uma transformação para que a representação-coisa se torne uma representação-palavra.

O sistema Inconsciente possui os investimentos de coisas, já o Pré-consciente/consciente aparece quando essa representação da coisa é sobreinvestida mediante ligação com as representações verbais que lhes correspondem. Esses sobreinvestimentos, que levam a uma mais alta organização psíquica e tornam possível a substituição do processo primário pelo processo secundário dominante no Pré-consciente/consciente, poderíamos dizer que devem a linguagem à transição do processo primário para o secundário. Para Freud as representações não colocadas em palavras ou o ato psíquico não sobreinvestido permaneceria no inconsciente como algo reprimido.

Nas últimas páginas de *Interpretação dos sonhos* (1900/ 1915), Freud ressalta:

Nas últimas páginas da *Interpretação dos sonhos* desenvolvo a tese de que os processos de pensamento, isto é, os atos de investimento mais afastados das percepções não têm qualidades e são inconscientes em si, e apenas ligando-se aos resíduos das percepções de palavras obtêm a capacidade de se tornar conscientes. Por sua vez, as representações verbais procedem da percepção dos sentidos, assim como as representações de coisa, de modo que caberia perguntar por que as representações de objeto não podem se tornar conscientes através de seus próprios resíduos de percepções. (FREUD, 2010e p. 146-147/ G.W 1941c p. 301-302)

A explicação é a seguinte: provavelmente o pensar ocorre em sistemas afastados dos originais resíduos de percepção, de modo que nada mais conservam das qualidades destes e precisam ser reforçados com novas qualidades para se tornarem conscientes. Mesmo os investimentos que não puderam trazer nenhuma qualidade das percepções por corresponderem apenas a relações entre representações de objeto, poderão, mediante a ligação com palavras, passar a ser dotados de qualidade.

Essas relações se tornam apreensíveis apenas mediante palavras, que parecem ser um componente essencial de nosso processo de pensamento. Freud deixa claro que a ligação com representações verbais ainda não coincide com o tornar-se consciente, que apenas fornece a possibilidade para isso, ou seja, não caracteriza nenhum outro sistema senão o Pcs.

Freud percebe que o distanciamento dos problemas relativos ao pré-consciente e ao consciente o afastou da discussão sobre o tema. Retoma, então, nesse ponto a questão da esquizofrenia e esclarece que o investimento preponderante da representação de palavras nos esquizofrênicos seria o resultado de uma tentativa de cura: com a retirada do investimento pulsional da representação de objetos inconscientes, característica da neurose narcísica, haveria nesses pacientes um superinvestimento de representação de palavra. Esse processo significaria uma tentativa de recuperar os objetos perdidos que, para isso, tomariam o caminho do objeto passando por seu elemento palavra, o que seria uma tentativa de cura. Contudo, Freud acrescenta que os esquizofrênicos seriam levados a se contentarem com palavras em lugar de coisas.

Para encerrar seu artigo, Freud (2010e, p. 150/ G.W 1941c p.302-303) alerta contra a tendência a cultivar um pensamento excessivamente abstrato. Ele diz: “quando pensamos abstratamente, corremos o risco de negligenciar as relações das palavras com as representações de coisa inconsciente, e não se pode negar que então nosso filosofar ganha uma indesejada semelhança, em expressão e conteúdo, com o modo de funcionar dos esquizofrênicos”.

Freud (1915) nos atenta a importância de identificarmos o inconsciente, identificando a diferença entre uma representação inconsciente e outra pré-consciente. Seguindo a ideia

proposta por Freud pretendemos avançar em suas concepções a respeito dos conteúdos do inconsciente, ou seja, as representações-coisa.

#### **1.4 Apresentação e funcionamento dos mecanismos dos sonhos: Complemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos.**

Escrito em 1915, porém publicado apenas em 1917, “Complemento Metapsicológico à teoria dos Sonhos” é o quarto ensaio dos textos metapsicológicos de Freud (2002a), e tem por objetivo integrar, na teoria dos sonhos, as noções desenvolvidas por Freud naquele momento. Não pretendemos diminuir a importância da obra *A Interpretação dos Sonhos (1900)*, porém nosso intuito é apresentar os mecanismos que atuam no sonho, assim preferiu-se partir diretamente deste artigo ao invés de usar diretamente a obra *Interpretação dos Sonhos (1900)*.

Dalbiez, R. (1947 p.33) nos diz que a teoria dos sonhos é incontestavelmente o centro da psicanálise. É nele que encontramos pressupostos a vários mecanismos psíquicos desenvolvidos por Freud, e é sob esta perspectiva que optamos por abordar este artigo.

Freud tinha grandes pretensões, ele diz: “ Podemos agora, talvez começar a suspeitar que a interpretação dos sonhos é capaz de nos proporcionar informações a respeito as estrutura do nosso aparelho psíquico, o que até agora esperávamos, em vão da Filosofia.” ( Freud 1900. Apud Mezan, R. 2011 p. 74)

Já no início do texto Freud diz que não costumamos pensar muito sobre o fato de que toda noite tiramos os panos que cobriam nossa pele, e talvez ainda as peças complementares de nossos órgãos, na medida em que lograram compensar-lhes as deficiências com próteses como óculos, perucas, dentaduras etc. Para Freud (2002a), ao adormecer realizamos um desnudamento análogo na psique, renunciando à maior parte de suas aquisições psíquicas.

Freud compara a ação de dormir com a de estar no ventre materno, o estado psíquico livre de estímulos, e quem dorme caracteriza-se pela retração quase total do mundo que o cerca, cessando todo o interesse por ele.

Mas o sonho mostra o que o ser humano é enquanto ele não dorme; o sonho é egoísta, seu protagonista é sempre o próprio sonhador. Freud diz que isso decorre,

compreensivelmente, do narcisismo do estado do sono, pois narcisismo e egoísmo coincidem; a palavra “narcisismo” apenas sublinha que o egoísmo é também um fenômeno libidinoso, ou, para dizer de outra forma, o narcisismo pode ser designado como complemento libidinoso do egoísmo (FREUD, 2002a, p. 153/ G.W 1941d p. 413).

Mezan, R. (2011 ) nos atenta que o que Freud fez foi perceber que os sonhos não eram como aparentavam ser , ou seja , ilógicos eles possuíam um sentido, que Freud fez foi tratar o sonho como um sintoma, e aplicar à sua elucidação os mesmos procedimentos de que se servira para a terapia das psiconeuroses.

Para Freud um sonho mostra, algo que tendia a perturbar o sono, e que o sonho nos permite vislumbrar o modo como essa perturbação pôde ser rechaçada. No final o dormente sonhou e pode continuar seu sono. Freud diz nesse ponto que, no lugar da exigência interna que pretendia ocupa-lo sobreveio uma experiência externa, cuja reivindicação foi resolvida. Conclui que um sonho é também uma projeção, exteriorização de um processo interior.

E pergunta: De que modo se produz o caso em que a intenção de dormir é perturbada?

A perturbação pode vir de uma excitação interna ou de um estímulo externo. Consideramos primeiro o caso menos transparente e mais interessante da perturbação a partir do interior. A experiência nos indica, como instigadores do sonho, vestígios diurnos, investimentos de pensamentos que não obedeceram à retração geral de investimentos e conservaram, a despeito dela, uma certa medida de interesse libidinoso ou de outro tipo. Já de início, portanto, o narcisismo do sono teve que admitir uma exceção, e com ela principia a formação do sonho. Na análise tomamos conhecimento desses restos diurnos como pensamentos oníricos latentes e, por sua natureza e por toda a situação, temos de reconhecê-los como ideias pré-conscientes, como integrantes do sistema Pc. (FREUD, 2002a, p. 154-155/ G.W 1941[1917]d p.414)

O que Freud entende por narcisismo do estado de sono é a retirada do investimento de todas as representações de objeto, tanto das partes inconscientes delas, como das pré-conscientes.

Logo, se determinados “restos diurnos” permaneceram investidos, hesitamos em supor que durante a noite eles adquirem energia bastante para se fazer notar pela consciência, inclinamo-nos antes a supor que o investimento que retiveram seja bem mais fraco do que o possuído durante o dia. (FREUD, 2002a, p. 155/ G.W 1941[1917]d p. 415).

Esses restos diurnos necessitam receber um reforço das fontes de impulsos instintuais inconscientes, se forem atuar na construção dos sonhos. Para Freud não há dificuldade em explicar essa posição já que a censura entre o Pcs e o Ics se acha bem diminuída no sono, sendo assim o trânsito entre os dois sistemas facilitado.

Porém Freud diz que há outro aspecto que não pode ser desconsiderado: se o estado narcísico do sono implica a retirada de todos os investimentos dos sistemas Ics e Pcs, então não é possível que os restos diurnos obtenham reforço dos impulsos instintuais inconscientes, os quais entregaram ao Eu seus próprios investimentos. Segundo Freud, a teoria da formação dos sonhos perde-se aqui numa contradição, ou terá que ser salva através de uma modificação da hipótese sobre o narcisismo do sonho.

Para Freud o sonho é considerado um fenômeno alucinatório que envolve uma dupla regressão: uma seria a regressão no desenvolvimento do ego até a satisfação alucinatória do desejo e outra a regressão no desenvolvimento da libido ao narcisismo primitivo. Segundo Freud o reprimido que parte do Ics não obedece ao desejo de dormir que parte do ego, deste modo uma parte do contra-investimento e da censura entre Icc e Pcc são conservados, ainda que com menor força. Os investimentos, provenientes dos sistemas Icc e Pcc, ao serem retirados dos objetos devido à perda do interesse por eles, convergem para o ego.

O desejo de dormir procura recolher todos os investimentos enviados pelo Eu, instaurando um narcisismo absoluto. Isso poderia apenas ter um êxito parcial, pois a parte reprimida do sistema Ics não acompanha o desejo de dormir. Logo, é preciso que também uma parcela dos contrainvestimentos seja mantida e que a censura entre Ics e Pcs permaneça, ainda que não em plena força.

Até onde alcançarem o domínio do Eu, todos os sistemas estarão vazios de investimento. Quanto mais fortes são os investimentos instintuais Ic, mais instável é o sono. Conhecemos igualmente o caso extremo em que o Eu renuncia ao desejo de dormir, porque se sente incapaz de inibir os impulsos reprimidos que são liberados durante o sono; em outras palavras, desiste do sono porque tem medo dos sonhos. (FREUD, 2002a, p. 157/ G.W 1941[1917]d p. 417).

O processo urdido no Pcs, e reforçado pelo lcs, toma um caminho retrógrado através do lcs, rumo à percepção que se impõe à consciência, estado que Freud chama de terceira fase da formação do sonho, sendo que a primeira é o reforço dos vestígios diurnos do Pcs pelo lcs e produção do desejo onírico. Essa regressão ele chama de topológica para distinguir da temporal ou histórico-evolutiva.

Entende-se , a partir da *Interpretação dos sonhos*, de que maneira se dá a regressão dos vestígios diurnos pré-conscientes na formação dos sonhos.

Os pensamentos são transpostos em imagens predominantemente visuais, as representações de palavras são reconduzidas às representações de coisas que lhes correspondem, como se, no todo, o processo fosse governado por considerações atinentes à figurabilidade. Depois de consumada a regressão, resta no sistema lcs uma série de investimentos, investimentos das lembranças de coisas sobre as quais atua o processo psíquico primário, até que, pela sua condensação e pelo deslocamento dos investimentos entre elas, dá forma ao conteúdo manifesto do sonho. Apenas quando as representações de palavras que se acham nos restos diurnos são vestígios frescos, reais, de percepções, e não expressão de pensamentos, é que são tratadas como representações de coisas submetidas às influências da condensação e do deslocamento. (FREUD, 2002a, p. 159-160/ G.W 1941[1917]d p. 418).

É digno de nota o quão pouco o trabalho do sonho se atém às representações de palavras, umas pelas outras, até encontrar a expressão mais conveniente para a representação plástica.

Nesse ponto Freud esclarece a diferença decisiva entre o trabalho do sonho e a esquizofrenia. Ele diz que, na esquizofrenia, as próprias palavras em que estava expresso o pensamento pré-consciente são objeto da elaboração pelo processo primário, mas que, no sonho, isso não sucede às palavras, mas às representações de coisas que remontam às palavras. O sonho conhece uma regressão topológica, a esquizofrenia não; no sonho, o trânsito entre investimentos de palavras (Pcs) e investimentos de coisas (lcs) se acha livre, enquanto na esquizofrenia ele é bloqueado.

Segundo ele explica, o processo onírico se completa quando o conteúdo de pensamento, transformado regressivamente, remodelado numa fantasia-desejo, torna-se consciente como

percepção sensorial e nisso experimenta a elaboração secundária a que está sujeito todo o conteúdo perceptivo (2002a, p. 161/ G.W 1941d p.420).

A formação da fantasia-desejo e o seu regredir à alucinação constituem as partes essenciais do trabalho do sonho, porém não pertencem exclusivamente a ele.

Não é possível afirmar, de modo algum, que os desejos inconscientes deveriam ser tidos como realidades após se terem tornado conscientes, pois nosso juízo é sabiamente capaz de distinguir realidades de ideias e desejos, por mais intensos que sejam. Por outro lado, parece justificado supor que a crença na realidade se liga à percepção através dos sentidos. (FREUD, 2002a, p. 163/ G.W 1941[1917]d p. 421)

Freud acrescenta que é de extrema importância prática distinguir percepções de ideias, mesmo que intensivamente lembradas. Toda a nossa relação com o mundo externo, com a realidade, depende dessa capacidade.

O que Freud diz, em resumo, é que o desejo do sonho é uma regressão à alucinação e à crença na realidade da realização do desejo. Qual é a diferença entre o sonho e outras formas de alucinação? Diante desta questão, Freud põe em jogo a prova de realidade que proporciona ao ego a capacidade de distinguir percepção e representação, interior e exterior. Ele a examina e em seguida demonstra como a prova de realidade pode ser abolida na patologia e no sonho. Mas o que significaria abolir a prova de realidade? J. Laplanche e J.B. Pontalis ( 1970) apontam o princípio de realidade como um dos dois princípios que regulam o funcionamento mental, este aparece como uma forma de modificação do princípio de prazer, contudo vale lembrar que a passagem do princípio de prazer para o princípio de realidade não suprime o primeiro.

No que concerne ao estado de sono, há um desinvestimento dos sistemas Cs, Pcs e Ics, que conduz ao abandono da prova de realidade, abrindo caminho à excitação para que regresse a psicose alucinatória do desejo do sonho.

Feita a explanação dos textos metapsicológicos de Freud, é possível “retraçar” alguns aspectos que nos permitiram voltar nossa atenção para a proposta do segundo capítulo.

Neste primeiro capítulo, apresentamos os modelos do funcionamento psíquico em Freud, a dita primeira Tópica, constituída, como apresentou-se no início , pelo Inconsciente, Pré-Consciente/Consciente. Esta primeira tópica centrada sobre a noção de consciência, é sob esta

que gira a reflexão. A pesquisa neste primeiro capítulo focou em especial o modelo econômico e do topográfico, cujos mecanismos, é importante apresentar, pois é sob eles que se apoiará a discussão sobre as formas do pensar.

Confrontou-se a posição de Freud sobre os registros psíquicos além de explicitar a ideia de que : se um ato psíquico passa em geral por duas fases: uma inconsciente, pertencente ao sistema Inconsciente, e uma segunda, que passa ao sistema Pré-Consciente, o registro original dessa ideia continua a existir? O que acontece com ela? Há uma nova inscrição paralela à inscrição original, ou se trata de uma mesma representação que sofreu uma mudança de estado?

A princípio Freud não se decide por nenhuma das duas posições, porém, posteriormente, ele defende a hipótese da dupla inscrição ou funcional, e, por fim, acaba por defender a ideia de que há uma distinção no nível da representação consciente entre representação-palavra e representação-coisa, ou seja, para Freud não é mais como se pensava anteriormente: diferentes registros do mesmo conteúdo nem diferentes locais psíquicos nem diferentes condições funcionais de investimentos num mesmo local. Para Freud as palavras passam a ser um componente essencial do processo de pensamento, porém há possibilidade de várias interpretações diferentes a este respeito.

Tais abordagens conduzem a pesquisa a investigação de um pensamento não verbal em Freud, um pensamento não expresso em formas linguísticas, além de pensarmos as relações corpo e psiquismo em Freud, como nos apresentou Caropreso,F., e como podemos ver em Assoun (1996) pois este afirma que a dicotomia metafísica clássica entre corpo e alma é chamada a se reposicionar a partir do postulado freudiano do inconsciente, já que a noção freudiana de inconsciente imporia uma releitura da relação entre o somático e o psíquico. O inconsciente seria uma espécie de lugar de passagem, processo no qual se tornaria impossível distinguir o corporal do psíquico, que estariam articulados numa espécie de curto-circuito. A observação desta suposta “dicotomia” é imprescindível , como nos atenta Caropreso,F. (2008) o processo psíquico inconsciente consiste em processos físicos ou somáticos, além disso, ele ( Freud) esclarece como a relação entre o psíquico inconsciente e a consciência é pode ser

pensada: os processos conscientes são concomitantes" ou paralelos" a uma parte dos processos somáticos que constituem o psíquico inconsciente.

Estas ideias apesar de serem aparentemente desconexas a primeira vista, na realidade não são, temos que atentar ao fato de que a representação a princípio funda-se sobre uma fonte somática, dotada de sentido. Seguindo a ideia de Renan C. do Nascimento(2001) há uma inversão no modo de se pensar o somático e o psíquico desenvolvido por Freud: ao invés de pensar o psíquico como mera expressão do somático, o próprio campo do somático passa a ser pensado como objeto da representação. Essa inversão marca a possibilidade de um entendimento da linguagem e dos sintomas como uma expressão da vida anímica, mediada pelos processos secundários (pré-consciente e consciente), e arquitetadas pelo desejo – a partir do inconsciente (processo primário). Assim, a consciência seria um conjunto de qualidades que uma representação de objeto pode apresentar ao ligar-se a outra representação (de palavra). É sob esta perspectiva que a pesquisa avançará.

## CAPÍTULO II

### O pensar inconsciente

No capítulo precedente, o intuito da pesquisa foi o de apresentar alguns dos pressupostos teóricos de Freud e demonstrar o terreno sob o qual pretendeu-se partir para analisar o pensar no âmbito inconsciente. A investigação avança, neste capítulo, delimitada pela questão apresentada anteriormente, ou seja, apresentar argumentos sobre a possibilidade de um pensar, esse permeado ou não, pela linguagem, sob a perspectiva da representação-objeto.

André Green (2008, p.198), em seu *Orientações para uma psicanálise contemporânea*, diz que: “De maneira geral o pensamento é um tema que, em Freud, teve um início brilhante [...]”, porém ele afirma que foi preciso esperar Bion para que pudéssemos ver se desenvolver uma autêntica teoria do pensamento, exposta com imaginação e rigor. Para Green Freud apresenta de maneira magistral a questão do pensamento na terceira parte do *Esboço (1938)* e continua, porém de forma diferente na *Interpretação dos Sonhos (1900)*, depois no artigo *Os dois princípios (1911)* no *Homem dos Lobos (1914)* no *Bloco Mágico (1924)* nos artigos *sobre a neurose e psicose*, no artigo *A negação (1925)* e no *Fetichismo (1927)*. Contudo parece-nos que Green não dá a mesma importância aos textos pré-psicanalíticos, como por exemplo: *O Projeto, as Afasias, Estudos sobre Histeria e as Neuroses de defesa*, infelizmente não seria possível retrazar todo o percurso de Freud e dar a atenção merecida a tais textos, optamos assim em apresentar de maneira indireta tais obras. Em relação ao argumento de Green, a pesquisa apresentará neste segundo capítulo argumentos que entram em conflito com a ideia exposta por Green, A. e mostrara que a teoria psicanalítica freudiana envolve questões relacionadas ao mecanismo do pensamento e que estas podem ser inclusive inferidas a partir dos mecanismos inconscientes.

Partindo da interpretação de Fabio Thá (2004), para quem é possível inferir em Freud ao menos duas formas de “pensar” em Freud o pensar: uma forma mais imediatista (processo

primário) e outra mais “lógica” (processo secundário). Vimos no capítulo precedente que é possível falar em: pensamentos distintos, investimentos distintos e representação-coisa/representação-palavra. Essa discussão nos leva a pensar a respeito das associações em Freud.

Para Thá, as associações de objeto constituem-se em representação-palavra (representações diversas de imagens acústicas da palavra, imagem motora, imagem da leitura e da escrita) e trata-se de um complexo representativo fechado, mas há outro complexo, o da representação-objeto (associações de objeto), que é composto por: conjunto de imagens visuais, acústicas, táteis etc., que irão dar lugar à representação-objeto. Já para Garcia-Roza (2011) as associações de objeto não constituem por si mesmas uma representação-objeto nem são consideradas como representações icônicas de um objeto externo, elas formam apenas a matéria-prima para a *objektvortellung* (representação - objeto). Para ele, as associações de objeto agrupam-se para formar uma representação-objeto apenas a partir de sua ligação com a representação-palavra; só mediante tal ligação poderemos falar em representação-objeto, já que, para Garcia-Roza, é por esta relação que o objeto ganha identidade, discutiremos estas ideias juntamente com apoio de outros comentadores da obra de Freud, com o intuito de compreender mais significativamente as constituições da representação-objeto e representação-palavra em Freud.

## **2.1 A estrutura do aparelho psíquico: processo primário e processo secundário**

No último capítulo da *Interpretação dos sonhos*, Freud (2001) esquematiza o aparelho psíquico segundo o tipo reflexo, que comporta, por conseguinte, uma extremidade sensitiva ou perceptiva (P) e uma extremidade motora (M). As percepções deixam no aparelho psíquico certo traço, a lembrança (L), implicando a memória-conservação e a percepção-novidade.

Segundo Dalbiez (1947), é extremamente necessário separar essas duas funções. Para ele, a memória se filia naturalmente à associação, que se faz a princípio por simultaneidade e

por semelhança. Freud representa as camadas de lembranças associadas por uma série de sistemas  $S_1 S_2 S_3...$ . Entre a percepção e a memória, não há somente a oposição que separa a novidade da conservação. Enquanto que a percepção é geralmente consciente, a lembrança o mais das vezes permanece em estado inconsciente.

A respeito do processo primário, Mezan (2011), partindo do artigo de Freud já exposto *O Inconsciente*(1915), diz que ali Freud diferencia o que é inconsciente do que é reprimido. Mezan afirma também que é preciso distinguir um sentido descritivo do conceito de inconsciente (aquilo que não tem acesso à consciência) e um sentido sistemático (aquilo que pertence ao sistema Ics). O núcleo do sistema Ics consiste em representantes da pulsão, cuja finalidade é descarregar seu investimento: isto é, são impulsos de desejo.

Fabio Thá (2004) mostra que, em Freud, a tradicional dicotomia entre o lado material, ou do conteúdo ideativo – tradicionalmente identificado como a faceta psicológica e subjetiva do fenômeno mental – e o lado formal, ou do pensar – tradicionalmente identificado com a faceta lógica e objetiva – vai assumir a forma da dicotomia entre a representação e o pensamento. Para ele, Freud as concebe como duas ordens distintas que se entrelaçam no funcionamento cognitivo. Os processos perceptivos fornecem o conteúdo representacional dos processos mentais, e a experiência do sujeito relativa a este conteúdo fornece seu processamento, ou seja, os processos de pensamento (MEZAN, 2011).

Selaibe, M. ( 2003 p.32) diz que Freud para chegar até o pensamento, contará com a construção de um aparelho psíquico com suas diferenciações entre Pré-consciente/Consciente e Inconsciente , e que será preciso também antes de tudo, edificar as condições psíquicas aptas a sustentar a dinâmica entre representações ( de coisa e de palavra linguagem e afeto). Para a autora os problemas concernente à linguagem e ao Eu se ligam de imediato à questão do pensamento.

Num contexto histórico, nos aponta Lionço, T. ( 2008) o golpe sofrido pela tradição metafísica de cunho cartesiano com a reviravolta que o pensamento psicanalítico operou na compreensão de que, muito mais do que demarcados, os campos do soma e do psiquismo estariam irremediavelmente imbricados, indissociados.

Assoun( 1996) afirma que, se o corpo se inscreve, na tradição filosófica, como o reverso do 'princípio fundador', que seria a alma, ou, mais precisamente, o cogito, Freud vem tecer considerações sobre o corpo tomando como parâmetro o inconsciente e suas produções, o que acaba por acarretar a apreensão do corpo como efeito de linguagem. Nesta perspectiva, o corpo articular-se-ia, muito mais do que se oporia, ao registro que a ele se contraporía segundo a concepção metafísica, a dicotomia metafísica clássica entre corpo e alma é chamada a se reposicionar a partir do postulado freudiano do inconsciente, já que a noção freudiana de inconsciente imporia uma releitura da relação entre o somático e o psíquico.

Loparic,Z. (1996) aponta que toda teoria psicológica tem um fundamento filosófico. O pensamento cartesiano teve influência fundamental na construção da ciência moderna e ainda pode ser encontrado em diferentes áreas do conhecimento que têm uma base mecanicista. Na área das ciências humanas, o dualismo cartesiano esteve presente na teorização sobre o ser humano, concebido desde o século XVII como um objeto físico, como um corpo apartado da mente (ou da alma). Essas ideias podem ser encontradas na estrutura teórica da psicanálise tradicional.

Para Loparic,Z. (1997) A ideia do dualismo corpo/mente influenciou a teorização de Freud (Freud, 1895, Loparic,Z. 1997b), notadamente na concepção do homem como um aparelho psíquico dividido em instâncias, ou seja, um sujeito que funciona nos moldes de um aparelho movido pelo princípio do prazer. Loparic,Z. aponta que a mente "[...] serve-se de um instrumento (Instrument) ou aparelho (Apparat) para executar suas atuações ou performances (Leistungen). A mente dispõe ainda da energia chamada libido, que faz andar o aparelho" (Loparic, 1997b, p. 98).

Para Dias, M. F. ( 2008) ela ( libido) possibilita que o sujeito possa fazer uso da representação e funciona como se fosse uma máquina. De um modo geral, o ser humano é compreendido sob esta ótica: ele funciona e age nos moldes de uma máquina. Há também, na psicanálise freudiana, uma tendência a pensar o ser humano em termos de subjetividade, o que faz com que categorias, tais como pensamento e linguagem, definam a especificidade do ser humano. Isso não significa que Freud não se preocupava com a questão corpórea, o que ficou claro em textos anteriores, além de que é nítida a presença de alguns conceitos da

metapsicologia que remetam ao corpo, como o de pulsão por exemplo que, segundo ele, é um conceito limite entre o psíquico e o somático. É necessário acrescentar, porém, que o sentido do corpo em Freud (1923/1980) é o de algo dado desde o início da vida.

Para Perez, D.O ( 2009), a psicanálise não deveria ser entendida como um saber ôntico ou de uma região do ente, tal como seria o caso de uma metafísica ou uma ciência particular como a psicologia ou a matemática. Uma psicanálise se compreende como uma experiência do sujeito onde os conceitos servem para articular um fenômeno que não é da ordem das ciências naturais ou formais. Dito sem rodeios, a psicanálise é entendida como experiência da relação do sujeito com o próprio desejo e com as barreiras que separam um do outro.

Sabe-se que é do mundo exterior nos vêm incessantemente impressões tais como cores, odores, sons, sabores, contatos etc. Cada uma dessas palavras designa ao mesmo tempo uma ação física ou química que exerce sobre um de nossos sentidos um fenômeno subjetivo, a sensação. A sensação é um fenômeno mental que resulta da excitação de um órgão sensorial.

As excitações externas são físicas ou químicas. As primeiras são ações de contato ou de pressão diretamente exercidas sobre nosso corpo por corpos externos e podem ser vibrações emanando de corpos distantes de nós; já as excitações químicas consistem em emissões particulares, por exemplo: gases (odor), ou em diluições de substâncias sólidas ou líquidas (gosto). No que concerne às sensações ditas externas, como o próprio nome já diz, elas são provocadas pelos corpos externos, mas há também sensações internas provenientes de nosso próprio corpo e do conjunto de nossos órgãos.

Freud reconhece que a própria possibilidade do pensar é dada pela percepção, já que é por meio desta que podem existir no psiquismo representações-coisa ou representações-palavra a partir dos traços de imagens sensoriais.

Pode-se dizer que a questão do pensar já esta presente em Freud desde o início em 1895, por exemplo, no texto *Estudos sobre a histeria* onde Freud remete os sintomas histéricos a representações inconscientes. Contudo o conceito de inconsciente em 1895 não é a de um psiquismo inconsciente mas sim da ausência de consciência, ou seja, ainda não e tem uma concepção clara dos processos psíquicos inconscientes.

Apenas no Projeto ( 1985) é que tais processos começam a tomar forma, e nos Estudos sobre histeria( 1895) Freud parece remeter explicitamente a um possível material psíquico inconsciente patógeno que parece pertencer a uma inteligência equivalente a do eu normal. Na *Interpretação dos sonhos (1900)* temos a ideia das representações como entidades analógicas e imagéticas. Elas se originam da percepção, seja interna (os traços mnésicos das excitações internas), seja externa (as imagens mnésicas dos objetos), e são concebidas como unidades mentais, fundamentalmente imagens psíquicas de objetos e sensações exteriores estão relacionadas em redes associativas que espelham sua ocorrência na realidade externa, são capazes de representar também relações e eventos.

Já nos artigos de metapsicologia de 1915, Freud propunha que para um fenômeno mental possa ser uma sensação consciente, ele deve necessariamente ocupar o pré-consciente/consciente, e que mesmo estando neste sistema não há garantia de consciência. Para que haja consciência, algo deve, antes de tudo, ser captado pela percepção. No caso de ser um estímulo interno (uma representação, não um afeto), deve se comportar como uma percepção externa, e aí sim poderá ser consciente, em 1915 Freud apresenta o aparelho psíquico para dar conta destas representações.

Thá,F. (2004) considera essa concepção freudiana de representações como entidades analógicas e imagéticas, que não são entidades isoladas, e sim, relacionadas em redes associativas que espelham sua ocorrência na realidade externa, sendo capazes também de representar relações e eventos.

[...] um complexo de associações formado por uma grande variedade de apresentações visuais, acústicas, táteis, cenestésicas e outras. A filosofia nos diz que uma apresentação do objeto consiste simplesmente nisso – que a aparência de haver uma “coisa” de cujos vários “atributos” essas impressões dos sentidos dão testemunho, deve-se meramente ao fato de que, ao enumerarmos as impressões sensoriais que recebemos de um objeto, pressupomos a possibilidade de haver grande número de outras impressões na mesma cadeia de associações. (FREUD, 2010e, p. 244)

A princípio para Freud as associações de coisa formam a matéria prima para a *objektvorstellung* (representação-objeto), e que elas se tornam a representação-objeto apenas a partir da ligação com a representação-palavra.

Além do conteúdo ideacional, as representações também são dotadas de uma qualidade de energia ou investimento. Para Thá,F. (2004), em Freud o investimento significa ativação, capacidade de ligação e relação entre as representações (traços de memória), o que resulta nas ideias. Uma representação investida é uma ideia ligada ativada, cujas relações com outras ideias são possíveis. Dessa forma, uma coisa são as relações associativas presentes nas representações de objeto, advindas das relações captadas pelos processos perceptivos que formam os complexos de sensações associados em uma representação; outra coisa, completamente diferente, é a ativação ou inibição desses complexos representacionais pela energia fluente no sistema nervoso. A esse processamento de ativação ou inibição das representações Freud chama de “processos de pensamento” (THÁ, 2004, p. 119).

Caropreso, F. ( 2008) ressalta que *No capítulo VII ( Interpretação dos Sonhos)*, Freud sustenta que não basta uma representação estar associada a palavras para que ela possa se tornar consciente: além dessa associação, seria necessário ainda que a representação possuísse intensidade superior a certo nível e que não fosse barrada pela censura atuante entre os sistemas pré-consciente e consciente.

Freud apresenta dois tipos de escoamento da energia no aparelho mental. No processo primário, a energia é livre, ou seja, flui livremente através das representações, ligadas ao primeiro processo associativo; já no processo secundário, constitui-se, num plano topológico, no sistema pré-consciente/consciente, consistindo no domínio econômico numa ligação para um controle do fluxo energético.

Thá,F. (2004, p. 120) a respeito do processo secundário afirma que:

A descarga fica suspensa até que muitos caminhos associativos tenham sido percorridos, o que espelha no interior do aparelho as ações que devem ser executadas na realidade para que a descarga energética atinja seus objetivos de escoamento. Esses processos de pensamento, típicos do sistema pré-consciente, equivalem a ensaios para a ação e são uma forma de ação interiorizada. Incluem os chamados processos racionais de pensamento, uma

vez que necessitam levar em conta o mundo externo no equacionamento de seus objetivos.

Pode-se observar uma mudança interessante entre os textos de Freud. Em *A Interpretação dos sonhos*, ele já não fala mais de energia e neurônios, e sim, do desejo e de ideias investidas. É nesse texto que, segundo Garcia-Roza (2009), podemos encontrar o núcleo essencial do que ficou conhecido como a Primeira Tópica freudiana, isto é, a concepção do aparelho psíquico como formado por instâncias ou sistemas: inconsciente, pré-consciente e consciente.

Também é nesse texto (*Traumdeutung [Interpretação dos sonhos]*) que Freud expõe a ideia de que os sonhos possuem sentido e são realizações de desejos. Fabio Thá (2004) ressalta que a consideração da metáfora utilizada por Freud para definir seu conceito de desejo mostra em que consiste a diferença entre o processo primário do sistema inconsciente e o processo secundário do sistema pré-consciente. Mas o que seria um desejo?

A metáfora para o desejo é a da experiência de satisfação. Imagine-se um nenê recém-nascido em estado de equilíbrio. As exigências da vida logo vêm perturbar seu equilíbrio sob a forma da principal necessidade somática, a fome. Pela premissa do arco reflexo, as excitações produzidas por essa necessidade buscam descarga motora. Um nenê com fome grita e movimenta-se impotentemente. Como esse estímulo não se resolve por essa via, ele permanece mantendo o nível de excitação continuamente. Nesse caso, apenas um auxílio externo será capaz de resolver esse estado de desequilíbrio: a alimentação provida por um outro. Dessa maneira põe-se fim ao estímulo interno e acontece a experiência de satisfação. O nenê volta ao equilíbrio. Essa experiência de satisfação deixa duas marcas essenciais: a percepção particular (do objeto que nutre) registra-se como uma imagem mnésica que permanece associada, daí por diante, com o traço de memória da excitação produzida pela necessidade. Como resultado desse elo, na próxima vez que a necessidade desperte, surgirá imediatamente um impulso psíquico que procurará recatexizar a imagem mnésica da percepção e reevocar a própria percepção, ou seja, restabelecer a experiência de satisfação original. “Um impulso desta espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo”. (THÁ, 2004, p. 120)

Garcia-Roza (2011) o define da seguinte forma: o desejo é uma ideia ou um pensamento; algo completamente distinto, portanto, da necessidade e da exigência. O desejo se dá no nível

da representação, tendo como correlatos os fantasmas (fantasias), o que faz com que, contrariamente à pulsão (*Trieb*) que tem que ser satisfeita, o desejo tenha que ser realizado.

Voltando ao exemplo de Fabio Thá (2004), citado acima, podemos dizer que é esse o modo de funcionamento do processo primário. No exemplo podemos ver que o objetivo do processo primário é produzir uma identidade perceptiva. Segundo o autor, a dura experiência da vida cedo demonstrará que o estabelecimento dessa identidade perceptiva ao longo do curto caminho da regressão dentro do aparelho não apresenta o resultado esperado, pois evidentemente ela é incapaz de recriar o objeto externo necessário à satisfação. Então a satisfação não ocorre, e a necessidade persiste.

Assim faz-se necessário romper a regressão antes que esta atinja a revivescência de imagem mnésica. Além disso, a excitação deve ser desviada por outros caminhos que possam efetivamente conduzir à satisfação desejada, os quais envolvem necessariamente o mundo externo (já que é lá onde se encontra o objeto visado). Os sonhos são uma amostra atual desse processo primitivo de funcionamento do aparelho psíquico; o que eles fazem é realizar desejos produzindo uma satisfação alucinatória através do caminho regressivo.

Posteriormente essa primitiva atividade do pensamento dá lugar a outra, mais elaborada, que se encarregará da inibição, visando impedir a catexia alucinatória de uma lembrança que, por motivos óbvios, não pode produzir satisfação. Daí a necessidade de outro sistema pré-consciente/consciente, cuja função é inibir. Eis o processo secundário, regido pelo princípio de realidade. Segundo Fabio Thá (2004), o processo secundário precisa desviar a excitação surgida da necessidade ao longo de um caminho indireto, que envolve o movimento voluntário, de tal forma a alterar o mundo externo para que seja possível chegar ao objeto de satisfação.

O processo secundário visa, assim, a uma identidade de pensamento, ao contrário da identidade perceptiva visada pelo processo primário. O processo primário corresponde ao pensamento inconsciente e o processo secundário, ao pré-consciente/consciente (THÁ, 2004, p. 121). Na concepção de Garcia-Roza (2011, p. 91), o processo secundário é posterior ao processo primário e resulta de uma modificação do primeiro, sendo que jamais ocorre a substituição do primeiro pelo segundo.

Caropreso, F. ( 2001) diz que com a inibição do processo primário, ocorre um acúmulo de quantidade no eu que permite a ele direcionar os processos associativos de modo que estes conduzam à satisfação, Através de uma comparação entre tal representação e as representações provenientes da percepção - processo este que é chamado por Freud de "juízo"- o sujeito passa a discriminar, nos complexos perceptivos, uma parte que coincide com as representações de desejo e uma parte que não coincide e, a partir da parte discordante do complexo, tenta encontrar um caminho que leve à representação desejada, ou seja, que leve à coincidência total e, então, permita a satisfação. Esses processos que transcorrem entre o surgimento do desejo e sua satisfação constituem o pensamento para Freud. Originariamente, o pensamento tem como meta a obtenção da identidade entre a representação mnêmica correspondente ao objeto de desejo e a percepção seguida de eliminação motora; constitui, portanto, um caminho para a realização de desejo. Posteriormente, ele se torna independente desta meta e passa a visar apenas o reconhecimento dos objetos. Segundo Freud, este caminho percorrido pelo pensamento consiste, inicialmente, na reanimação de uma ação decorrente do lado acidental da ação específica. Desse modo, a reocupação das imagens de movimento constitui o pensamento em seu momento inicial.

Posteriormente, o pensamento passa a ser executado com quantidades menores e, então, pode ser diferenciado da ação pela intensidade do processo. Como afirma Freud (1895/1995, p. 82 Apud Caropreso,F. 2001): "o representar e o mover são apenas quantitativamente distintos ". Não é explicado como, a partir de um certo momento, é possível pensar sem se mover, mas é possível supor que o que possibilita esta distinção é a constituição das associações lingüísticas, pois elas permitem a rememoração das percepções, ou seja, permitem que as ações sejam rememoradas sem serem executadas. A partir de então, não é mais necessário agir para pensar, a ação pode ser imaginada, surge a capacidade de raciocínio. Com isso, o pensamento pode ocorrer na ausência da necessidade real, de forma que antecipe os possíveis caminhos que conduzem à satisfação, o que permite que esta seja obtida mais rapidamente quando o desejo, de fato, surgir. Pode-se dizer que as imagens cinestésicas da palavra substituem a ação e que, portanto, a linguagem permite que o pensamento se diferencie desta.

Fabio Thá (2004) diz ainda ser possível situar mais adequadamente a atividade do processo secundário e considera, para tal, outra metáfora de Freud, a da experiência de sobressalto externo.

Suponhamos que o aparelho seja atingido por um estímulo perceptivo que é fonte de excitação penosa ou dolorosa. Seguir-se-á a resposta: manifestações motoras descoordenadas até que uma delas afasta a percepção desse estímulo. Novamente, a imagem mnésica da percepção ficará associada com o traço de memória da dor. Assim, não permanecerá no aparelho nenhuma tendência a recatexizar a percepção fonte da dor, mesmo que alucinatoriamente. Pelo contrário, haverá uma tendência a evitar a lembrança dolorosa. Essa evitação regular pelo processo psíquico da memória de qualquer coisa que tenha sido aflitiva fornece o protótipo do recalçamento psíquico. Como resultado disso, o primeiro sistema psíquico, dominado pelo princípio do prazer, é totalmente incapaz de trazer algo de desagradável para o contexto de seus pensamentos. “Ele é incapaz de fazer qualquer coisa que não desejar” (1900 Apud. THÁ, 2004, p. 121)

Para efetuar as alterações no mundo externo é necessário acumular um grande número de experiências nos sistemas mnésicos e uma multiplicidade de registros permanentes das associações entre os elementos. Assim o processo secundário deve testar os caminhos internamente antes de liberar a motricidade (GARCIA-ROZA, 2009, p. 122).

Fabio Thá (2004) dirá, então, que o pensamento para Freud é a contraparte psíquica da ação, uma vez que corresponde a deslocamentos de energia mental que visam à descarga motora da excitação. Essa ação pode ser imediata ou reflexa, no caso de ser dirigida pelo processo primário; ou incorporar a atividade do sujeito em seu meio, quando é regida pelo processo secundário.

Segundo Fabio Thá (2004, p. 122), trata-se de dois processamentos diferentes da excitação, ou, em linguagem menos biológica, de dois padrões de ativação e inibição dos elementos representacionais. Além disso, vimos que o pensamento para Freud é fundamentalmente não verbal. As representações organizam-se em conjuntos ordenados segundo padrões advindos da experiência perceptual por um lado, e de padrões de ativação e inibição por outro, podendo ser mapeadas por meio da linguagem. Mas o pensamento pode

prosseguir sem ser expresso em forma linguística. Para Freud, pensamento e linguagem são dois domínios diferentes que podem ou não se entrecruzar.

Entretanto, no entender de Fabio Thá (2004), Freud não se contenta simplesmente em apontar que há diferentes processos de pensamento. Podemos ver na “Interpretação dos sonhos”, em que Freud trata longamente sobre os mecanismos que atuam nos processos primários, que o deslocamento, a condensação e a transformação em imagens opõem sua lógica operatória à do processo secundário, este regido por processos racionais e lógicos.

É nítido que Freud reconhece a diferença entre o pensar racional do pré-consciente/consciente e o pensar inconsciente, este mais imediatista, permeado pelo desejo visando à sua satisfação. Fabio Thá (2004, p. 123) enfatiza que a diferença entre processo primário e secundário reproduz teoricamente os dois conjuntos de pensamento que Freud encontrou em suas análises das formações do inconsciente, sendo os dois polos do conflito psíquico representados nos fenômenos sintomáticos, oníricos, nos enganos e nos chistes. Assim, para Fabio Thá (2004), não seria exagero dizer que toda a teoria psicológica de Freud está construída para explicar essa divisão fundamental que ele encontrou no psiquismo humano.

## **2.2 A circulação pulsional dentro do processo primário e secundário**

Foi apresentado no capítulo I que Freud define a pulsão como um impulso dinâmico que tem uma fonte, uma finalidade e um objeto. Vimos também que a pulsão age como uma força constante que não pode ser suprimida, a não ser pela satisfação que corresponde à sua finalidade<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Parece-nos importante evidenciar nossa posição: vimos que Freud utilizou a pulsão como base para a teoria psicanalítica; o que tentamos no texto não é evidenciar uma análise do problema da ideia de pulsão em Freud, mas sim considerar o fato de que a pulsão tem na obra dele o objetivo de dar conta da sustentação teórica do funcionamento do aparelho psíquico. Mesmo sabendo que Freud, a partir de 1915, aponta para uma pulsão desvinculada do âmbito orgânico, optamos pela fidelidade aos textos metapsicológicos; apesar de considerarmos esse momento um divisor de águas, procuramos manter a ideia da dita “primeira teoria das pulsões” (prazer/desprazer) como Freud a apresentou. A pulsão (FREUD, 2010h, p. 182), enquanto tal, é incognoscível, ela só

Freud sempre se apoiou num modelo dualista da pulsão, o que justifica baseado na experiência clínica.

Laplanche e Pontalis, por sua vez, sintetizam a importância desse tema:

A psicanálise considera o conflito como constitutivo do ser humano, e isto em diversas perspectivas: conflito entre o desejo e a defesa, conflito entre os diferentes sistemas ou instâncias, conflitos entre as pulsões, e por fim o conflito edipiano, onde não apenas se defrontam desejos contrários, mas onde estes enfrentam a interdição (1970, p. 131).

É uma constante na obra de Freud os dualismos, a princípio por tratarmos da primeira tópica freudiana nos apoiamos na oposição entre pulsões sexuais e pulsões do ego, como nos aponta Fortes, I. (2013) o primeiro dualismo freudiano é relevante no que concerne à discussão sobre o biológico, na medida em que subjaz a essa oposição a ideia de que a pulsão sexual se apoia na pulsão do ego, compreensão central na formulação da teoria do *apoio*. Por outro lado, as pulsões do ego são também consideradas pulsões de autoconservação, indicando já nessa distinção o quanto a pulsão é limítrofe, o quanto só pode ser concebida na fronteira entre o orgânico e o psíquico.

Geralmente contrapondo pulsões sexuais a outros grupos de pulsões, Freud se utiliza da teoria do conflito pulsional para enfatizar suas teorias metodológicas. A pulsão é uma força poderosa, indeterminada, arcaica e própria do ser vivo que se manifesta a todo o momento.

Hanns (1999, p. 44) afirma que

Freud menciona que há algo de poderoso por trás dela (Pulsão). Esta energia de origem indeterminada, que ao se manifestar em cada indivíduo se ramifica em numerosas pequenas pulsões, é como um grande rio cuja fonte se situa para além (ou aquém) da existência dos indivíduos.

Para Hanns, Freud pretendia, ao formular o conceito de pulsão, realizar três tarefas principais, que seriam: primeiro formular um modelo de funcionamento psíquico; depois estabelecer as bases fisiológicas do psiquismo; e por fim situar os fatores biológicos de nosso

---

é conhecida através de seus representantes, ou seja, os representantes da pulsão. Assim, a antítese entre consciente e inconsciente não se aplica às pulsões.

comportamento. Ao que parece Freud pretendia estabelecer uma correspondência entre o mundo psíquico e a fisiologia pulsional. Vimos que Freud mantém um esquema (modelo) energético-econômico, que diz respeito à relação entre sistema nervoso e percepção psíquica.

Há estudiosos, como Garcia-Roza, que entendem a pulsão como um conceito não retirado das observações empíricas, ou seja, é um termo elaborado no campo teórico. Para Garcia-Roza a pulsão não permite uma descrição do real, apenas sua produção. Assim a pulsão nunca ocorre em si mesma, apenas passamos a tomar conhecimento dela através de seus representantes psíquicos: a ideia e o afeto.

O Afeto enquanto expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e de suas variações; não está necessariamente ligado a uma representação (ideia), que por sua vez significa a formação do conteúdo concreto de um ato de pensamento.

No texto *As pulsões e suas vicissitudes*, Freud (2010h, p. 127 e 125, respectivamente) reflete sobre a passagem do psiquismo para o somático e define a pulsão “[...] como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático [...]”, ou ainda “como que a principal característica da pulsão, é a de ter sua origem em fontes de estimulação dentro do organismo e de ser uma força constante (*konstante kraft*) em que nenhuma ação de fuga prevalece contra ela”<sup>13</sup>.

O que se pode observar com essas inferências é um possível conflito acerca do conceito de pulsão. A princípio podemos dizer que Freud (2010, p. 57) identifica a pulsão ao seu representante psíquico, como se pode ver no texto acima citado: “[...] uma pulsão nos aparece como sendo um conceito fronteiro entre o somático e o psíquico”. Desta maneira ele identifica pulsão ao representante psíquico dos estímulos corporais. Num segundo momento, ele dirá que a pulsão é composta por seus representantes psíquicos: afeto e ideia. Já no artigo *O Inconsciente (1915)* (FREUD, 2010e, p. 182) o autor revela que: “[...] uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência, somente a representação que representa a pulsão é que pode. Mesmo no inconsciente, uma pulsão não pode ser representada de outra forma, a não ser por uma representação”.

---

<sup>13</sup> Esta definição de pulsão trouxe à psicanálise uma discussão interpretativa interminável; pensar a pulsão sob esta perspectiva pode gerar inúmeras interpretações.

Rudge,A.M. (1998 p. 40) dirá que a pulsão é o “representante psíquico” das excitações oriundas do corpo, que chegam ao psíquico, e uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao psíquico em consequência de sua ligação com o corpo.

Freud utilizava a palavra pulsão na acepção de uma espécie de organização biológica em torno da qual os estímulos endógenos circulam, estímulos estes que, ao chegarem à psique, transformam-se em imagens-representação carregadas de afeto; acrescidas de estímulos exógenos, elas formarão os complexos de ideias que irão compor o psiquismo. Sendo assim poderíamos dizer que a natureza da pulsão é tanto psíquica, já que só podemos conhecê-la através de seus representantes, quanto física, e que sua fonte é corpórea – lembremos a já explicitada noção de *Apoio*. Optamos por ser fiéis a tal interpretação da pulsão e acreditamos que podemos, com a ajuda de Hanns (1999), demonstrar como ocorre a circulação da pulsão no processo primário e no secundário.

Como descreve Hanns (1999, p. 44):

Trieb na esfera individual como um circuito de circulação pulsional que brota no somático como “energia-estímulo nervoso” e atinge o sistema nervoso central na forma de sensações e imagens (ideias) para, então, ser descarregado através de certas ações mentais e motoras.

Mezan, R. ( 2011 p.94) dirá que: o princípio que regula o aparelho psíquico é o da busca do prazer e da fuga da dor, assim sendo a princípio falamos de um livre fluxo de energia rumo às imagens mnêmicas, o que invariavelmente desemboca numa frustração: se a imagem investida for a de um objeto gratificante, nem por isto a alucinação provocará a liberação do prazer associado á experiência de satisfação correspondente, se for um objeto desagradável , o desprazer associado à sua recordação será liberado devido à conexão entre esta imagem e uma experiência de dor.

Segundo Hanns (1999, p. 47), Freud vinha elaborando um modelo psíquico complexo desde 1893, quando das primeiras observações clínicas das pacientes histéricas e da constatação da centralidade da sexualidade nessas afecções. Nesse modelo freudiano, os pensamentos e afetos seguem uma lógica própria, movimentando-se numa matriz de

significações e alternando-se numa dinâmica entre inconsciente e consciente. Sua teoria pulsional veio somar-se a esse modelo construído sobre as observações clínicas.

Faz-se necessário, neste ponto, apresentarmos algumas considerações a respeito da relação entre estímulos e pulsão. Os estímulos circulam por toda a construção mental. Para Freud, o excesso de estímulo (*Reiz*) é vivido pelo sujeito como algo avassalador, que o leva a um estado de desamparo. Desde o nascimento o domínio das excitações/estímulos é umas das principais tarefas impostas à psique. A preocupação no que diz respeito aos mecanismos que regulam a descarga dos estímulos e que evitam o aumento da excitação está sempre presente em Freud.

Freud (2010c, p. 102/ G.W 1941d p. ) diz que:

Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que, de outra forma, seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos. Sua elaboração na mente auxilia de forma marcante um escoamento das excitações que são incapazes de descarga direta para fora, ou para as quais tal descarga é no momento indesejável.

No decorrer de suas obras, Freud parece referir-se cada vez mais aos estímulos endógenos (gerados internamente pelas pulsões) e cada vez menos aos estímulos externos. Podemos analisar tal fato com clareza ao observar escritos como o *Projeto (1895)* e o Princípio de nirvana, em *Além do princípio de prazer (1920)*, por exemplo.

A pulsão então é entendida como um representante psíquico dos estímulos oriundos do corpo, esses representantes psíquicos ocupados por uma quantidade de energia ou carga afetiva, porém não podemos igualar pulsão ao estímulo psíquico, pois há estímulos que provém de fontes externas, já o estímulo pulsional provém do interior do próprio corpo. A pulsão nunca age como uma força momentânea mas sim como uma força constante.

A Lust permanece ambígua na fronteira entre a disposição (vontade), o “prazer antecipatório” e as sensações que começam a brotar. Neste sentido, a palavra “tesão”, cujo uso na gíria em português também não é só sexual (por exemplo, o trabalho não me dá mais tesão), pode expressar algo equivalente a Lust, na medida em que descreve este brotar de sensações de prazer e

disposição para obter mais prazer mesclando vontade, desejo e pré-prazer. (HANNS, 1999, p. 58)

E prossegue:

“A corporeidade de Lust e seu caráter de prazer inicial estão muitas vezes, na linguagem coloquial, ligados às sensações agradáveis de estimulação-por-somação providas do acúmulo de *Reize*”. Por exemplo, um odor agradável que nos chega inesperadamente e que vai se tornando mais nítido pode trazer Lust devido à somação de estímulos odoríficos agradáveis. Este tipo de estímulo externo agradável é designado em alemão como Reiz (na acepção de “encanto”, “atrativo” ou ainda “charme”). Todavia, no contexto das pulsões não são os estímulos externos os essenciais, mas os internos. (HANNS, 1999,p. 59)

Assim a parte enfatizada por Freud no que diz respeito à pulsão recai sobre os estímulos internos, isto é, sobre os estímulos pulsionais, os quais causam desprazer, e, pelo fato de somente eles possuírem a qualidade de impulsionar o sujeito, é deles que Freud se ocupa.

Para Caropreso, F.(2001) o mecanismo da atenção e o eu passam a julgar os complexos perceptivos, ou seja, a partir do momento que o eu tenta identificá-los a representações já conhecidas, as representações de palavras vão se constituindo, pois os sons fazem parte dos complexos perceptivos e, devido à tendência à imitação presente no juízo, o sujeito tenta encontrar imagens cinestésicas que produzam imagens acústicas semelhantes às provenientes dos sons pronunciados por outros. Desta forma, cada vez mais representações de objeto podem ser rememoradas até que a linguagem adquira a capacidade de substituir completamente a ação.

Há necessidade ainda da apresentação de um termo de fundamental importância na teoria freudiana, o conceito de Pressão (*Drang*). De modo geral, o termo refere-se a um desejo ardente e intenso, algo que deseja manifestar-se. A entrada da pulsão no psíquico se dá sob o impacto do *Drang*.

Pelo uso do termo *Harndrang* (necessidade/vontade de urinar), aliás algumas vezes utilizado por Freud na Interpretação dos sonhos. *Harndrang* pode constituir-se como uma fonte somática que interfere no sonho. É simultaneamente a pressão da urina na bexiga e a necessidade de urinar. Este

aperto da urina gerara estímulos (*Reize*) que se fazem representar na psique como imagens no sonho e são percebidos como irritativos ou desagradáveis. Uma sensação de *Drang* (ânsia, afã, pressão) leva o sujeito então a apreciar/querer agir, sair para livrar-se da pressão e procurar alívio. (HANNNS, 1999, p. 72)

Pode-se definir desta forma: o acúmulo de Reiz provoca uma espécie de pressão sentida psiquicamente como Drang, provocando uma necessidade; o sujeito guia-se por imagens de objetos de alívio e visa encontrá-los através das ações motoras com o objetivo de livrar-se da pressão, visando à satisfação.

Lembremos que Freud, no artigo *O Inconsciente*(1915) (1987, p. 203, apud HANNNS, u1999, p. 77-78), afirma que um instinto (*Trieb*) nunca pode tornar-se objeto da consciência, só a ideia (*Vorstellung*) que o representa (*Repräsentiert*) pode. Além disso, mesmo no inconsciente, um instinto não pode ser representado de outra forma a não ser por uma ideia. Não obstante, quando falamos de um impulso instintual (*Triebregung*) inconsciente ou de impulso instintual reprimido, a imprecisão da fraseologia é inofensiva. Podemos apenas referir-nos a um impulso instintual cuja representação ideacional (*Vorstellungsrepräsentanz*) é inconsciente, pois nada mais entra em consideração.

É possível esclarecer melhor a questão não só da entrada da pulsão no psíquico, como a relação pulsão-imagem-representação, se adentrarmos ainda mais na análise da circulação pulsional.

As *Vorstellungen* (imagens, ideias, representações) estão associadas (interligadas, relacionadas) entre si, formando uma extensa malha (ou tela) de ideias e imagens inter-relacionadas. Essa matriz é o campo psíquico pelo qual as pulsões, ou melhor, as manifestações dos estímulos pulsionais se movimentarão. Trata-se de um estoque de imagens ou representações de vivências que formam uma memória. Guardam informações sobre conexões causais, relações lógicas e sobre afetos produzidos por cada estímulo (prazer/desprazer) vivenciado. São elas que compõem o mundo interno, são a matriz através da qual o sujeito decodifica os estímulos internos e externos que lhe chegam. É este sistema de *Vorstellungen* (que podem se encontrar em estado consciente ou inconsciente) que compõe o que Freud denomina como aparelho psíquico [...] a pulsão penetra agora nas esferas psíquicas do processo primário e secundário, onde as quantidades de carga terão de sujeitar-se à lógica que rege as relações entre as imagens, afeto (processo primário) e palavras (processo secundário). (HANNNS, 1999, p. 84)

No processo primário o aparelho psíquico se restringe a dotar os processos de imagens e qualificá-lo (associar ao prazer/ou desprazer), como explica Hanns (1999, p. 84): “a fonte pulsional envia a energia psíquica sob a forma de estímulos pulsionais, cuja manifestação coincidirá com as vivências afetivas (prazer/desprazer) que se associam a determinadas imagens (a maioria de origem externa) produzidas naquela ocasião”.

Caropreso, F. ( 2001 p.29-38) diz que este pensamento ( processo primário) tem como meta a obtenção da identidade entre percepção e representação de desejo é chamado por Freud de "pensamento prático" ou "pensamento reprodutivo".

Tal coincidência de ocorrências internas e externas, ao se repetir, muitas vezes deixa caminhos facilitadores, as *Bahnungen*. Quando um estímulo se repete provocando o desprazer, ele é evitado pela evocação da sequência que o dirigiu para o prazer, dirigindo-se para um objeto de alívio. Como nesse estágio há pouca ou nenhuma retenção energética, sempre que surge a necessidade ela pode ser ativada.

Assim as imagens vão formando um grupo de imagens vinculadas umas às outras, constituindo assim grupos complexos. Um grupo de representações que pode ser ativado por uma única representação, assim como os afetos ligados a uma representação, podem “infectar” outras representações.

O mecanismo que conduz o processo primário é mais complexo do que o modelo de arco reflexo, mas também é uma forma frágil de regulação da circulação pulsional. Contudo o funcionamento do processo primário só será ultrapassado quando ocorrer de maneira mais estável o ato de atar-fixar a energia pulsional às ideias (imagens), quando o sujeito conseguir inibir os excessos de carga de energia e operar com pequenas quantidades, fazendo associações, por experimentação e simulação, e conseguindo antecipar imaginariamente os fenômenos. Mas tal desenvolvimento segundo Freud, é digamos, é mais elaborado e só será possível no processo secundário.

Vimos a entrada das pulsões num patamar psíquico, neste patamar as pulsões que “investem contra” o aparelho psíquico continuam a visar à descarga, porém são guiadas por rotas de imagens e sensações, os estímulos

pulsionais já não invadem mais o aparelho através de percursos somáticos e pré-definidos pela anatomia, mas sim por marcas deixadas pela experiência. São as associações de caminhos facilitados que vão do desprazer ao prazer e que levam a pulsão em direção à descarga imediata; no processo secundário veremos um estado psíquico mais complexo. Nele as pulsões passam a assumir formas mais estáveis no âmbito representacional. (HANNIS, 1999, p. 91)

E Hanns (1999, p. 91) prossegue:

Este aparelho não é mais um condutor que funciona através de associações de sequências, mas que acumula, distribui e encaminha as cargas pulsionais a partir de um estoque de associações disponíveis com as quais ele opera segundo regras de raciocínio. Estas regras lhe permitem simular e antecipar a cada momento o melhor percurso, bem como tentar compatibilizar e ordenar percursos de pulsões simultâneas. As leis que organizam o percurso pulsional não são mais nem as estritamente anatômicas, nem as sequências de imagens e sensações, agora serão as relações de sentido entre imagens e afetos que direcionarão o movimento. Em outras palavras, será o pensamento, o simbólico, a linguagem, a vontade como desejo que estarão em jogo.

Os estímulos, ao entrarem na esfera psíquica, passam a se expressar através de imagens sensoriais mais estáveis e reevocáveis, e através de afetos de prazer, de dor, de desejos etc., e, mais tarde, através de palavras. Será possível também a possibilidade cognitiva de reconhecer contradições lógicas e superá-las. Poderíamos usar a princípio o esquema do *Projeto(1895)* para elucidar melhor nossa exposição. Vejamos:

“A maior abrangência e complexidade psíquica se dá inicialmente pela predominância da capacidade de retenção ligação (*Bindung*) da energia pulsional”. Assim, após a passagem das pulsões por neurônios ou sistemas psíquicos, capacitados a reter energia, fica um determinado resíduo de energia pulsional (atado, fixado) nos neurônios portadores das imagens, de modo a mantê-los pré-ativados. Esta carga estocada nos neurônios permite mantê-los de prontidão para representar de maneira revocável as experiências do mundo interno e externo. Ou seja, através dessas imagens interligadas por Bahnungen (vias facilitadas de conexão) e pré-ativadas, forma-se um mapa cognitivo e afetivo (uma memória das vivências) sempre disponível a fornecer as informações necessárias para a ação. (HANNIS, 1999, p. 92)

Entretanto, para que o sistema não sucumba às alucinações, é necessária a inibição dos excessos de catexia em certos neurônios, evitando que a ativação de uma lembrança adquira a

intensidade de uma vivência real levando o sujeito a alucinar. Para tal, a inibição funciona como uma espécie de drenagem, através da abertura de mais conexões que permitam diferenciar a percepção do objeto (sua presença) da representação do objeto (sua imagem na memória).

É o atamento (*Bindung*) da energia pulsional das ideias-imagens (*Vortellungen*) que faz com que o aparelho esteja sempre de prontidão (rememorativa) e é também o que permite ao organismo operar com um estoque de energia suficiente para as ações necessárias a suspender as necessidades (fome, sede, obter amor etc.).

Através das *Bahnungen* (vias facilitadas de conexão), *Bindung* (atamento) e *Verbindung* (interligação, conexão, vinculação), a vinculação da fonte pulsional a determinadas sequências de imagens que representam determinadas funções, finalidades e metas, garante que a pulsão possa adquirir sentido. Segundo Hanns (1999, p. 94), “esta conexão ocorre simultaneamente no patamar biológico, no somático e no psíquico”.

Já no processo secundário, falamos de redes de simulações mentais, onde se formam as equivalências simbólicas. No processo secundário as redes de simulações são intermediadas pela palavra, o que lhes permite conectar o desejo e as vias de satisfação pulsional culturalmente possíveis, possibilitando ao sujeito encontrar um significado na ação, o que lhe permite ordenar e organizar suas experiências e ações. Será no processo secundário que se formará um ego.

Busca-se apoio neste ponto no exemplo citado por Hanns (1999, p. 94) para elucidar o processo secundário: o apetite-opções gastronômicas-prazer de degustar uma iguaria, ou apetite-dieta-prazer de se imaginar esbelto, ou ainda o desejo sexual-jogos eróticos-gozo, ou desejo sexual-sublimação-prazer de realizar tarefas socialmente gratificantes.

A representabilidade pulsional potencializada pela *Bindung* e pela ampliação de associações (*Verbindungen, Verknupfungen*) e pelo manejo de representações permite que os objetos visados para a descarga pulsional passem a ser mentalmente deslocados. [...] Em geral, tais ligações (*Bindungen*, atamentos) e vinculações (*Verknupfungen*, conexões e associações) acontecem no início da vida, quando o aparelho psíquico ainda está em formação. Entretanto, novas ligações e conexões podem ocorrer ao longo da vida, bem como antigas podem cair em desuso. [...] Com o tempo, a repetição vai associando os afetos a imagens que representam na psique os objetos e eventos externos. Assim cada imagem está ligada a um afeto. (HANNS, 1999, p. 96-97)

Se a pulsão estiver ligada à representação, basta a visão de uma imagem externa para que aflore a energia pulsional correspondente; a fome, por exemplo, pode evocar a imagem de um prato apreciado. Para Freud (2006d, p. 182): “Um impulso instintual reprimido pode ser ativado (novamente catexizado) a partir de duas direções: de dentro, através de reforço de suas fontes internas de excitação, e de fora, através da percepção de um objeto que ele deseja”.

Segundo Hanns (1999, p. 98), esse trânsito de reforço bidirecional entre fonte pulsional interna e representação de objeto externo significa que imagens de objetos externos podem representar pulsões e que pulsões podem evocar imagens que representam objetos externos. Vimos como as causas que fazem com que a pulsão aflore à consciência podem tanto se situar dentro como fora. Através de tal binaridade, a psique reconhece e antecipa o aumento de estimulação interna e a chegada de estímulos externos.

Apesar de Freud atribuir grande valor à questão da herança filogenética, as *Urphantasien*, seu modelo de aparato psíquico deixa espaço para que cada indivíduo vá constituindo sua arquitetura psíquica.

Retomando alguns pressupostos já lançados anteriormente no que diz respeito às representações, a entrada no processo secundário caracteriza-se por um estado em que não predominam mais as alucinações, mas a imaginação. Instala-se um desejo composto por imagens almeçadas e referidas a objetos ausentes. Hanns (1999, p. 101) dirá: “Será a memória voluntária, as vivências, a consolidação de relações entre *Bilder* (imagens), bem como destes com os afetos, que permitirão à pulsão se alçar do processo primário a este tipo de pensar, que mais tarde se torna plenamente linguístico”.

Segundo nos apresenta Caropreso, F. (2001 p.29-38) A linguagem, além de tornar tal pensamento mais eficiente da forma como descrevemos anteriormente, permite ainda que o pensamento abandone essa sua meta prática e busque apenas o reconhecimento dos objetos. Esta forma de pensamento é chamada por Freud de "pensamento teórico" ou "pensamento cognitivo". No pensamento prático, o objetivo é encontrar um caminho que conduza à representação de desejo; nele, as representações que produzem desprazer são evitadas, pois tais representações não fazem parte dos caminhos que levam à realização de desejo. No

pensamento teórico, o reconhecimento dos objetos é alcançado através da ocupação de todas as vias associadas a um objeto, inclusive as que conduzem ao desprazer. Isto é possível porque a linguagem permite que as representações de palavras sejam ocupadas no lugar das representações de objetos hostis, de modo que tais representações sejam lembradas sem que o desprazer seja evocado. Neste caso, a linguagem permitiria um pensamento imparcial, uma forma elevada de pensamento.

O pensar desejante guia a procura por objetos que correspondam à imagem do objeto de satisfação desejado (alucinado). Segundo Hanns (1999), uma nova etapa então se instala, pois, ao engajar-se na ação de reencontrar o objeto de satisfação, o sujeito passa a utilizar relações de tempo, de espaço e de causalidade, bem como põe-se a verificar a identidade das representações do mundo externo com as representações dos objetos de satisfação procurados (mundo interno). “Engendra-se, assim, um tipo de raciocínio e pensar a serviço do desejo e ligado às condições temporais, especiais e de relação de forças do mundo externo” (HANNS, 1999, p. 104).

Dessa forma, o sujeito passa a levar em conta o princípio de realidade; agora ele procura pensar (*vorstellen*; pensar-imaginar) não mais aquilo que era agradável (satisfação), mas as condições do mundo externo; passa a conceber de maneira diferente a satisfação, passa a “prever”. Como diz Mezan (2011, p. 106), “Numa palavra, poderíamos dizer que o inconsciente freudiano não apenas visa à reprodução de identidades perceptivas, resíduos da experiência de satisfação essencialmente ligados ao desejo; ele pensa também”.

Hanns (1999, p. 105) afirma que para Freud o processo de pensar (*Denken*) propriamente dito derivou do imaginar-pensar e consiste numa ação experimental (uma espécie de simulação) com pequenas quantidades de investimento energético. Entretanto, o pensar era inicialmente inconsciente e diferenciava-se da mera representação/ideia na medida em que se dirigia às relações entre as impressões e objetos.

O desejo no processo primário está, como vimos, sob a ordem da necessidade urgente, visa cegamente à satisfação. Já na esfera do processo secundário o desejo se torna mais abstrato e retardável, passa a ser operável pelo pensar; o desejo passa a orientar-se também pelo princípio de realidade e pelas memórias de conexões de prazer e desprazer. Vemos as

colocações de Hanns, a respeito do processo primário e secundário, não distantes das ideias de Caropreso, F. acreditamos que tais ideias formam um subsídio interessante para apresentar a circulação dos representantes psíquicos da pulsão no aparelho psíquico freudiano, além de nos oferecer subsídios relevantes para avançarmos em direção ao pensar neste sistema.

### **2.3 O pensar no sistema inconsciente**

Segundo Thá, F. (2004) a respeito da divisão que podemos fazer sobre o mecanismo de pensar em Freud, poderíamos nos perguntar: é possível pensar em dois pensamentos distintos em Freud, um pensar (“mais instintivo”) e outro mais (racional)? Ou um mesmo pensar que encontra expressões diversas em função de gerenciamentos diversos da energia? Segundo Thá, F. (2004), essa é uma questão que Freud se colocou e para a qual ambas as interpretações são possíveis, a partir de seu texto; além disso, ele afirma que em muitos momentos Freud é ambíguo sobre isso, apesar de reconhecer a possibilidade.

Tais interpretações epistemológicas podem ser analisadas sob diferentes pontos de vista, por exemplo, para Ricoeur (1977) a obra freudiana está edificada sob uma dupla epistemologia: a energética e a hermenêutica. Para Ricoeur não existiria uma ruptura epistemológica do pensamento freudiano devido ao fato de que tanto o energetismo, quanto a busca de sentido, sempre se fizeram presentes, segundo Ricoeur a obra de Freud é um discurso misto ora enunciando um discurso sobre conflitos de força, ora discursando sobre uma relação de sentidos justificando uma hermenêutica.

Já Monzani (1989) possui uma interpretação particular sobre o estatuto epistemológico da teoria freudiana nesses primeiros anos que articula tanto a posição continuísta, quanto a descontinuísta. Para esse autor ambas visões contam com argumentos pertinentes, todavia ao se radicalizar suas propostas alguns problemas insolúveis emergem.

Tudo parece indicar que a possibilidade ou de um Freud que sempre disse a mesma coisa ou de um outro que em alguns momentos abandonou tudo para repensar a teoria a partir de outras e novas perspectivas é uma falsa alternativa (MONZANI, 1989, p.302)

Entende-se como, mais sugestiva à nossa empreitada a ideia exposta por Thá,F. (2004) para ele Infelizmente os pós-freudianos abstiveram-se de fazer uma revisão da teoria e a psicanálise acabou mergulhando numa espécie de psicologia biológica cujos fundamentos tornaram-se cada vez mais frágeis.

Thá, F. ( 2004) defende que foi preciso esperar por Lacan para “salvar” a psicanálise do obscurantismo biologicista, e que entre a redução biológica e a redução formal, algo perdeu-se da teoria freudiana. Esse algo, foi a semântica psicológica ou cognitiva.

Segundo Thá,F. (2004) somente no texto “O ego e o id” (2006b) é que Freud abandona a ideia de que há dois tipos de pensamentos diferentes. A forma como Freud concebe seu primeiro modelo do aparelho psíquico (topográfico), o qual, como foi apresentado anteriormente, compõe-se da divisão do sistema Ics e Pcs/Cs, contribui para tais dificuldades.

A ideia desse modelo de aparelho psíquico (topográfico) é o arco-reflexo, o que quer dizer que ele dispõe de uma extremidade sensória, onde situam-se os sistemas que recebem a excitação, e de uma extremidade motora, onde estão os sistemas que efetuam as respostas motoras. Os processos psíquicos avançam da extremidade perceptual para a motora.

Nessa extremidade sensória, Freud distinguira dois sistemas, um perceptual (Pcpt), que recebe os estímulos perceptivos. E o mnemônico. Thá,F. (2004, p. 124) dirá: “[...] não é possível pensar que as representações ficam guardadas no mesmo sistema que percebe”.

Freud pensa a memória como um armazenamento das representações perceptivas (traços de memória), feito por meio de modificações permanentes dos elementos do sistema, já que, se assim não fosse, o sistema perceptual logo estaria saturado de traços de memória e perderia sua função perceptiva. É preciso lembrar que, logo após o sistema Pcpt, localizam-se os sistemas mnemônicos (Mnem). Ou seja:

Evidentemente o aparelho retém, além do conteúdo das percepções, as relações entre elas, o que resulta que as representações se acham ligadas na memória, “primeiro e acima de tudo de acordo com a simultaneidade de

ocorrência”. Falamos deste fato como sendo a “associação” (1900/1972, p. 575). A base da associação está nos sistemas Mnem e ela consiste numa diminuição das resistências de ligação entre os elementos e no assentamento de caminhos facilitadores. Assim, a excitação é mais fácil ou mais dificilmente transmitida de um determinado elemento Mnem a outro determinado elemento Mnem. (THÁ, 2004, p. 124).

Sendo assim, o sistema Pcpt recebe a estimulação, mas não detém traços das excitações que o atingem, pois deve estar sempre desimpedido para a recepção de novos estímulos, o que o torna destituído de memória. A memória dos estímulos é preservada nos sistemas posteriores segundo a simultaneidade de suas ocorrências, isto é, por associação temporal. Dessa maneira, a origem das associações residiria nos sistemas Mnem (mnêmicos), permitindo a transmissão dos estímulos de um sistema a outro.

O primeiro sistema Mnem registra o estímulo por simultaneidade temporal, enquanto que nos sistemas posteriores a associação se realiza por relações de similaridade. Segundo Thá,F. (2004), essa divisão implica que Freud considera que o mesmo material perceptivo pode admitir múltiplas ligações e registros, de acordo com o princípio associativo

O sistema Pcpt não possui registro de memória e supre a consciência com toda a multiplicidade das qualidades sensoriais. Já as lembranças estão nos sistemas Mnem que são inconscientes e se tornam conscientes quando “voltam” ao sistema Pcpt, mas podem produzir todos os seus efeitos enquanto se acham na condição inconsciente. Além disso, quando se tornam conscientes, não exibem a qualidade sensorial das percepções, uma vez que as pessoas em geral sabem quando estão lembrando e quando estão percebendo. (THÁ, 2004, p. 124).

Assim sendo, verifica-se que o modelo topográfico leva a conceber os dois processos de pensamento como duas instâncias psíquicas, uma das quais com livre acesso à consciência. Ela receberá o nome de pré-consciente (Pcs) para indicar que os processos excitatórios que nela ocorrem podem ingressar na consciência (dependendo de seu grau de intensidade e da função da atenção) e é ela que “dirige nossa vida de vigília e determina nossas ações voluntárias e conscientes” (FREUD,1900/ 2001). Isso conduz a situá-la na extremidade motora do aparelho. A

outra instância, subjacente a esta, é o inconsciente (Ucs), que só tem acesso à consciência por via da primeira (THÁ, 2004, p. 125).

O esquema seria Pcs-Mnem, Mnem... – Ics-Pcs. Para Garcia-Roza (2011), este foi o momento em que o termo inconsciente deixou de ser empregado como adjetivo, designando a propriedade daquilo que estava fora do campo atual da consciência para ser empregado como substantivo, designando um sistema do aparelho psíquico.

Mas nitidamente pode-se ver nesse esquema que a consciência se encontra nas duas extremidades do aparelho, na perceptual e na motora.

Simanke R,T. (2005p.85-108 ) alerta para o fato de que quanto à percepção, observe-se que, desde *“A interpretação dos sonhos”(1900)*, fica claro, pela própria estrutura do aparelho, que o estímulo recebido pela extremidade perceptiva do mesmo, deve atravessá-lo na sua integridade, ser submetido a toda a série de transcrições e reorganizações, antes que possa tornar-se conscientes na extremidade oposta. Talvez o indicador mais nítido de como Freud pensa a percepção consciente como possibilitada por esse processo complexo de organização do material sensorial bruto seja o modo como ele aplica o conceito de elaboração secundária, não apenas à alucinação onírica, mas à atividade perceptiva como tal. Em suma, a consciência da percepção depende, tanto quanto qualquer outro processo, da organização do material segundo os princípios que regem a edificação das instâncias do aparelho psíquico.

De maneira geral o caminho percorrido pelo processo mental é da extremidade perceptual para a extremidade motora, mas há exceções. Segundo Thá,F. (2004), os sonhos apresentam uma predominância imagética em suas formas expressivas e uma qualidade alucinatória – isto é, a vivência dos sonhos pelo sonhador como se fosse algo real, presente na percepção atual –, características que Freud percebe também nas fantasias e nos sintomas de seus pacientes.

Thá,F. (2004) afirma que tal predominância imagética é um indicativo de que a excitação está ativando a extremidade perceptual e não a motora. Enquanto na vigília o processo de excitação percorre normalmente o sentido progressivo, nos sonhos e nas alucinações a excitação percorre o caminho inverso, isto é, caminha no sentido da extremidade sensória até atingir o sistema Pept, produzindo um reinvestimento de imagens mnêmicas.

Esse caminho inverso, Freud chama de regressão. Este conceito relaciona-se primariamente com o modelo topográfico do aparelho mental, mas depois adquire outros dois sentidos, o “temporal” e o “formal”, que podem ser considerados como extensões semânticas do sentido topográfico original. No sentido temporal, designa o retorno a fases anteriores do desenvolvimento, seja da libido, de relações de objeto ou de identificações.

Mas a regressão é um processo que não ocorre somente nos sonhos.

A rememoração intencional e outros processos constituintes de nosso pensamento normal envolvem um movimento retroativo do aparelho psíquico, de um ato ideacional complexo para a matéria-prima dos traços de memória subjacentes a ele. No estado de vigília, contudo, este movimento para trás nunca se estende além das imagens mnemônicas; ele não consegue produzir uma revivificação alucinatória das imagens perceptuais. (FREUD, 2001, p. 579/ G.W 1941a Bd2 p. 508)

Segundo Thá,F. (2004), por intermédio desta citação é possível dizer que Freud observa que uma característica típica do pensamento inconsciente também ocorre no pensamento normal, supondo, portanto, um único processo de pensamento. A questão é: por que o pensamento normal permanece nas imagens mnemônicas e não alcança as imagens perceptuais? O que interrompe seu caminho?

Vimos anteriormente que o processo secundário tem por característica inibir a descarga das catexias das lembranças; ele poderá acessar essas lembranças dolorosas sem que a experiência da dor (identidade perceptiva) seja ativada. Assim, segundo Thá,F. (2004, p. 127), o pensamento secundário nada mais é que um caminho indireto da lembrança de uma satisfação (que foi adotada como ideia intencional) a uma catexia da mesma lembrança, que espera atingir através do caminho indireto da atividade motora. Dessa forma, o pensamento tem que se ocupar dos caminhos de ligação entre as ideias, sem deixar extraviar-se por suas intensidades.

Seguindo a interpretação de Thá,F. (2004), percebe-se que o impasse fundamental que percorre todo esse debate deriva da ambiguidade do uso concomitante de um modelo topográfico e de um modelo que Freud chama de dinâmico, no qual a ideia fundamental é a de processamento, para explicar a divisão do pensamento.

Nesse ponto há novamente a dualidade apontada anteriormente por Thá,F. (2004): têm-se pensamentos distintos em lugares diferentes ou dois processamentos diferentes da excitação e dois modos de sua descarga? Um determinado grupo mental teve uma catexia de energia ligada a ele ou dele retirada, de maneira que a mesma estrutura pode ser processada por um sistema ou por outro, ou são grupos mentais diferentes com sistemas diferentes de processamento de energia?

Mezan (2011, p. 93) ressalta que a análise dos pensamentos do sonho mostra que, em si mesmos, eles nada possuiriam que, em tese, os impedisse de aceder à consciência. Se isso não ocorre e se, ao contrário, tais pensamentos são submetidos a uma elaboração que se afasta tanto das condições normais de raciocínio, algo deve ter ocorrido com eles. Para esse autor, há duas possibilidades que se apresentam: ou a atenção consciente não chegou a iluminá-los ou o curso do pensamento conduziu a uma ideia criticável e foi abandonado, podendo ser retomado durante a noite. Freud introduz o conceito de energia psíquica para explicar esses movimentos do pensamento (MEZAN, 2011).

Acreditamos que uma certa quantidade de excitação, que denominamos “energia de investimento”, é deslocada de uma ideia intencional para as vias associativas selecionadas por esta ideia diretora. Uma cadeia de pensamento “desprezada” não recebeu este investimento; este, por sua vez, foi retirado de uma cadeia “suprimida” ou “rejeitada, ambas foram assim abandonadas às suas próprias excitações (FREUD apud MEZAN, 2011, p. 93)

Segundo Mezan (2011), essas cadeias de pensamento são atraídas por outras, presentes naquele momento no pré-consciente, mas cuja origem se encontra no inconsciente. Nesse caso, será estabelecida uma conexão entre o desejo inconsciente representado pelas ideias-irmãs e as cadeias de pensamentos suprimidas ou desprezadas pela ideia consciente: estas são absorvidas, por assim dizer, pelo inconsciente.

A partir deste momento, passam a estar submetidas às normas que governam a cogitação inconsciente: deslocamentos e condensações transferem a intensidade psíquica das ideias inconscientes umas para as outras, resultando em ideias altamente investidas, que apresentam pontos nodais, terminações, longas séries de pensamento, semelhantes a palavras impressas em itálico num livro ou a expressões enfáticas do discurso. (MEZAN, 2011, p. 94)

Para Freud, todo o processo se passa abaixo do nível da consciência. Ele mostra em “*A interpretação dos sonhos*” que há ocorrência de processos de pensamento inconscientes em indivíduos normais.

O que ocorre é que a consciência só é capaz de ser excitada quando os processos pré-conscientes atingem determinada intensidade, o que Freud chama de *qualidade*. Para Mezan (2011) a operação de iniciar e retirar um investimento forçosamente deve passar despercebida para a consciência, caso as intensidades deslocadas sejam inferiores ao limiar mínimo de perceptibilidade dela.

Ora, o ato de tornar-se consciente envolve uma atribuição de atenção às representações em questão, operação a que Freud chama de sobreinvestimento. A não ocorrência deste sobreinvestimento impede o conteúdo manejado neste contexto de atingir o nível de intensidade necessário para ser sentido como “dor” (MEZAN, 2011, p. 95)

Segundo esse autor, caso o desejo inconsciente reprimido receba um reforço orgânico, que capacite as ideias pré-conscientes vinculadas a ele a aumentarem sua intensidade e assim forcem a barreira do pré-consciente, ocorrerá então uma luta defensiva: o pré-consciente reforçará suas ideias opostas através de um contrainvestimento, e o resultado é que se criará um compromisso entre os dois grupos de ideias: um sintoma neurótico.

[...] o sistema pré-consciente só pode inibir uma ideia quando ela pertence à sua esfera de ação. [...] de acordo com a hipótese do “reforço orgânico”, encontra-se em posição particularmente favorável para investir as ideias pré-conscientes absorvidas pelo inconsciente mediante o mecanismo de rejeição do que provoca desprazer. (MEZAN, 2011, p. 97)

Assim, para Mezan (2011), podemos pensar o contrainvestimento da seguinte maneira: a carga de uma ideia substitutiva, suficientemente afastada do reprimido, assegura o sistema pré-consciente contra a emergência na consciência da ideia reprimida. Investindo com intensidade suficiente uma representação anódina, mas de alguma forma ligada ao conteúdo

reprimido, o ego faz com que esta representação seja constantemente evocada no lugar da outra, perigosa.

É o que, segundo Mezan (2011, p. 217), acontece ao pequeno Hans, que teme a seu pai; esta representação é reprimida e, no seu lugar, surge outra, a de temor de cavalos. Do pai ao cavalo, o trajeto é curto e sobredeterminado: ambos são grandes, usam “algo na frente dos olhos” (óculos e viseira), têm “uma coisa preta embaixo do nariz” (bigode e beiços) etc. Já o homem dos lobos, que tem medo do pai, a fobia substitui este medo pelo temor aos lobos, novamente segundo um trajeto curto e sobredeterminado: ambos ficam de pé, ambos são ameaçadores, ambos estão ligados à castração etc.

Mezan (2011, p. 217) dirá: “nestes casos, o mecanismo do contrainvestimento associa-se à atração do inconsciente para estabelecer a formação substitutiva correspondente”.

Para Thá,F.(2004) a diferença entre os dois processos de pensamento não é qualitativa, como se houvesse um pensar - que segue uma lógica mais primitiva — e um pensar — que segue uma lógica racional. Pensar, para Freud, é estabelecer conexões entre representações, sejam essas conexões advindas da experiência perceptiva ou das ações que o indivíduo executa em seu meio. Isso acontece tanto no funcionamento do processo primário quanto no do secundário.

Assim, a diferença entre processo primário e secundário não residiria propriamente na relação destes com as palavras, mas no padrão de ativação, ou em termos freudianos, no 'modo da energia', que responde, essencialmente, à experiência do sujeito com relação à sua satisfação.

## **2.4 A respeito dos mecanismos do inconsciente freudiano**

No final do século XIX e início do século XX, enquanto Wundt e Titchener , tentavam sem sucesso fundar uma psicologia científica baseada na introspecção, voltada ao acesso consciente da mente Freud seguiu um outro caminho, construindo uma teoria sobre o inconsciente.

Fromm,E.( 1980 p.25) dirá que a grande descoberta de Freud foi que o que pensamos não é necessariamente idêntico ao que somos; que aquilo que uma pessoa pensa de si mesmo pode ser e de fato é, usualmente muito diferente ou até pode estar em completa contradição com o que realmente é; e que a maioria das pessoas vive num mundo de auto sugestão, em que aceitamos nossos pensamentos como se representassem a realidade. Eu diria que não é a maioria das pessoas que vivem num mundo de auto sugestão, diria que todos nós vivemos.

Freud nos aponta os mecanismos do inconsciente estes são: deslocamento, condensação e transformação em imagens, não são responsáveis apenas pela formação dos sonhos, mas são também responsáveis, de modo geral, por todas as formações do inconsciente.

Segundo Garcia-Roza( 2009 p.183 ) a condensação e o deslocamento não são apenas mecanismos de elaboração onírica, mas sim os “marcos distintivos do assim denominado processo psíquico primário” ( *Freud Formulação sobre os dois princípios do funcionamento mental. Apud Garcia-Roza p.183*).

O conteúdo manifesto do sonho é o relato dele, tal qual o indivíduo o formula após ter despertado. Freud decompõe o conteúdo manifesto em seus elementos, submetendo-os separadamente ao processo de associação livre, do qual se originam os conteúdos latentes. O sonho é assim tratado como um aglomerado de formações psíquicas, cujos intervalos são preenchidos pelos pensamentos latentes, tanto que, após a análise, ele se revela como um encadeamento de ideias coerentes providas de significados.

O que a *Interpretação dos sonhos* (FREUD,1900/ 2001) traz de novo é o estudo minucioso dos mecanismos de deformação dos sonhos, chamados “trabalho do sonho”.

Para Dalbiez,R.(1947 p.68), o estudo do mecanismos da elaboração dos sonhos pertencem a fase descritiva do estudo do sonho, a explicação dinâmica pelo conflito do desejo e da censura acrescenta-lhes interpretações teóricas. Sendo assim pode-se pensar que teria sido melhor colocar o estudo dos mecanismos observáveis do sonho antes do das forças mais ou

menos hipotéticas que os acionam. Porém sabemos que Freud não segue esta ordem, e nos manteremos fiel a marcha de seu pensamento.

Thá,F. (2004, p. 157-158) dirá que para Freud um sonho pode ser reduzido a uma formulação proposicional, isto é, a um pensamento, composto por uma sequência de ideias residuais do dia anterior, totalmente compreensível, que se originou de alguma experiência vivenciada na vida cotidiana e que se ligou a um desejo inconsciente. É esse pensamento que recebe a série de transformações efetuadas pelos mecanismos oníricos. Assim a elaboração onírica é a atividade do processo primário sobre algo (uma experiência, um pensamento, um acontecimento) que ocorreu na vida cotidiana e que se conectou a um desejo inconsciente.

Thá,F. (2004, p. 158) ressalta que tais análises oníricas, assim como as análises de outras formações do inconsciente, demonstraram a Freud que essa conexão entre uma experiência cotidiana vivenciada e o desejo inconsciente nada mais é do que uma incidência do conflito psíquico entre as diversas inclinações do sujeito.

Mesmo levando em consideração que para Freud (2001) os sonhos são uma espécie de substituto para os processos de pensamento, pleno de significado e emoção, é preciso considerar que, após a análise do sonho, é possível inferir uma dissemelhança entre essa maneira, digamos, “racional” de expressão do conflito e sua expressão onírica no conteúdo manifesto do sonho.

Thá,F. (2004, p. 186) afirma que: “o sonho assim como as demais formações do inconsciente, são expressões enigmáticas e opacas desses processos de pensamento”. A resposta à questão “por que isso acontece?” está justamente nos mecanismos inconscientes que atuam sobre o conteúdo latente, os quais estão entre a questão de que o sonho trata e sua expressão (o conteúdo manifesto).

A respeito do conteúdo latente, ou pensamento onírico, Freud (1900/2001, p. 332/ G.W. 1941<sup>a</sup> p.443) diz:

Estes geralmente emergem como um complexo de pensamentos e lembranças da mais intrincada estrutura possível, com todos os atributos dos encadeamentos de pensamento que nos são familiares na vida de vigília. Eles são, infreqüentemente, encadeamentos de pensamento que partem de mais de um centro, embora tendo pontos de contato. Cada encadeamento de

pensamento é quase invariavelmente acompanhado por sua contraparte contraditória, ligada a ele por associação antitética. As diferentes porções dessa complicada estrutura estão, naturalmente, na maioria das relações lógicas multiformes umas com as outras. Podem representar o primeiro e o segundo plano, digressões e ilustrações, cadeias de provas e contra-argumentos.

Assim, a análise dos sonhos revela no conteúdo latente pensamentos tal como eles ocorrem na vida desperta. Nesta, tais pensamentos encontram sua expressão em formas linguísticas; mas nas formações inconscientes sua forma é outra: nos sonhos elas são fundamentalmente imagéticas. Para Freud os responsáveis pela transformação desse processo de pensamento nas formas expressivas das formações do inconsciente são: os mecanismos de deslocamento, de condensação e de transformação em imagens.

Segundo Mezan (2011, p. 79), o material sob o qual incide a censura é representado por dois grandes grupos: as experiências do dia anterior e as recordações infantis. No primeiro grupo, as experiências selecionadas pela memória onírica são normalmente de pequena importância, são facilmente esquecidas. Mas a interpretação descobre, sob estas experiências indiferentes, outras mais relevantes, às quais o elemento manifesto alude indiretamente. Mezan (2011) dirá que esta é a primeira aparição do mecanismo de “deslocamento”, que consiste no desvio do acento psíquico de uma ideia para outra.

O deslocamento é o mecanismo mais importante para a formação do sonho, dado que é mediante as transferências de intensidades psíquicas operadas por eles que os pensamentos latentes podem aceder à consciência, convenientemente disfarçados para iludir a censura.

No que concerne à condensação, as intensidades das ideias podem deslocar-se de várias para algumas, de maneira que se formam ideias dotadas de grande intensidade. Pode-se ver na condensação um efeito da censura e um meio de escapar a ela. Se o sonho procede por meio da condensação, não é apenas para iludir a censura, pois a condensação é uma característica do pensamento inconsciente. Vemos que, no processo primário, são realizadas as condições – energia livre, não ligada, tendência para a identidade de percepção – que permitem e favorecem a condensação. Assim como o deslocamento, a condensação é para Freud um processo que encontra seu fundamento na hipótese econômica (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 129-130).

A condensação age no sentido de comprimir vários elementos latentes num único elemento manifesto.

A condensação age no sentido de comprimir vários elementos latentes num único elemento manifesto; mas seria errôneo supor que para cada série de elementos latentes ocorresse uma única condensação, produzindo um só elemento manifesto, procedimento este que seria repetido várias vezes até construir o “texto” do sonho. Ao contrário, é toda a massa de pensamentos latentes que se encontra submetida à condensação, de modo que o mesmo pensamento latente pode estar representado em vários pontos do conteúdo manifesto, tanto quanto um único elemento manifesto estar representado por vários elementos latentes. (MEZAN, 2011, p. 80)

Thá,F. (2004) considera importante frisar que no processo de condensação a intensidade carrega sua apresentação sensorial, isto é, a apresentação perceptiva da ideia fica intensificada. Freud compara isso com o negrito num texto, quando se quer salientar uma palavra, ou com antigas esculturas históricas, que representavam a importância das pessoas pelo tamanho da escultura (um rei é representado duas ou três vezes maior que os membros de sua comitiva). O resultado da atividade da condensação é a obtenção das intensidades necessárias para forçar caminhos aos sistemas perceptivos.

Nas transformações em imagens, podemos dizer que os sonhos se apresentam como cenas imaginárias, que consistem na seleção e transformação dos pensamentos do sonho em imagens. Segundo Garcia-Roza (2011, p. 68), Freud chama atenção para o fato de que essa transformação não afeta a totalidade dos pensamentos oníricos; alguns deles conservam sua forma original e aparecem no sonho manifesto também como pensamentos. Esse mecanismo é, por si só, um dos responsáveis pela distorção resultante da elaboração onírica. Já para Thá,F. (2004), todas as relações lógicas pertencentes aos pensamentos oníricos, que na análise de um sonho podem ser expressas pela linguagem, durante a atividade onírica só encontram expressão por meio de imagens.

Na seção C do capítulo VI da *Interpretação dos sonhos*, Freud (2001) discute as diversas formas que a elaboração onírica utiliza para representar as variadas relações que são expressas por conjunções linguísticas como “se”, “porque”, “embora” etc... “A incapacidade dos sonhos de expressarem essas coisas deve estar na natureza do material psíquico do qual são formados os

sonhos” (FREUD, 1900/ 2001, p. 332). Percebemos que o material manipulado pela atividade onírica é composto fundamentalmente por imagens. Nos sintomas histéricos esse material é corporal, como por exemplo no caso de Anna O.<sup>14</sup>, porém ele também pode ser linguístico, como nos chistes e atos falhos.

Assim Thá,F. (2004, p. 161) ressalta que a questão não é tanto a natureza do material, mas a natureza da atividade do pensamento que, para Freud, é semântica e não sintática. E isso pode ser constatado inclusive onde seus escritos parecem aproximar-se da determinação da forma linguística na produção do significado, como é o caso da *Psicopatologia da vida cotidiana*, de 1901 (FREUD, 2010a) e de *Os chistes em sua relação com o inconsciente*, de 1905 (FREUD, vol. VII, 2010d). Nessas duas obras fica evidente a estratégia semântica utilizada por Freud para o tratamento dos lapsos e dos chistes, estratégia que permitiu a categorização desses fenômenos juntamente com os sonhos e os sintomas.

Para explicitar tal ponto de vista, Thá,F. (2004) chama atenção para um texto de Freud que se encontra na *Psicopatologia da vida cotidiana* (2010a), chamado “O mecanismo psíquico do esquecimento” (1898). Vejamos em que este consiste.

Tudo parece começar no dia 31 de agosto de 1898, quando Freud parte de férias em direção à Bósnia-Herzegovina, então protetorado do império Austro-húngaro. Em Ragusa (atualmente Dubrovnik), na Dalmácia, decide dar um passeio pela costa adriática até Cattaro (hoje Kotor). Toma lugar num carro ao lado de um advogado de Berlim (Freyhau) e inicia uma conversa com seu companheiro de viagem, , quando lhe quer falar dos afrescos que ornaram as capelas da catedral Orvieto, não lhe ocorre o nome do artista que os pintou. Procurando descobrir a causa da sua falha de memória, Freud esboça uma primeira solução em uma carta, que endereça no dia 22 de setembro de 1898 a Fliess, e, no dia 27 do mesmo mês, anuncia- que acaba de enviar-lhe um artigo sobre “O mecanismo psíquico do esquecimento”.

Durante as férias de verão resolvi viajar uma vez de carro da bela Ragusa até uma cidade vizinha na Herzegovina; a conversa com meu companheiro de viagem recaiu, tal como podemos imaginar, sobre a situação de ambas as regiões (Bósnia e Herzegovina) e sobre o caráter de seus habitantes. Aludi a diferentes particularidades dos turcos que ali viviam, tal como escutara há anos a um colega que vivera um longo tempo entre eles como médico. Pouco depois

---

<sup>14</sup> Cf. Livro: FREUD, Sigmund. *Casos clínicos 1: Anna O. e Emmy Von N.* Rio de Janeiro: Imago, 1997.

nossa conversa mudou de assunto: a Itália e a pintura; tive a ocasião de recomendar com insistência ao meu companheiro que fosse um dia a Orvieto ver os frescos do fim do mundo e do juízo final, porém o nome do pintor escapava-me e não me era recuperável. Puxava pela memória, passava em revista todos os pormenores vividos em Orvieto; convencia-me que nem o menor estava apagado ou impreciso. Pelo contrário conseguia imaginar as pinturas com sensações mais vívidas do que habitualmente me é possível, e, com particular nitidez, afigurava-se diante dos meus olhos o autorretrato do pintor.

Pouco antes de chegar ao tema dos afrescos da capela, eu relatara ao meu companheiro de viagem aquilo que anos antes ouvira de meu colega acerca dos turcos da Bósnia. Eles tratam o médico com particular respeito e mostram-se, ao contrário do nosso povo, rendidos perante os desígnios do destino. Quando o médico tem de comunicar ao pai de família que um dos seus irá sucumbir à morte, a resposta deste é: Senhor [*herr*], que hei-me dizer? Sei que se fosse possível salvá-lo, tu o socorrerias. Juntamente com esta história, guardava na minha memória uma outra recordação, a saber, o mesmo colega contou-me a extrema importância que os prazeres sexuais assumem na apreciação destes bósnios. Um de seus pacientes lhe disse uma vez: Tu sabes bem senhor [*Herr*], se isto já não funciona, então a vida não tem qualquer valor. Pareceu-nos, então, que seria ajustado supor a existência duma relação íntima entre os dois traços de caráter do povo da Bósnia aqui mencionados, porém, quando em viagem para Herzegovina recordava estas histórias, reprimi a última, onde o tema da sexualidade era tocado. Logo em seguida, escapava-me o nome Signorelli e apareciam em substituição os nomes Botticelli e Boltraffio. (FREUD, 1991, p. 12/ G.W 1941a p.6-12 )

Freud ressalta que a tradução de *signor* por *Herr* foi, por conseguinte, a via pela qual a história por ele reprimida arrastou atrás de si, para o recalçamento, o nome procurado, e todo o procedimento foi facilitado pelo fato de, nos últimos dias em Ragusa, ele ter falado continuamente italiano e ter se habituado a traduzir, em sua cabeça, do alemão para o italiano. Ele afirma que o que recalçou o nome Signorelli só poderia partir da história reprimida acerca da apreciação do valor de morte e do gozo sexual. “A afinidade de conteúdo aqui, juízo final, último dia, *elli*, morte e sexualidade” (FREUD, 2010a, p. 8-9).

Entende-se que esses “morfemas” são tratados pelos processos de pensamento de maneira semelhante ao que acontece com as imagens visuais nos sonhos: divididos, deslocados e condensados em uma simultaneidade temporal de modo a representar categorias conceituais. Como vimos, Botticelli e Boltraffio não representam apenas pintores, mas também estão incluídos na categoria de morte e sexualidade.

É importante salientar também que os três artistas citados – Botticelli, Boltraffio e Signorelli, este substituído pelos outros dois pela mente de Freud – eram pintores renascentistas, praticamente contemporâneos entre si, compreendidos no período de 1445 a 1523, e apresentam dentre suas obras pinturas com preceitos religiosos (pinturas específicas de Nosso Senhor Jesus Cristo<sup>15</sup>). Na teoria de Freud, a designação dos “deslocados” Botticelli e Boltraffio pelo nome Bósnia tem relação direta com Herzegovina, que por sua vez tem relação com *signor*, do nome Signorelli. E não podemos esquecer que na época Freud trabalhava sob luto: “a morte de meu velho pai: *Herr Jacob Freud*”, escreve Freud em 2 de novembro de 1896 a Fliess, “afetou-me profundamente. [...] há já algum tempo que apenas sobrevivia, mas, o fato de sua morte fez ressurgir em mim todo o passado” (FREUD, 2006a, p. 259-260/ G.W 1941d XIVp.37).

Pode-se observar nos chistes essa mesma estratégia de fragmentação de palavras:

A identidade fônica entre uma palavra plena e uma sílaba esvaziada pode ser também puro acaso. Em ambos os casos, a técnica do chiste se aproveita das condições prevaletentes no material linguístico. Um chiste, por exemplo, atribuído a Schleiermacher, é importante para nós por constituir exemplo quase puro desses métodos técnicos: “*eifersucht* (o ciúme) é uma *leidenschaft* (paixão) que *mit eifer sucht* (com avidez procura) o que *leidenshafft* (causa dor)”. (FREUD, 2006c, p. 50/ G.W 1941c p.98)

Para Thá,F. (2004), assim como os processos de pensamento “coerentes e racionais” que encontram na linguagem um meio de expressão, os processos de pensamento inconscientes atuam da mesma maneira. A questão, portanto, não está na forma linguística, mas nos processos de pensamento que se expressam através dela e que dão significado a ela. Assim Freud nos dirá que os sonhos, atos falhos, chistes e sintomas, as formações do inconsciente, são produtos da elaboração cognitiva que recruta os mesmos mecanismos cognitivos que os humanos utilizam para compreender seu mundo, pensar seu cotidiano, relacionar-se com os outros, planejar suas ações, elaborar conceitos e criar.

Tomando como referencial a ideia proposta no início deste capítulo sobre as associações de objeto, vale reforçar que, em Freud o investimento significa ativação, capacidade de ligação

---

<sup>15</sup> Em italiano: “Nostro Signore Gesù Cristo” e em alemão: “Unser Herr Jesus Christus”.

e relação entre as representações. Lembremos ainda que o conteúdo ideacional (as representações) são dotados de uma qualidade de energia ou investimento. Assim Fábio,Thá. afirma que uma coisa são as relações associativas presentes nas representações de objetos, advindas das relações captadas pelos processos perceptivos – e que formam os complexos de sensações associados em uma representação –; outra coisa são a inibição e a ativação desses complexos representacionais, diferenciando, dessa forma, modos do pensar.

A ideia de Thá parece ser reforçada por Mezan (2001), pois para ambos, o inconsciente freudiano é dotado de uma capacidade de pensar.

Entendem-se assim como possível elucidar tais ideias observando a questão dos mecanismos de trabalho do sonho: como vimos, o conteúdo manifesto é o relato do sonho, já o conteúdo latente é um aglomerado de formações psíquicas que, somente após uma análise, mostra-se coerente e provido de significado. Sendo assim, a análise do sonho revela no conteúdo latente pensamentos, tal como ocorrem na vida desperta, na qual encontram sua expressão em formas linguísticas.

Segundo a interpretação de Thá,F. (2004), existe a possibilidade de postular a coerência encontrada no discurso também nos processos de pensamento inconsciente, focamos na interpretação de Thá pois para nós sua ideia parece bastante sugestiva.

A intenção deste capítulo não foi a de discutir as visíveis influências lacanianas da leitura que Thá,F. (2004) faz de Freud, mas não poderíamos desconsiderar de forma alguma a questão da linguagem. Foi levantada, no primeiro capítulo deste trabalho, a questão sobre um pensamento inconsciente que não é expresso em formas linguísticas. Não é nosso intuito “radicalizar” e tentar excluir a linguagem das ideias de Freud, pois temos consciência da importância dela; nossa pretensão neste capítulo foi a de mostrar a possibilidade de repensarmos o mecanismo do pensar inconsciente como sendo dotado de uma capacidade maior do que a que lhe é conferida visando a capacidade de associação das representações no âmbito inconsciente. Assim, além dos questionamentos sobre o trabalho do sonho, analisamos também a ideia da constituição da *Objektvorstellung* (representação objeto), conceito que para esta pesquisa torna-se essencial, considerando que o objeto é um complexo de representações e que “perceber é associar imediatamente”. Com a intenção de dar continuidade à nossa

investigação, apresentaremos como apoio as ideias associacionistas em Freud, a pesquisa analisará as influências das ideias de Mill sobre Freud e apresentar como ocorrem as associações no âmbito inconsciente e assim dota-las de uma capacidade cognitiva mais acurada do que a postulada por Freud.

### CAPÍTULO III

#### **Possíveis incidências sobre uma concepção de “irracionalidade” do processo de pensamento inconsciente**

Neste último capítulo, a pesquisa abordara e discutirá a influência do associacionismo de Stuart Mill sobre Freud. Entende-se como fundamental à esta investigação uma observação das associações da representação-coisa no âmbito inconsciente em Freud.

Para Freud, as ideias “entram” pelo sistema perceptual, registram-se no aparelho psíquico como representações e associam-se de acordo com princípios associacionistas. Segundo Gabbi Junior, O, F . (2003), o utilitarismo é o solo filosófico de Freud.

Não há dúvidas de que é possível observar a obra de Freud sob diferentes aspectos filosóficos, temos por exemplo, além de Assoun (*Freud: A filosofia e os filósofos*), um interessante trabalho de Pierre Raikovic intitulado: *O Sono Dogmático de Freud* (2004) neste livro Raikovic propõe uma reflexão sobre a originalidade do inconsciente freudiano.

Raikovic, P. (2004) nos mostra em seu trabalho que o surpreendente não é o fato de Freud recusar posições filosóficas, mas a forma como ele o fazia. Freud pensava a especulação filosófica, uma espécie de delírio sistematizado ou falácia filosofante que ele, Freud, denunciara.

Porém se percorrermos os escritos freudianos, encontraremos algumas passagens em que Freud "admite uma adequação da reflexão filosófica com uma consciência única". Uma delas é citada pelo próprio Raikovic na leitura que faz de *Ma vie et la psychanalyse* traduzido por Marie Bonaparte: "(...) desta forma, esbarra-se na contradição dos filósofos que, embora considerando o 'consciente' e o 'psíquico' como idênticos, alegavam não poder representar para si o absurdo do 'inconsciente psíquico'.

Porém será apresentado nesta pesquisa que não há dúvidas de que Freud não só “bebeu” da fonte filosofia como também se utilizou de fundamentos filosóficos para

fundamentar muitas de suas ideias em especial em seus primeiros textos ( 1886-1896), ideias que para nós Freud não abandona por completo.

A psicologia associacionista fazia parte do pensamento intelectual vienense na época de Freud, que toma conhecimento de algumas obras de Mill por intermédio de Brentano<sup>16</sup>, em suas preleções, como podemos ver nas cartas de Freud que datam de 22/23 de outubro de 1874.

Pode-se ver também na famosa carta 52, de 6 de dezembro de 1896, na qual Freud escreve a Fließ, contando que trabalha com a hipótese do mecanismo psíquico em camadas. Nessa carta Freud apresenta o seguinte esquema Pc- Spc- Ics- Pcs- Consc, em que temos o Pc, como neurônios aos quais pertencem as percepções, que se ligam à consciência; o Spc, primeira inscrição das percepções, totalmente incapaz de consciência e disposto segundo as associações por simultaneidade; o Ics, sendo este a segunda inscrição ordenada segundo outras relações, possivelmente causais. Os traços inconscientes talvez correspondam às lembranças conceituais, igualmente inacessíveis à consciência. Pcs: é a terceira retranscrição, ligada às representações de palavra, que correspondem ao nosso ego reconhecido como tal. A partir deste Pcs, os investimentos tornam-se conscientes, segundo certas regras, e de fato esta consciência do pensamento secundário é uma consciência posterior. Freud esboça nesta carta elementos sobre a representação que se enquadram numa lógica associacionista. Freud usa ainda elementos interessantes como impressões, simultaneidade, conjunto de impressões, cadeias associativas. Além de apresentar nesta carta elementos da formação da representação-objeto nitidamente apoiados nas ideias de John Stuart Mill.

Não se pode negar, observando tais ideias, a influência de Mill quanto à questão do associacionismo, mesmo estando claro que a referência é ao Freud “da época” do *Projeto(1895)* e das *Afásias(1891)*.

---

<sup>16</sup> Franz Brentano é um pensador Austríaco, nascido em Maremberg em 1938 e morto em Zurique em 1917. Brentano estabelece uma conexão da filosofia antiga, em sua raiz mais pura e autêntica, com a filosofia moderna. Fundando-se nessa situação, transforma a filosofia de seu tempo, partindo de sua visão de duas disciplinas: a psicologia e a ética. Acredita-se na influência de Brentano sobre Freud. Influência que teria tido início quando o chamado “Pai da Psicanálise” assistiu às aulas do primeiro por pelo menos dois anos, na ocasião em que publicava seu célebre livro *Psychologie Von Empirischem Standpunkt (Psicologia segundo o ponto de vista Empírico)*, no qual salienta a inter-relação entre o Físico e o Psíquico, do que resulta o Psicossomático (MARÍAS, 2004, p. 411).

Gabbi Junior, O, F. ( 1994) aponta em seu texto ( *Freud: racionalidade, sentido e referencia 1994*) as influências sofridas por Freud por intermédio da filosofia de Mill, para Gabbi tanto a noção “linguística” como a noção de representação em Freud são pertencentes a uma visão filosófica da sua época, segundo a qual um termo linguístico ganha sentido na medida em que duas modalidades representativas se associam, ou seja, nomear um fluxo de sensações constantes equivaleria a sintetiza-las e organiza-las.

Segundo Gabbi Junior, O, F. ( 2004) dois textos de Mill são essências para entender as similaridades entre Mill e Freud são eles: *System of Logic e An examination of Sir William Hamilton’s philosophy* ( *Sistema de logica e Exame sobre a filosofia de S. Hamilton*) para Gabbi em ambos textos é possível encontrar profundas semelhanças entre as noções de representação de objeto e representação palavra. E é sob esta perspectiva que avançaremos.

A intenção deste capítulo é não só reafirmar a influência de Mill sobre Freud, mas também analisar a posição deste – lembremos que Freud opta pela representação-coisa mais representação-palavra. Vimos que a representação-objeto, tal qual a de palavra, também tem por base um intrincado processo associativo; o objeto passa ser então voltado a representação-objeto e como ocorre as associações no inconsciente, enfatizando o referencial extralinguística desta associações , e quanto as associações no processo psíquico inconsciente são independentes da constituição dos processos linguísticos.

Além de Gabbi, Honda,H.( 2002 p. 112) salienta que é em 1891 em *Zur Auffassung der Aphasien* (*Sobre as Afasias*) que Freud remete o leitor explicitamente a Stuart Mill, como fonte de suas considerações acerca da noção de *Objectvortellung*( *Representação-objeto*), um conceito retomado por Freud em 1915.

Para Freud, a representação de objeto não contém nada mais que isto: um complexo de associações integrado por diversas impressões sensoriais, visuais, táteis, acústicas, cinestésicas, entre outras; contudo nosso intuito é o de mostrar que há um pensar “por detrás” dessas associações que formam a representação-objeto.

Seguiremos reafirmando o que disse Thá,F. (2004) sobre as formações inconscientes: que estas são dotadas de capacidade cognitiva e recrutam os mesmos mecanismos cognitivos que utilizamos para pensarmos o mundo, criar, elaborar conceitos e planejar nossas ações.

É possível apresentar a hipótese, de semelhança entre o processo psíquico primário freudiano e as ideias de simultaneidade de Mill, amparado pelas ideias de Gabbi, como em Honda, H. e Caroprso, F. A pesquisa considera que, o fato de uma ideia, mesmo que no processo primário, “chamar” outra ideia, já seria um pressuposto de que há “ali” um pensar. Assim discordamos até certo ponto das considerações freudianas, segundo as quais há no processo primário um pensar mais “irracional” ou imediatista, e amparados pelas ideias associacionistas de Mill a pesquisa apresentará que as associações que formam a representação-objeto podem ser dotadas de uma capacidade de pensar mais acurada do que a postulada por Freud nesse processo.

### **3.1 A associação das ideias no âmbito inconsciente**

Para Freud as ideias que “entram” pelo sistema perceptual registram-se no aparelho psíquico como representações e se associam de acordo com princípios associacionistas. É sabido que Freud sofreu uma forte influência das ideias de Mill e, para nos “localizarmos” melhor em relação a tal influência, apresentamos, agora, uma breve explanação da filosofia teórica de Mill.

A princípio, é necessário compreender que Mill foi antes de tudo psicólogo e desenvolveu certa concepção da vida do espírito. Apesar de seu trabalho principal ser sobre lógica, pode-se ver neste que seu autor parece mais preocupado em analisar o movimento real do espírito do que preocupado em fundá-lo ou justificá-lo.

O psicólogo Mill empresta de seu pai, James Mill, autor da *Análise dos fenômenos do espírito humano*, a ideia de uma química mental, isto é, um método de análise da vida consciente semelhante àquele que a química utiliza para conhecer os corpos. Os fatos psicológicos se apresentam a nós numa totalidade de elementos distintos; é preciso, então, separá-los, distingui-los e mostrar como eles se agrupam para formar novos compostos, uma vez que, quando um estado complexo de consciência é formado de elementos numerosos e diversos, igualmente indeterminados e vagos, porém bem fundidos conjuntamente e tornados inseparáveis por uma longa associação de uma longa série de experiências, o estado que desta

resulta difere não somente dos componentes, mas também da soma de todos os elementos. Esses elementos são de dois tipos: as sensações e as imagens, ou, como dizia Hume: os estados fortes e os estados fracos.

Quanto às leis de sua combinação, estas são aquelas da associação de ideias. Mill (apud GIANNOTTI, 1963, p. 52), sobre as associações de ideias, afirma que:

A impressão recebida pela mente desencadeia um simulacro imaginário, que se relaciona apenas com a afecção que lhe deu origem. As ideias entre si, porém guardam completa autonomia, como mônadas independentes flutuando no vazio. O único elo entre elas será a associação, de modo que todas as possíveis conexões entre as ideias reduzem-se sempre ao mesmo tipo.

Para Mill as associações estão sujeitas às seguintes leis: 1- fenômenos semelhantes tendem a ser pensados juntos, 2- fenômenos experimentados ou concebidos em contiguidade íntima (contiguidade de simultaneidade e de sucessão imediata) tendem a ser pensados conjuntamente, 3- as associações produzidas por contiguidade tornam-se mais certas e mais rápidas pelo efeito da repetição, 4- quando dois fenômenos são encontrados sempre juntos e até aquele momento não são vistos separados, dá-se entre eles uma associação muitíssimo forte, associação esta dita inseparável, de tal modo que não somente concebemos como inseparáveis as ideias desses fenômenos, mas também as coisas por ela representadas.

Caropreso, F. ( 2001) dirá que a representação-objeto é um complexo associativo constituído por imagens sensoriais, mas não apenas por imagens acústicas, visuais e cinestésicas, como a representação de palavra. Mas que além de poder ser constituída por uma variedade maior de elementos sensoriais, a possibilidade de novos elementos se acrescentarem à representação-objeto que nunca cessa, ao contrário da representação- palavra.

Seguindo a ideia de Stuart Mill este, dirá que quando dois fenômenos, que nunca foram experienciados ou pensados separados um do outro, são experienciados juntos com muita freqüência, produz-se entre eles uma "associação inseparável", que torna impossível pensar os dois fenômenos separadamente, a não ser que alguma experiência subsequente venha a dissolver a associação. De tal associação inseparável e da "capacidade de expectativa" da mente humana, resulta a idéia de um objeto externo, segundo Mill. A idéia de um mundo exterior a

nós provém do fato de que, ao experienciarmos um conjunto de sensações associadas e que nos parecem inseparáveis, devido à nossa capacidade de expectativa - ou seja, a capacidade que possuímos de, após ter sensações reais, formar a concepção de sensações possíveis, passamos a considerar que tais sensações sempre poderão ser experienciadas, por nós e por outros, em determinadas circunstâncias e que outras sensações desconhecidas possam ser acrescentadas às demais. De acordo com Mill, essa concepção de "sensações possíveis" possui um caráter de permanência, que se opõe ao caráter efêmero das nossas sensações e, a partir dessa diferenciação, somos levados a considerar que ambas são coisas diferentes, que as possibilidades de sensações existem independentes de nós, ou seja, que existem objetos exteriores.

Reduzir todas as nossas ideias a sensações ou a imagens ligadas entre si pelas leis de associação e refutar o intuicionismo parecem ser os objetivos de Mill. Para ele, nossa crença no mundo exterior é a representação que nós nos fazemos dele como um conjunto de substâncias independentes de nós. Quando dizemos que o objeto percebido é exterior a nós, o que desejamos de fato dizer? O que implica nossa percepção de alguma coisa que exista quando nós não pensamos nela? Eu vejo um pedaço de papel branco sobre a mesa: passo para outro cômodo da casa e, embora tenha parado de ver o papel, sou persuadido de que ele ainda está lá (MILL, 1869, p. 212).

Se atentarmos ao capítulo III do livro I da *System* como nas páginas iniciais de *An Examination*, vemos explicitamente como Stuart Mill apresenta a noção de representação de objeto.

É certo, portanto que uma parte de nossa noção de corpo, ou de outros seres sensíveis consiste de uma quantidade de nossas próprias sensações, habitualmente ocorrendo simultaneamente. Minha concepção da mesa na qual escrevo é composta de sua forma e tamanho visíveis, que são sensações complexas da visão, sua forma tamanho tangíveis, que são sensações complexas de nosso órgão de tato e de nossos músculos... sua solidez, que é uma sensação dos músculos e assim por diante, todos ou a maioria dessas diversas sensações frequentemente são, e como nós apreendemos pela experiência, sempre podem ser experimentadas simultaneamente ou em muitas ordens de sucessão diferentes conforme nossa própria escolha, portanto, o pensamento de qualquer uma delas faz-nos pensar nas outras, e o todo torna-se mentalmente amalgamado em um combinado estado de

consciência que na linguagem de Locke e Hartley é denominado como uma ideia complexa. ( Stuart Mill 1843, p.57 Apud Hélio Honda p.113-114)

Honda,H. ( 2002 p.114) nos apresenta de forma análoga ao anterior, a respeito das sensações já nas primeiras paginas de An examination:

Toda linguagem reconhece uma distinção entre o eu-o Ego- e um mundo, seja material, espiritual ou ambos, externo a mim mas do qual eu posso, de algum modo e em alguma medida, tomar conhecimento. As questões mais fundamentais na filosofia são aquelas que procuram determinar o que nós somos capazes de conhecer desses objetos externos e por quais evidencias nós sabemos disso .... Naturalmente esses objetos são reconhecidos por nós através dos sentidos. ... Existem contudo, opiniões conflitantes quanto a que isso que os sentidos nos informam em relação aos objetos. Acerca da parte da informação que eles proporcionam não há nenhuma disputa. ...O objeto excita ou desperta em nós certos estados de sentimentos. ... O que nós denominamos as propriedades de um objeto são os poderes que ele exerce produzindo sensações em nossa consciência. ( Stuart Mill 1865 p.5 Apud Hélio, Honda. pp. 115-116)

Para Mill, as possibilidades de sensação representam não sensações isoladas, mas grupos coordenados de sensações, grupos estes que fazem com que a substância seja concebida como *substratum* de fatos. Segundo ele, é entre esses grupos que a experiência nos mostra as sucessões constantes: o fogo por exemplo (grupo de sensações) faz derreter a cera (outro grupo de sensações). Disso advém que nós não relacionamos nossas ideias de causalidade de força e de sensação, mesmo que elas sejam o fundamento de tudo, como uma espécie de acidente que depende de nós; e entendemos as possibilidades como muito mais reais que as sensações atuais, bem mais, como as mesmas realidades das quais as sensações não são nada além de representações, aparências ou efeitos, ilusão necessária que explicara e exigira as leis de associação das ideias.

Berkeley (2008) e Hume (2000) têm razão ao dizer que é impossível representar uma coisa em geral, que nós por, exemplo, não pensamos o cavalo, mas sim um cavalo, nem o triângulo, mas um triângulo. Para Mill, a ilusão do geral vem do fato de que nossa atenção é exclusivamente voltada para certas partes concretas da ideia, nós damos a essas partes o poder

de determinar exclusivamente o curso de nossos pensamentos, tal como as associações o evocam posteriormente.

Assim seríamos capazes de seguir um encadeamento de meditações e de raciocínios relativos somente a essas partes, tudo como se fôssemos capazes de as conceber separadas do resto; os outros elementos da ideia, os outros atributos dos objetos, ao contrário, cessam de estar presentes ao espírito e podem se tornar inconscientes. Assim um verdadeiro hábito do pensamento se fixa, de algum modo, sobre os elementos menos individuais da representação individual, hábito este que vem consolidar o signo e a palavra, uma associação artificial que se cria entre os atributos comuns a um grupo de objetos e a certa combinação de suas articulações.

Mas Mill está longe de dar à palavra a importância e a preponderância que lhe confere, por exemplo, Condillac; porém ele não a isola do trabalho do espírito que ela resume e dos conhecimentos concretos aos quais ela liga. Para Mill, o conceito não existe como objeto distinto do pensamento, ele não é nada além de uma parte de uma imagem concreta; o conceito não tem nada que o diferencie das outras partes, se este não é uma soma de atenção que lhe é garantida por associação especial que o une a um nome.

O nome genérico denota os objetos, por exemplo, as águias, os corvos, os pardais etc., e conota os atributos, como a vida, as asas, as penas etc. Quanto à definição, ela não pode ter por objetivo exprimir a essência das coisas, ela é somente uma proposição declarativa da significação de uma palavra. Todas as definições são definições de palavras, unicamente de palavras.

Apresentou-se anteriormente que Freud explicita a influência de Mill no texto *Sobre as Afasias*(1891) e que neste texto Freud trabalha com as ideias de representação-objeto e representação-palavra, Mill oferece um belo suporte para pensar as representações-objeto, mas o que dizer das representações-palavra, já que o próprio Mill parece não conceder a ela (palavra) grandes honras.

Em nossa leitura de Mill, não encontramos nenhuma referência explícita a noção de Wortvorstellung(representação-palavra) freudiana. Como nos aponta Honda,H. ( 2002 p.119) é

nítida a referência de Freud a Stuart Mill para a noção de Objectvortellung (representação-objeto), mas não para a Wortvortellung, ora, de onde então proviria tal noção?

Para Honda,H. (2002) ela provem possivelmente do próprio meio médico em que Freud estava inserido, possivelmente de Charcot que vai buscar o conceito em um dos pensadores clássicos da tradição britânica: David Hartley, ou seja direta ou indiretamente, a filosofia britânica influenciou Freud.

Para Caropreso,F. (2003) As representações de palavra se sobre-associariam umas às outras, de forma que vários níveis de processos associativos, correspondentes aos diferentes estágios do desenvolvimento do sujeito, coexistiriam. Nesse processo de sobre-associação, as representações mais antigas transfeririam seu significado às mais recentes, formando-se, assim, séries associativas de mesma significação. Como a representação de palavra, ao menos no caso dos substantivos, adquiriria seu significado a partir da sua associação com a representação-objeto, haveria várias cadeias de representações de palavra que, em última instância, denotariam o mesmo objeto. Sendo assim, para conhecermos o significado real de uma palavra, seria necessário percorrer essa cadeia no sentido inverso ao da sua constituição, pois só assim seria possível chegar à representação de objeto que lhe conferiu significado, isto é, ao significado originário da palavra.

Segundo Mill, os fenômenos da natureza estão em relação uns com os outros em duas situações distintas, a da simultaneidade e aquela da sucessão. Os fenômenos da mente são, então, os vários sentimentos de nossa natureza, tanto aqueles chamados impropriamente de físicos, como aqueles particularmente designados de mentais. Para ele, “leis da mente” diz respeito às leis de acordo com as quais esses sentimentos se causam uns aos outros.

Todos os estados da mente são, para Mill, imediatamente causados por outros estados da mente, ou por estados do corpo. Quando um estado da mente é produzido por outro estado da mente, designa-se a lei concernente ao caso como uma lei da mente. Quando um estado da mente é produzido diretamente por um estado do corpo, a lei é uma lei do corpo e pertence à ciência física.

Em relação àqueles estados da mente que chamamos de sensação, todos concordam que eles têm por antecedentes imediatos estados do corpo. Toda

sensação tem por causa próxima alguma afecção daquela parte de nosso organismo chamada sistema nervoso, seja essa afecção originada na ação de algum objeto exterior ou em alguma condição patológica da própria organização nervosa. As leis dessa parte de nossa natureza, as variedades de nossas sensações, as condições físicas de que dependem diretamente pertencem, manifestamente, à província da Fisiologia. (MILL, 1999, p. 48)

De acordo com essa teoria, um estado da mente nunca é realmente produzido por outro: todos são produzidos por estados do corpo. Segundo Mill, quando um pensamento parece recordar outro por associação, não se trata realmente de um pensamento que evoca um pensamento; a associação não ocorre entre os dois pensamentos, mas entre dois estados do cérebro ou dos nervos, estados que precederam os pensamentos; um destes estados evoca o outro e cada um é acompanhado, em sua passagem, pelo estado de consequência particular que é sua consequência. As uniformidades de sucessão entre os estados da mente seriam, então, meras uniformidades derivadas, resultantes das leis de sucessão dos estados corporais que os causam.

A relação dos fatos mentais com as condições físicas parece-nos um assunto relevante tanto em Mill quanto em Freud. O primeiro chama atenção para a observação feita por Martineau num ensaio sobre Priestley, no qual este diz:

As sensações que formam os elementos de todo conhecimento são recebidas, ou simultaneamente, ou sucessivamente; quando várias são recebidas simultaneamente como o aroma, o sabor, a cor, a forma etc., de uma fruta, a associação entre elas constitui nossa ideia de um objeto; quando recebidas sucessivamente, a associação forma a ideia de um evento. (MILL, 1999, p. 55)

Dessa forma tudo aquilo que favorece as associações de ideias sincrônicas tenderá a produzir um conhecimento de objetos, uma percepção de qualidades, enquanto tudo aquilo que favorece a associação na ordem sucessiva tenderá a produzir um conhecimento de eventos, da ordem das ocorrências e da conexão de causa e efeito. Em outras palavras, em um caso o resultado será uma mente perceptiva, com um sentimento distinto das propriedades agradáveis e desagradáveis das coisas, um sentido do sublime e do belo; no outro, uma mente atenta aos movimentos e aos fenômenos, um intelecto raciocinante e filosófico. Toda conexão em geral é

composta associativamente por outras representações e é redutível, em última instância, ao nexo de semelhança ou de contiguidade.

Não houve dificuldade em demonstrar a influência das ideias de Mill sobre Freud, e se avançarmos, por exemplo, a *Interpretação dos sonhos* (2001), quando Freud fala de deslocamento e condensação, as semelhanças ficam ainda mais evidentes. No deslocamento o inconsciente está investido de uma carga afetiva (pulsão, emoção) que é deslocada de seu objeto verdadeiro para um elemento substitutivo, permitindo assim reduzir a tensão. Porém lembremos o que diz Freud: o deslocamento não ocorre em qualquer representação, mas apenas àquelas que possuem certa reciprocidade, ou seja, semelhança.

Na condensação entende-se uma única representação que está ligada a várias cadeias associativas produzidas pelo deslocamento. A condensação acontece quando o elemento comum a duas cadeias associativas, recebendo o investimento devido às duas e condensando todo esse investimento, vai ser encarregado de representá-las. Por exemplo, uma pessoa, no sonho, pode ser identificada como A, mas ter as características de B. Nesse caso, precisará procurar o que é comum às duas. Também aqui, na condensação, a relação entre as representações pode ser por contiguidade e não apenas por analogia. Esses dois mecanismos do sonho são considerados mecanismos do processo primário.

Em Freud, no deslocamento há uma espécie de substituição do objeto verdadeiro por um outro, dito substituto, porém não por qualquer substituto, mas por um que de alguma forma se assemelhe ao objeto verdadeiro, que tenha algum vínculo com este. Na condensação temos uma imagem que possui características de vários objetos, contudo, nela também se faz necessário que haja um vínculo entre as representações. Lembremos que, na vivência de satisfação, temos a ideia de um esforço de eliminação, uma incitação para obter alívio na direção do caminho motor. De acordo com a experiência, a trilha para a alteração interna (expressão de emoções, gritos, inervação muscular) é aquela em que inicialmente se entra.

Para Gabbi Junior, O, F. (2003), em seu *Notas a projeto de uma psicologia*, Freud introduz o princípio do hedonismo psicológico e as leis de associação e, por meio deles, procura descrever as alterações causadas pela experiência no sistema nervoso. Gabbi Junior, O, F. (2003) afirma que o naturalismo epistemológico de Freud é acompanhado de um naturalismo ético.

As ações humanas estão fundadas em duas vivências fundamentais, em que se manifesta o princípio do hedonismo na versão de Stuart Mill, ou seja, a busca de prazer e dos objetos que proporcionam prazer e a esquivas da dor e dos objetos que a causam. A primeira vivência é designada por Freud como vivência de satisfação e serve para introduzir a noção de desejo. A segunda, chamada vivência dolorosa, é anterior à primeira, tendo como função estabelecer o contorno conceitual da noção de repressão. As emoções, os gritos e a inervação muscular funcionam como válvula de escape para o acúmulo de energia. (GABBI JR., 2003, p. 54)

Contudo essa eliminação não resulta em alívio. Um cancelamento do estímulo só é possível mediante uma intervenção que, por determinado tempo, remova no interior do corpo a energia, porém esta intervenção exige uma alteração do mundo externo (aprovisionamento de alimento, proximidade do objeto sexual) e, como ação específica, só pode efetuar-se segundo determinados caminhos. Sabe-se que a ação específica só se realiza por intermédio de uma ajuda externa, na medida em que, por meio da eliminação pelo caminho da alteração interna, um indivíduo atenta para o estado da criança (GABBI JUNIOR, O, F., 2003, p. 196). Essa trilha de eliminação passa a ter, assim, uma função secundária de comunicação da mais alta importância, e o desamparo inicial do ser humano é a fonte originária de todos os motivos morais (GABBI, 2003, p. 196).

Para Gabbi Junior, O, F. (2003, p. 196), se o indivíduo realizou o trabalho de ação específico no mundo externo para o desamparado, então este foi capaz, por meio de dispositivos reflexos, de executar sem demora o desempenho necessário no interior do seu corpo para cancelar o estímulo endógeno. Assim a totalidade representa uma vivência de satisfação, tendo as consequências mais decisivas para o desenvolvimento funcional do indivíduo.

Gabbi Junior, O, F. (2003, p. 56) lembra que, ao lado do hedonismo psicológico, Freud propõe leis de associação, caracterizando, portanto, o solo filosófico em que suas especulações são propostas, ou seja, o utilitarismo.

No livro IV de System (MILL, 2009), no quarto capítulo encontra-se uma descrição das leis da mente:

Primeiro, sempre que algum estado de consciência tenha sido excitado em nós (é irrelevante sua causa), um grau inferior do mesmo estado de consciência, um estado de consciência que se assemelha ao anterior, mas inferior em intensidade, é capaz de ser reproduzido em nós, sem a presença de qualquer uma das causas que o incitou pela primeira vez. Segundo, essas ideias ou estados mentais secundários são excitados por nossas impressões, ou por outras ideias de acordo com certas leis, chamadas leis de associação. Destas leis, a primeira reza que quando duas impressões foram frequentemente experimentadas (ou pensadas), ou simultaneamente ou em sucessão imediata, sempre que uma dessas impressões, ou sua ideia, ocorrer, ela tende a excitar a ideia da outra. A terceira lei reza que a maior intensidade de uma ou de ambas as impressões equivale, ao torná-las excitáveis por uma outra, a aumentar a frequência da conjunção. (MILL, 1974, p. 852, apud GABBI JR., 2003, p. 56)

Assim, Gabbi Junior, O, F. (2003) dirá que a primeira lei de Mill é aproveitada no Projeto para mostrar que, sempre que um estímulo despertou um estado de consciência em nós, seu registro foi fixado e pode ser evocado por causas distintas daquelas que o produziram pela primeira vez.

A simultaneidade, que é a segunda lei de Mill, parece ser a primeira lei de Freud, que a entende como a forma fundamental de associação. Podemos explicá-la na vivência de satisfação, pois, uma vez que esta vivência tenha estabelecido um caminho, este caminho será percorrido posteriormente, já que se tornou facilitado, ou seja, preferencial. Segundo. Gabbi Junior, O, F (2003, p. 197), origina-se, por intermédio da vivência de satisfação, uma facilitação entre duas imagens recordativas. Com o reaparecimento do estado incitante ou desiderativo, a ocupação prossegue, agora também para ambas as recordações e as anima. A imagem recordativa do objeto é certamente a primeira a ser afetada pela animação desiderativa.

Designa-se como processos psíquicos primários desde a ocupação desiderativa até a alucinação, e denominamos como processos secundários todos os outros que só são possibilitados por uma boa ocupação do eu. Para Gabbi Junior, O, F. (2003, p. 69), os processos psíquicos, levando em consideração o externo e interno, são denominados psíquicos secundários.

É preciso ressaltar que os caminhos de eliminação são estabelecidos pelas vivências dolorosas de satisfação e que não podem ser alterados. O que se modifica na passagem de processos primários para secundários é tão somente a forma de percorrê-los, isto é, a

magnitude da quantidade envolvida, e não os próprios caminhos. O processo primário corresponde a uma forma de energia livre, isto é, tende a descarga da forma mais direta possível; já no processo secundário a energia é dita ligada pois sua carga é retardada ou controlada. No *Projeto*(1895) Freud apresenta a ideia da quantidade segundo a qual, os neurônios são investidos e da qual tendem a se ver livres, o ponto de vista econômico caracteriza-se pela forma como a energia circula no sistema de neurônios, passando de um para o outro e tomando vários caminhos possíveis através das inúmeras bifurcações neuronais. Freud escreve no *Projeto*(1895) que os estímulos internos não oferecem possibilidade de fuga, desaparecem apenas após a realização da ação específica que possibilita a eliminação do estímulo. Segundo Freud (1895) essa quantidade destinada a reduzir os estímulos internos, fica armazenada e investe certas quantidades visando reduzir o estímulo interno, formando assim uma memória neurônica, constituída pelo acúmulo de energia essa memória é possibilitada pelas barreiras de contato que são resistências localizadas nos pontos de contato entre os neurônios, impedindo a passagem de energia que deveria ser escoada. Porém parte dessa energia consegue ser escoada, e devido a essa passagem parcial de excitação Freud elaborou a noção de *facilitação*, a excitação tende a percorrer o mesmo caminho através do qual ocorreu essa facilitação. Em outras palavras, como foi dito, os vínculos associativos estabelecidos pela experiência não podem ser desfeitos. A luta entre as facilitações consolidadas e as ocupações mutáveis caracteriza o processo secundário do pensar reprodutivo em oposição à sequência associativa primária.

Para Gabbi Junior, O, F (2003, p. 74), há duas maneiras de percorrer os caminhos da eliminação: segundo a sequência associativa primária (simultaneidade) ou de acordo com o resultado da luta entre as facilitações consolidadas e as ocupações mutáveis (contiguidade). A evolução do aparelho psíquico dá-se pela passagem da simultaneidade para a contiguidade. Note-se que as impressões que foram sucessivas nas vivências fundamentais são repetidas no processo primário de forma simultânea, ou seja, produzem alucinações. Só quando são recordadas em sucessão, como no processo secundário, são adaptativas e produzem prazer.

Mill (1869) nos dirá que a mente é capaz de expectativa, ou seja, que, após termos sensações reais, somos capazes de formar a concepção de sensações possíveis. Estas sensações

possíveis seriam aquelas que, apesar de não estarem presentes ou sendo sentidas no presente, poderão ser sentidas se certas condições estiverem presentes. Com isso, John Stuart Mill discorda de seu pai, James Mill, pois este reduzia a mente a um mecanicismo, até certo ponto radical. James Mill considerava a mente passiva, reagindo a estímulos externos.

Assim, para Mill, quando muitas impressões ou ideias operam juntas na mente, ocorre por vezes um processo similar a uma combinação química. Quando impressões experimentadas em conjunção o foram com tal frequência que cada uma delas evoca pronta e instantaneamente as ideias do grupo todo, essas ideias, ocasionalmente, misturam-se e se fundem, aparecendo então não como várias ideias, mas como uma única, da mesma forma como as sete cores do prisma, quando apresentadas à vista em rápida sucessão, produzem a sensação de branco (MILL, 1999, p. 51).

Mill (1999, p. 52) dirá que as sete cores, quando se sucedem rapidamente, geram o branco e não são realmente o branco; poderíamos dizer que a ideia complexa formada pela mistura de várias ideias mais simples resulta das ou é gerada pelas ideias simples, e não que consiste nessas ideias.

Tomemos como exemplo a ideia de uma laranja real: esta consiste em ideias simples de uma certa cor, de um certo sabor, aroma etc. Mill pergunta: por que podemos, interrogando nossa consciência, distinguir todos esses elementos na ideia? Ele responde que não podemos distinguir, em um sentimento aparentemente tão simples como a percepção da forma de um objeto pela vista, toda a multidão de ideias derivadas dos outros sentidos, sem as quais é certo que nenhuma percepção visual jamais teria existido, e que tampouco podemos descobrir, em nossa ideia de extensão, aquelas ideias elementares de resistência derivadas de nossa estrutura muscular e nas quais foi demonstrado, de maneira conclusiva, que a ideia se origina.

Retomemos a ideia de química mental de Mill.

As sensações que formam os elementos de todo conhecimento são recebidas, ou simultaneamente, ou sucessivamente; quando várias são recebidas simultaneamente, como o aroma, o sabor, a cor, a forma etc. de uma fruta, a associação entre elas constitui nossa ideia de um objeto; quando recebidas sucessivamente, a associação forma a ideia de um evento (MILL, 1999, p. 55)

Assim, tudo aquilo que favorece as associações de ideias sincrônicas tenderá a produzir um conhecimento de objetos, uma percepção de qualidades. Dessa forma, podemos dizer que, para Mill, pelo princípio de semelhança, as ideias semelhantes tendem a excitar-se mutuamente, formando um conjunto. Segundo o princípio de contiguidade, quando duas impressões foram frequentemente experimentadas ou pensadas simultaneamente ou em sucessão imediata, sempre que uma dessas impressões ou ideias se repetir, tenderá a excitar a ideia da outra.

Em Freud, no que concerne à primeira tópica, o papel da percepção está vinculado ao registro das excitações tanto internas como externas, em especial no texto *O inconsciente*, no qual Freud (2010e) é categórico ao dizer que as representações se originam de percepções, sentidas como prazerosas ou desprazerosas. Tais representações são para Freud subjetiva, uma ideia que encontra apoio em Mill. A lei da contiguidade é a base da memória e das faculdades adquiridas em geral. Hamilton (1840)<sup>17</sup> classifica-a como: um processo psicológico segundo o qual um elemento de uma totalidade mental tende a fazer reaparecer a totalidade, ou seja, quando parte de um todo evoca as outras partes; por exemplo, quando a primeira palavra de uma citação lembra o resto, ou a visão de uma casa em uma rua sugere a lembrança daquelas que virão depois.

Alexander Bain (1855, p. 521) já afirmava que a esta forma de reprodução mental (contiguidade) podemos dar a seguinte definição:

As ações, as sensações, os estados de sensibilidade que se apresentam um com o outro ou um imediatamente após o outro tendem a se unir estreitamente, a aderir um ao outro; deste modo, quando um deles se apresentar, por conseguinte, à mente, os outros serão suscetíveis de serem evocados pelo pensamento.

Seguindo as ideias associacionistas de Mill, poderíamos dizer que somos “cercados” por totalidades complexas e que estas estão unidas em uma lembrança pela força de coesão da

---

<sup>17</sup> Willian Hamilton, filósofo intuicionista escocês. Para Hamilton, a lógica deveria estar associada à metafísica, e ele, estando entre os principais representantes britânicos da corrente filosófica chamada intuicionista, afirmava que esta era a primeira manifestação do conhecimento, uma iluminação súbita que alargava a compreensão humana.

contiguidade; objetos como uma árvore, uma figura humana, uma cena da natureza, não poderiam permanecer em nossa mente ou despertar como ideias, a menos que uma frequente repetição de suas representações não tenha tornado todas as partes do objeto coerentes.

Assim, para Mill, somente após a repetição necessária um objeto complexo como uma vila rústica poderia se reconstruir no pensamento, pelo efeito da presença de uma única parte, como uma rua, ou um edifício, ou qualquer outro detalhe marcante. Mill dirá que bastaria a visão ou a lembrança de um porto para lembrarmo-nos de navios. Essa ideia torna-se muito sugestiva, se pensarmos, por exemplo, no texto de Freud *Das Unheimliche* (O estranho), de 1919. O conto “O homem de areia”, de E. T. A. Hoffmann. A figura do Homem-Areia está diretamente ligada, com a idéia de alguém capaz de roubar os olhos das pessoas e que o ponto de vista de Jentsch, de uma incerteza intelectual, nada tendo a ver com o efeito. De certo, tem o direito de nos conduzir pelo mundo real ou por um mundo puramente fantástico, de sua própria criação. A intelectualização ou o conhecimento do fato.

Há também coisas que são lembradas apenas por associações múltiplas, uma vez que cada associação, isolada, é muito frágil, porém pode se tornar poderosa pela união; por exemplo, as pessoas são associadas com seus nomes, a localidade onde moram, lugares que frequentam etc., o que constitui uma ligação mental muito poderosa.

Segundo Bain (1855), quando nos lembramos de um indivíduo, uma grande quantidade dessas associações se liga à representação, e quando elas não forem suficientes, aparecerão mais.

Se buscarmos pensar em um personagem histórico, de um determinado período, do século de Péricles, por exemplo, encontraremos uma associação potente que ligue cada um deles à ideia do tempo, a saber, o século V a. C. Quando desejo me lembrar, por exemplo, do conteúdo de uma fábrica que tenha visitado, necessito recorrer ao socorro de associações por contiguidade de lugar e de associação por sucessão em relação aos fins e aos usos diversos aos quais o objeto em questão é destinado.

Falemos, agora, a respeito da sucessão: quando a memória é imperfeita, podemos restaurar as lembranças com a ajuda de uma associação composta. Por exemplo, quando desejo rememorar a série inteira depois da primeira ligação e percebo que falta um “elo da corrente”,

não posso recuperá-lo a não ser quando outra associação, a um lugar, uma outra pessoa, vem e me dá os meios.

Segundo Mill (1869), entre as sucessões, há uma que contém todas as nossas experiências, é a ordem do tempo, ou a série de acontecimentos que compõem a história de cada um de nós. Se todos os detalhes dessa sucessão fossem perfeitamente associados em nossa mente, poderíamos sempre nos lembrar de tudo o que temos feito, visto e conhecido.

Para Bain (1855), as coisas lembradas na ordem do tempo não foram experimentadas a não ser uma vez e sabemos que precisamos repetir a experiência para fixar um encadeamento de ideias. Assim estamos sempre buscando alguma associação que fortaleça essa frágil ligação e que nos ajude a recuperar o curso dos acontecimentos, tal como se desenvolveram na ordem do tempo.

Bain, A. (1855, p. 511) dirá que, a todo momento da vida, cada pessoa está ligada em uma cena complicada, e cada objeto desta cena pode tornar-se um ponto de partida para uma série de lembranças. Todos os sentimentos interiores do corpo, tudo o que nos cerca e está na retina, todo gosto, tato, odor, toda ideia, emoção que ocupam nossa mente estão organizados em séries de associações que se perdem nas regiões mais distantes da memória. E nós temos o poder de mudar a direção dos nossos pensamentos quando nos interessa. Assim, para esse autor, partindo de uma dessas coisas presentes em nós, podemos nos dirigir àquelas que estão ausentes em nós, passando por uma única via, esta se dá quando identificamos algo diferente por um único traço em comum, uma espécie de abstração da similaridade, por exemplo, quando opto por uma determinada ideia de um rio escolho um simplesmente porque o conheço melhor do que um outro. Pode-se ainda utilizar a ação composta: a linguagem, esta seria a aplicação de um nome geral a classe, algo que é comum a todos os particulares, por exemplo, o nome rio exprime ao mesmo tempo o todo, podemos definir o rio como uma corrente de água que desemboca no mar, a linguagem unificaria a generalização dos objetos.

Para Mill (1869), um grande número de nossas lembranças, de nossos pensamentos, de nossas concepções, de nossa imaginação é uma mistura inextricável de linguagem e de ideias. E a multiplicação dos pontos de semelhança assegura a lembrança de um objeto já visto, efeito

este do fato de que, quanto mais a semelhança é grande, mais numerosos são os pontos de lembranças.

Por exemplo, se reencontro uma pessoa que lembra muito outra pessoa que conheço, é bem mais provável que eu me lembre desta última, se a lembrança do rosto vier a se unir àquela do traje, da língua, do olhar, ou até mesmo de traços extrínsecos como suas ocupações, ou até sua história. Mill dirá que essas semelhanças extensivas, isto é, por relações externas, têm a força de aumentar a semelhança intensivamente.

Pode-se ainda pensar numa junção da contiguidade e da similaridade. Quando utilizamos, para descrever uma tempestade, a expressão “guerra de elementos”, é que a “metamorfose” é apresentada à mente em parte pelo efeito da semelhança e em parte pela contiguidade. Bain (1855, p. 511) nos dirá que a primeira pessoa que se serviu dessa expressão terá sido ali conduzida pelo efeito da semelhança, já aquela que se servirá depois terá sido auxiliada pela contiguidade.

Uma semelhança poderia se revelar em várias circunstâncias e assim alcançar o objeto faltante, devido à proximidade de uma série de contiguidades. Por exemplo, um poeta pode cair sobre uma bela metáfora, se ele estiver em uma região onde se encontrem elementos de comparação: se ele estiver a bordo de um navio, possivelmente as metáforas navais lhe virão à mente em grande quantidade.

Poderíamos pensar que nossas ideias, por intermédio da proximidade, poderiam ser auxiliadas; como por exemplo ocorreu a Newton, ao meditar sobre a atração planetária no momento em que observou uma maçã caindo ao solo. Uma relação desse gênero teria auxiliado poderosamente a impressão que uniu em sua mente a atração e a gravidade.

Em resumo poderíamos afirmar que Mill (1869) diz haver duas espécies de contiguidade: a simultaneidade e a sucessão imediata. No que concerne à simultaneidade, Mill dirá que, quando os fatos foram experimentados ou concebidos simultaneamente, a ideia de um lembra aquela do outro. Essa noção pode ser ligada à ideia de Freud a respeito do processo primário.

A sucessão imediata ocorre quando os fatos são experimentados e pensados, ou seja, na sucessão imediata o antecedente ou sua ideia chama aquela do conseqüente. Encontramos nessa noção pressupostos do processo secundário freudiano. A questão a que precisamos nos

ater é: mesmo na sucessão imediata, há um processo indutivo de associações de ideias, no qual também há caminhos que são frequentemente percorridos.

Porém a dicotomia se mantém, já que poderíamos dizer que, em Freud, o aparelho sofre uma evolução do processo primário (simultaneidade) para o processo secundário, no qual surge a ideia de sucessão imediata.

No processo primário, o processo inconsciente tem por finalidade estabelecer, pelos caminhos mais curtos, uma identidade de percepção. A vivência de satisfação constitui a origem da procura da identidade de percepção. Ela liga a uma descarga eminentemente satisfatória a representação de um objeto eletivo. O indivíduo vai, a partir desse momento, repetir a percepção que está ligada à satisfação da necessidade.

Já no processo secundário é a identidade de pensamento que é procurada, ou seja, nesse processo o pensamento deve se interessar pelos caminhos de ligação entre as representações sem se deixar iludir pelas intensidades delas. A descarga fica suspensa até que muitos caminhos associativos tenham sido percorridos. No processo secundário temos redes de simulações mentais.

Temos, assim, a ideia de que as impressões que foram sucessivas nas vivências fundamentais foram repetidas, de forma simultânea, no processo primário. Enquanto que no processo secundário as impressões são recordadas em sucessão.

Quanto à ideia de Gabbi Jr. de que o processo primário freudiano pode ser pensado à maneira da ideia de associação de simultaneidade de Mill, vimos que esta ideia de simultaneidade concerne às sensações dadas simultaneamente, como por exemplo: aroma, cor, sabor etc. que, ao se associarem, formam o objeto – e não estamos falando de qualquer objeto, não falamos de “uma cadeira”, “uma mesa”, falamos “da cadeira” e “da mesa” específicas. Já na associação por contiguidade, que podemos relacionar ao processo secundário de Freud, temos a ideia de que um fato “chama” o outro, numa espécie de causa-efeito, que forma a ideia de um evento, ou seja, quando sentimos uma sensação, temos motivos para esperar por outras, conseguimos “prever” que outras virão.

Tais ideias são importantes, para avançar em nossa perspectiva pois possuem realmente certas semelhanças em relação às ideias de Freud. É possível pensar, com base nas ideias de

Mill, na constituição do objeto no processo primário; para isso lembremos o que Freud nos diz: apenas temos a representação de coisa no inconsciente, porém esta representação representa algo que possivelmente foi associado formando tal representação-objeto, e não podemos desconsiderar a capacidade “lógica” desse processo. Vejamos, nesse sentido, um exemplo interessante dado por Reed (1922, p. 51) sobre uma funcionária de um escritório de trinta e três anos de idade. Segundo Reed, bastou à paciente ver sobre sua mesa um ramo de louro num vaso para desencadear uma violenta crise emotiva, crise que passou a ser desencadeada posteriormente apenas por mencionar a ela a palavra “louro”. Tal distúrbio veio a ser esclarecido: quando menina, brincava num bosque de loureiros com um menino de treze anos; a brincadeira terminou em um incidente heterossexual entre ela e o menino, trazendo-lhes sensações de volúpias e de poderio; o jovem “B” tornou-se para ela um símbolo de tentação sexual.

Seria possível a esta paciente “ser tomada” pela crise emotiva se visse sobre mesa outra espécie de planta ou outra espécie qualquer de lauráceas? Ou seria necessária esta planta em especial, que a afetou sensivelmente e fez com que, associando as ideias, recordasse de seu trauma? A resposta a questão seria a seguinte a palavra “louro” remeteu a paciente ao complexo de sensações desprazerosas inconsciente que estavam relacionados à palavra, porém a palavra não daria conta de representar ( especificar) o objeto em sua complexidade.

Com essa breve exposição acerca da influência das ideias de Mill sobre Freud pode-se perceber porque optamos por apoiar nossa pesquisa na ideia de representação-objeto para avançarmos na apresentação da questão do pensar em Freud, considerando que a concepção Freud sobre objeto parece ser fortemente influenciada pela filosofia de Mill, além de outros motivos adjacentes, como as ideias de contiguidade e simultaneidade que se ligam estritamente às concepções freudianas de processo primário e secundário.

Assim a intenção desta pesquisa foi apresentar argumentos para conflitar a posição de Freud a respeito do pensar no âmbito inconsciente, mostrando que as associações entre impressões sensoriais que constituem a representação-objeto, ou seja, representações que constituem e se associam no inconsciente, não deveriam ser reduzidas a uma capacidade

cognitiva simplista, defendendo que é possível haver no inconsciente uma capacidade de elaboração que não é em nada simples.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma alguma parece ser uma tarefa simples concluir ou tirar uma conclusão de um assunto tão controverso e sujeito a inúmeras ramificações quanto o mecanismo do pensar em Freud.

Freud, às vezes, é extremamente ambíguo em seus textos e, noutras vezes, não expõe com clareza o que para ele é tão claro, como por exemplo, a relação psíquico/somático. Contudo, talvez o desafio mais significativo de nosso trabalho tenha sido explicitar o pensamento de Freud, tendo o cuidado de respeitar a evolução desse pensamento, sem esquecer que Freud foi, antes de tudo, um homem da ciência.

Independentemente de possíveis empecilhos, a pesquisa toca num ponto importante do pensamento de Freud, percebendo também o quanto é difícil fazê-lo.

Mesmo tendo inúmeras vezes mencionado no decorrer do texto, somos obrigados a deixar claro que o trabalho apresentado, em momento nenhum pretendeu solucionar problemas. A intensão desta dissertação foi indicar a possibilidade de pensarmos um pensar no mecanismo do inconsciente num sentido mais acurado do que aquele que Freud postula neste sistema. Apesar de todas as considerações, acreditamos piamente que um aprofundamento em tal questão trará várias inquietudes sobre o pensamento freudiano.

Entende-se que o conceito de pensamento, apesar de ser a principio uma noção bastante clara em Freud, esta noção não pareceu tão clara quando a articulada ao sistema inconsciente.

A presente pesquisa constituiu-se assim numa explanação da possibilidade de repensar o pensar no processo primário, pois é no processo denominado primário que caracteriza-se o sistema inconsciente, onde a energia escoia-se livremente, passando de uma representação a outra segundo os mecanismos de condensação e deslocamento; esta tende a investir plenamente as representações ligadas as vivencias de satisfação, resultando em identidades perceptivas, ou seja, o processo primário visa reencontrar uma percepção idêntica a imagem do

objeto resultante da vivência de satisfação. Já o que ocorre no processo secundário é que a identidade procurada seria a dos pensamentos entre si.

Caropreso, F. (2008 p.135) mostra que o pensamento que teria como meta apenas a obtenção da identidade entre a percepção atual e a representação de desejo é chamado por Freud de “pensamento prático” ou “reprodutivo”. No pensamento prático, o objetivo seria encontrar um caminho que conduzisse a representação de desejo. Nele, as representações que produzissem desprazer seriam evitadas, pois não fariam parte desses caminhos.

Em *O Inconsciente (1915)*, Freud se pergunta se a passagem do sistema Inconsciente ao Pré-consciente/consciente acontece mediante novas transcrições das representações – suposição esta que ele chama de tópica – ou mediante uma mudança de estado, mediante o surgimento de um modo de ocupação distinto das mesmas representações – suposição esta que ele chama de funcional. Freud responde essa questão apenas na última parte do artigo, onde, a partir da análise das manifestações das neuroses narcísicas, chegando a concepção de que:

“... acreditamos saber agora onde reside a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. Elas não são, como acreditávamos, diversas transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem diversos estados funcionais de ocupação no mesmo lugar, se não que a representação consciente abrange a representação-coisa mais a correspondente representação-palavra, e a inconsciente é a representação-coisa somente. O sistema Inconsciente contém as ocupações de coisa dos objetos que são as ocupações de objeto primárias e genuínas; o sistema Pré-consciente/consciente nasce quando essa representação-coisa é sobre-ocupada pelo enlace com as representações-palavra que lhe correspondem. Tais sobre-ocupações, podemos conjecturar, são as que produzem uma organização psíquica mais alta e possibilitam a rendição do processo primário pelo secundário, que governa no interior do Pré-consciente (...) A representação não apreendida em palavras, ou o ato psíquico não sobre-ocupado, fica então para trás, no interior do Inconsciente, como algo reprimido”.(Freud, 1915, p. 160)

Tem-se então a ideia da representação de objeto, que passa a ter como componentes a representação de coisa e a representação de palavra. A primeira é a representação de objeto propriamente dita e, a outra, refere-se à palavra ouvida. Essa nova construção pretende tratar da questão de como se transpõem as representações do sistema Inconsciente ao Pré-

consciente/consciente. O inconsciente - substantivado como um sistema com leis próprias - tem uma gramática particular, que deve ser traduzida para a do pré-consciente/consciente para que algo emergja à consciência. Contudo, o intuito desta pesquisa não foi propriamente o enfoque sobre representações conscientes e sim como as representações se articulam no âmbito inconsciente.

Ainda no texto *o Inconsciente* Freud (1915a,p.198-199). dirá que "... o enlace com representações de palavras não coincide entretanto com o tornar-se consciente, mas sim que meramente brinda a possibilidade disso; portanto, não caracteriza outro sistema senão o do Pré-consciente.

Desta forma há uma mudança significativa na concepção de Freud sobre os conteúdos do inconsciente o que antes era um conjunto de representações recalcadas, passa a ser um conjunto de associações que formaram a representação-objeto. A consciência seria um conjunto de qualidades que uma representação-objeto pode apresentar ao ligar-se a uma representação-palavra.

Este enfoque abre possibilidades interessantes para analisar as associações entre as representações que antecedem a consciência. A pesquisa caminha então às ideias que influenciam de maneira taxativa a posição de Freud, em relação a representação-objeto.

Para dar cabo de tal pretensão, foram apresentadas as ideias associacionistas de Stuart Mill as ideias de processo psíquico primário e secundário em Freud, possibilitando assim perceber o quanto Freud se apoia nas ideias associacionistas de Mill. E com que nitidez Freud remete diretamente seu conceito de representação-objeto a Mill. Podemos ver tal referência explicitamente no texto *Afásias* (1891).

Freud (1891) diz inferir da filosofia que a representação-objeto não contém nada além da aparência de uma coisa, a qual correspondem a diversas "propriedades" das impressões sensoriais dessa ultima; e só por isso que na enumeração das impressões sensoriais que recebemos de um objeto, nós temos a possibilidade de acrescentar uma grande série de novas impressões na mesma corrente associativa. Esta ideia é vinda da filosofia de Mill apresentada por Freud explicitamente numa nota de rodapé escrita em 1891 (*Afásias. p.112*).

Stuart Mill propõe em seu livro *System* a ideia que nos chama a atenção, ele dirá:

Minha concepção da mesa na qual escrevo é composta de sua forma e tamanho visíveis que são sensações complexas de nosso órgão do tato e de nossos músculos sua solidez, que é uma sensação dos músculos... e assim por diante todas ou a maioria dessas diversas sensações frequentemente são e como nós aprendemos pela experiência, sempre podem ser apresentadas simultaneamente ou em muitas ordens de sucessão diferentes conforme nossa própria escolha portanto, o pensamento de qualquer uma delas faz-nos pensar nas outras, e o todo torna-se mentalmente amalgamado em um combinado estado de consciência..... o objeto excita ou desperta em nós certos estados de sentimentos... o que nós denominamos as propriedades de um objeto são os poderes que ele exerce produzindo sensações em nossa consciência. ( *Stuart Mill 1843 p. 57 Apud. Honda,H. 2002 pp.114-115*)

É possível reconhecer que quando relacionamos as ideias advindas de Mill e como Freud as assimila temos uma gama razoável de possibilidades para analisar o funcionamento dos processos primário e secundário.

Ao pensar sobre o conceito de representação-objeto como apresentado por Freud no texto *Afásias(1891)* e posteriormente na *Metapsicologia (1915)*, como um complexo aberto a novas impressões e que as representações-objeto não contém nada mais que associações entre impressões sensoriais, fica a impressão de que este argumento dado por Freud seria suficiente e que poderíamos dar o caso como encerrado. Mas com a ajuda de Mill foi possível repensar como as ideias se fundem uma as outras apresentando-se como uma única ideia, ou seja como estas ideias se associam e estabelecem relações.

Ao examinar o funcionamento dos mecanismos do sonho condensação e deslocamento por exemplo, que aparentemente são ilógicos, nota-se que as associações entre imagens não são feitas a grosso modo e sim por similaridades entre elas tanto sensíveis como cognoscíveis. Outro exemplo interessante que foi abordado na pesquisa é a análise sobre a viagem de Freud em 1898 a Herzegovina. Freud explica o esquecimento do nome por associações com partes do nome, porém entendemos que Freud não se atenta ao fato de que além de palavras semelhantes entre os nomes dos pintores eles também eram contemporâneos, pintavam quadros com temas semelhantes, eram pintores renascentistas e italianos.

Por fim ressaltamos uma vez mais que a pretensão desta pesquisa foi a de apresentar argumentos que entrariam em conflito com essa aparente simplicidade cognitiva inconsciente que Freud postula, abrindo assim caminhos para repensarmos a questão aqui enunciada que sem dúvidas requer a continuidade e um aprofundamento reflexivo.

## REFERÊNCIAS

- ARCHAMBAULT, Paul. *Stuart Mill: textos escolhidos e seu sistema filosófico*. Paris: Louis Michaud, 1909.
- ASSOUN, Laurent P. *Introdução à epistemologia freudiana*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Freud a filosofia e os filósofos* Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1978.
- BAIN, Alexander. *The Senses and the Intellect*. London: John W. Parrer and Son, 1855.
- \_\_\_\_\_. *Les sens et l'intelligence*. Trad. Émile Cazelles. Paris: Germer Baillière, 1874.
- BERKELEY, George. *Obras filosóficas*. Trad. Jaimir Conte. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.
- BIRMAN, Joel. *As pulsões e seus destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. (Coleção para Ler Freud)
- BIRMAN, J. Sujeito, estrutura e arcaico na metapsicologia freudiana, in *Percursos na História da Psicanálise*. Taurus.
- BLEULER, Eugen. Die Prognose der Dementia Praecox (Schizophreniegruppe). *Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie und Physisch-gerichtliche Medizin*, Zurique, vol. 65, p. 436-464, 1908.
- BREGER, Louis. *Freud – o lado oculto do visionário*. Trad. Ana Montoia e Fernando Kolleritz. São Paulo: Monole, 2000.
- CAROPRESO, Fatima. As origens do conceito de inconsciente psíquico na obra freudiana. *Natureza Humana*, São Paulo - SP, v. 05, p. 329-350, 2003.
- \_\_\_\_\_. Pensamento, linguagem e consciência na obra inicial de Freud. *Paideia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 11, n.20, p. 29-38, 2001
- \_\_\_\_\_. A teoria da significação em Stuart Mill e Freud. *Anais de Filosofia (UFSJ)*, São João del-Rei- MG, v. 8, p. 147-153, 2001

\_\_\_\_\_. O nascimento da Metapsicologia : representação e consciência na obra inicial de Freud. São Carlos Edufscar 2008.

CAMBON, Fernad (Trad.). *Sigmund Freud présenté par lui-même* [Título original: Selbstdarstellung Verlag]. Paris: Gallimard, 1948[1925].

DALBIEZ, Roland. *La méthode psychanalytique et la doctrine Freudienne*. Vol. II. Paris: Desclée de Brouwer, 1936.

\_\_\_\_\_. *O método psicanalítico e a doutrina de Freud*. Vol. I. Exposição. Trad. José Lemes Lopes. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

DELOUYA, D. . O biológico em Freud: corpo estranho ou heresia?. PERCURSO, v. 8, p. 39-45, 1992.

DORER, Maria. *Historische Grundlagen der Psychoanalyse*. Leipzig, Felix Meier. 1932.

FREUD, Sigmund. *Entrevista de Sigmund Freud à BBC em 7 de dezembro de 1938*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_sm5YFnEPBE](https://www.youtube.com/watch?v=_sm5YFnEPBE). Acesso em: 6 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. *Estudo sobre histeria. Obras completas*. Trad. Dr. Magalhães Freitas. São Paulo: Delta, 1950.

\_\_\_\_\_. *Gesammelte Werke von Sigmund Freud*. Berlin: Fischer Verlag, 1987.

\_\_\_\_\_. *Esquecimento e fantasma*. José Martinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.

\_\_\_\_\_. *Interpretação dos sonhos* (edição comemorativa 100 anos). Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001[1900].

\_\_\_\_\_. *Complemento metapsicológico à Teoria dos Sonhos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Trad. Paulo Dias Correia. Rio de Janeiro: Imago, 2002b.

\_\_\_\_\_. *A civilização e os seus descontentamentos*. Trad. Alice Santos. Lisboa: Europa-América, 2005.

\_\_\_\_\_. *Lettres à Wilhelm Fliess 1887-1904* [Sigmund Freud Briefeb an Wilhelm Fliess, 1887-1904]. Trad. Françoise Kahn e François Robert. Paris: Presses Universitaires de France, 2006a.

\_\_\_\_\_. *O ego e o id e outros trabalhos (1923 1925)*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. *Obras completas*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006b[1923].

\_\_\_\_\_. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Vol. VIII. *Standard Obras Completas Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006c.

\_\_\_\_\_. *Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas, Ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)*. *Obras completas*. Vol. 20. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 2006d.

\_\_\_\_\_. *A psicopatologia da vida cotidiana. Obras completas*. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 2010a.

\_\_\_\_\_. *A repressão*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b[1915].

\_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil* (“O Homem dos Lobos”). Além do princípio do prazer e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo* – Ensaio de metapsicologia e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d[1958].

\_\_\_\_\_. *O inconsciente*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010e[1915].

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização: Novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010f.

\_\_\_\_\_. *Os instintos e seus destinos*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010g[1915].

\_\_\_\_\_. *Pulsão e suas vicissitudes*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010h[1915].

\_\_\_\_\_. *Sobre os sonhos*. Trad. Maria João Goucha. Alfagrid: Leya, 2011.

FULGENCIO, Leopoldo. *O método especulativo em Freud*. São Paulo: Edusp, 2008.

GABBI JR., Osmyr Faria. *Freud: racionalidade, sentido e referência*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. (Coleção CLE)

\_\_\_\_\_. *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. *Introdução à metapsicologia freudiana* (Artigos de Metapsicologia 1914-1917). Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GAY, Peter. *Freud – uma vida para o nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Gueller, Adela Stoppel *Vestigios do tempo: Paradoxo da Atemporalidade no Pensamento Freudiano*. São Paulo: Arte & Ciencia, 2005.

GIANNOTTI, J. Arthur. *John Stuart Mill: o psicologismo e a fundamentação da lógica*. São Paulo: Gráfica da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, 1963.

GREEN, André. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Org. Paulo Cesar Sandler. Trad. Ana Maria Rocca Rivarola. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

\_\_\_\_\_. *O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: F. Alves; 1982

GRODDECK, Georg. *O homem e seu isso*. Trad. Natan Norbert Zins. São Paulo: Perspectiva, 1994.

HAMILTON, Willian. *Fragments de philosophie*. Trad. Louis Peisse. Paris: Ladrage, 1840.

- HANNS, Luiz. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- HONDA, Hélio. As raízes Britânicas da psicanálise: As apropriações de Stuart Mill e Hughlings Jackson por Freud. Tese de Doutorado, disponível na biblioteca IFCH ( Unicamp) 2002.
- HUME, David. *Tratado da natureza humana*. Trad. Déborah Danowki. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- JONES, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Vols. I e II. Trad. Marco Aurélio de Moura Mattos. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- KENNETH, Levin. *Freud: a primeira psicologia das neuroses. Uma perspectiva histórica*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- LAPLANCHE, J. *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: Quadrige. 1999.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 5ª ed. Trad. Pedro Tamen. Lisboa: Martins Fontes, 1970.
- LEBEDEV, I. B. Rabinovich. *O conceito de objeto na teoria psicanalítica*. Trad. Miriam Celli Dyskant. Rio de Janeiro: José Nazar, 2009.
- PRADO DE OLIVEIRA, L.E. O inconsciente freudiano entre Lou-Andréas Salomé e Victor Tausk  
Artigo. *Ágora* (Rio J.) vol.8 no.2 Rio de Janeiro July/Dec. 2005.
- Karpinska, Louise von. *Über die psychologischen Grundlagen des Freudismus*. I.Z.P, vol.2 1914 pp.305-326
- LUIZ, Monzani R. *Freud - O Movimento de um Pensamento*. Unicamp 1989.
- LE POULICHET, Sylvie. *O tempo na psicanálise*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LOPAPIC, Zeljko Loparic, Z. (1997a). Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Percurso*, 17, 41-47.
- (1997b). A máquina no homem. *Psicanálise e universidade*, 7, 97-114.
- . (1998). *Psicanálise: uma leitura heideggeriana*. *Veritas*, 43(1), 25-41.
- (1999a). É dizível o inconsciente?, *Natureza humana*, 1(2), 323-385.
- (1999b). O conceito de Trieb na psicanálise e na filosofia. In J. A. T. Machado (org.), *Filosofia e psicanálise: um diálogo* (p. 97-157). Porto Alegre: Edipuc.
- (2000). O "animal humano". *Natureza humana*, 2(2), 351-397.
- MARÍAS, Julián. *História da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- MILL, John Stuart. *La philosophie de Hamilton*. Trad. Émile Cazelles. Paris: Germer Baillière, 1869.

\_\_\_\_\_. *A lógica das ciências morais*. Trad. Alexandre Braga Massella. São Paulo: Iluminuras, 1999.

\_\_\_\_\_. *A System of Logic, Ratiocinative and Inductive*. New York: Harpe & Brothers, 2009[1882]. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/license>>. Acesso em: 15 set. 2014.

MARIA de Fátima Dias. I Colóquio Internacional Winnicottiano/IV Colóquio Winnicott do Triângulo Mineiro, realizado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em Uberaba, nos dias 9 e 10 de setembro de 2011. ( 2008).

NASCIMENTO, R. C. A noção de representação nos escritos iniciais de Freud e a construção de um novo modelo do psíquico. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília-UCB, Brasília, julho – 2001

NASIO, Juan-David. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PEREZ, Daniel Omar. *O inconsciente: onde mora o desejo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. (Coleção Para Ler Freud)

QUINODOZ, Jean M. *Ler Freud*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007.

REYS, B. O problema do afeto em Freud e Lacan. Dissertação de mestrado/IP/UFRJ 1998

REED, Edward H. Conversion Epilepsy. *The Psychoanalyse Review*, p. 52-57, jan. 1922.

ROSA, Eliza Zago Naves; João Luiz Leitão Paravidini. Esquizofrenia: cuidando de possibilidades Mental vol.10 no.19 Barbacena dez. 2013.

RICHARD, Wollheim. As ideias de Freud. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Círculo do Livro, 1971.

SIMANKE, Richard Theisen. *ágora* (Rio de Janeiro) v. XVI n. 2 jul/dez 2013 201-216

SIMANKE, Richard Theisen. Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em “Sobre a concepção das afasias” (1891) de Freud. *Discurso* – Revista de Filosofia da USP, São Paulo, n. 36, p. 55-94, 2006.

\_\_\_\_\_. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 28(1): 85-108, 2005

\_\_\_\_\_. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia* – Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência, São Paulo, vol. 7, n. 2, p. 221-231, 2009.

SELAIBE, Mara. Ensaio clínico sobre o sentido pulsões, fantasias e pensamento onírico São Paulo: Casa do psicólogo Universidade de São Paulo 2003.

TAUSK, Victor. *Oeuvres psychanalytiques*. Paris: Payote, 2000.

THÁ, Fabio. *Categorias conceituais da subjetividade*. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Paraná.

\_\_\_\_\_. *Categorias conceituais da subjetividade*. São Paulo: Annablume, 2007.

TOLSTOI, Leon. *Sonata a Kreutzer*. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

